Ancia Eterna



Julia Lopes de Almeida.

Julia Lopes de Almeida

Ancia Eterna

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1903

Cosi ma fata la natura.

GABRIELE D'ANNUNZIO.

... Quem poderá conter a palavra concebida?

(*Livro de Job*, capitulo IV, v. 2.)

OBRAS DA MESMA AUTORA:

Traços e Illuminuras, contos.
A Familia Medeiros, romance.
A Viuva Simões, romance.
Memorias de Martha, novella.
O Livro das Noivas.
A Fallencia, romance.
Historias da Nossa Terra, contos para creanças.

De collaboração:

Contos Infantis, com Adelina Amelia Lopes Vieira.
A Casa Verde, romance, com Filinto de Almeida.

ANCIA ETERNA

A JOÃO LUSO

E o teu livro? quando apparece o teu livro? perguntou Rogerio Dias ao amigo, refestelando-se numa almofada de marroquim do escriptorio.

— Parece-me que nunca...

— Porque?!

— Por isto : o que eu quero não é escrever meramente; não penso em deliciar o leitor escorrendo-lhe n'alma o mel do sentimento, nem em dar-lhe commoções de espanto e de imprevisto. Pouco me importo de florir a phrase, fazêl-a cantante ou rude, recortal-a a buril ou golpeal-a a machado ; o que eu quero é achar um engaste novo onde encrave as minhas idéas, seguras e claras como diamantes; o que eu quero é crear todo o meu livro, pensamento e fórma, fazêl-o fóra d'esta arte de escrever já tão banalisada, onde me embaraço com a raiva de não saber fazer nada de melhor. Estamos sós ; sabes que sou comtigo absolutamente sincero; dirte-ei tudo.

Quero escrever um livro novo, arrancado do meu sangue e do meu sonho, vivo, palpitante, com todos os retalhos de céo e de inferno que sinto dentro de mim; livro rebelde, sem adulações, digno de um homem. Se eu tivesse genio, não me faltaria o resto, porque não escrevo por amor da turba ingrata, nem preciso da penna para ganhar a vida; sou rico e só escrevo por uma obsessão que me verga, tal como o furacão verga o canniço.

Não te rias; a ordem vem do incognoscivel, não a discuto, acceito-a como uma lei de Deus. E não cuides que a acceitei sempre com resignação e sem reluctancia; tenho rasgado muitas paginas, incendiado muitas palavras, assoprado muita cinza aos quatro ventos!

Ao principio, mal desfazia uma pagina achava-me a fazer outra. Este martyrio ainda dura; todo o meu protesto de acabar fica onde começa o desejo de crear mais e melhor. Posto o ponto final em um livro, abre-se-me logo a vontade de escrever o primeiro periodo de outro livro. E é sempre assim; afinal, porque e para que? se os velhos como os novos trabalhos não me trazem á consciencia nem gloria nem tranquillidade? Para que? não sei... Porque? porque é preciso obedecer, porque a natureza me fez tal o canniço...

E a proposito dir-te-ei que a natureza foi cruel para mim, visto que o meu ser moral não se confunde com o meu ser intellectual. Não nasci para

escriptor, sou orgulhoso, a popularidade offende-me; não sei que melindre é este, que antes cresce do que diminue com o correr do tempo, fazendo-me cada vez mais sensivel e descontente de mim mesmo. De que vale tanto esforço?

És intelligente, vê se entendes isto : embora eu não me preoccupe com o leitor, ha sempre deante de mim, quando escrevo, um desconhecido, sombra no vacuo, indecisa, impalpavel, mas que basta para enregelar-me os dedos quando a phrase quer cahir despida e franca na brancura do papel. Ah! o preconceito! o preconceito!

E é uma creatura atada a elle, e assim orgulhosa e timida, que pensa em fazer um livro sadio, calmo, de regeneração e de esperança, como inicio de outra vida mais perfeita. Mas como hei-de eu, dependente e fraco, fazer tal livro independente e forte? Eu, que pratico o mal, não posso sem ironia ensinar o bem. A minha bocca, que mente, o meu pensamento, que atraiçòa, não são dignos de fazer uma apotheose á verdade absoluta, como a unica fonte da felicidade humana.

O livro a que alludiste é o meu martyrio : penso nelle á proporção que vou fazendo os outros, e sinto-o sempre á mesma distancia, inattingivel e sereno. O meu livro! mas qual será o escriptor, que não pense no seu livro definitivo, unico? Dize!

— Que hei de dizer? Que, talvez, mudando de habitos alcançasses a tranquillidade necessaria para um bom trabalho. Casa-te.

— Não. Eu traria para casa uma inimiga. Por mais doce e modesta que fosse, ella teria a pouco e pouco ciumes d'isto tudo... As leituras são absorventes, e as mulheres não admittem preterições. Têm razão, talvez.

De mais a mais eu tenho medo das mulheres... Vou agora contar-te, com muita opportunidade, o meu ultimo episodio amoroso, que bem póde servir de synthese a tudo que te disse.

— A respeito do livro?!

— Sim... podes pôr dentro d'esse sonho este outro sonho, certo de que a solução será a mesma. Deixa-me mandar vir café. Tu jantas hoje commigo.

— Sim, jantarei comtigo.

— Minha mãe vae ficar contentissima; não imaginas, está linda, com os cabellos brancos; alta, sempre muito direita... Chamo-lhe a minha torre da fé, illuminada!

Escuta agora a tal historia; é pequenina.

Entrei um dia com um amigo no Passeio Publico, com o pretexto de combinarmos a collaboração de um drama.

Sentámo-nos num banco, na alea esquerda, lembra-me bem; e emquanto eu fazia o meu cigarro, elle começou a expôr o seu plano. A idéa era d'elle. Eu ao principio ouvia-o com attenção, sem deixar por isso de olhar para duas creanças, vestidas á ingleza, que brincavam pela alea

ensombrada. Em frente a nós, num outro banco de pedra, duas moças conversavam baixinho.

É muito frequente em mim pensar parallelamente em dois factos differentes, até que um absorva o outro.

Sem deixar de comprehender o magnifico assumpto do meu amigo... o Josino, conheces? pois é esse; sem deixar de o ouvir, eu pensava na doçura que deveria haver em ser-se pae de umas creanças como aquellas que alli estavam, tão lindas e tão bem lavadas. Tal pensamento fez-me voltar os olhos para as duas moças. Uma, mais alta e mais nutrida, era evidentemente a mãe das creanças; tinha no collo os chapéus de palha á marinheira, e chamava de vez em quando os pequenos para arranjar-lhes o cabello e compôr-lhes a *toilette*. A outra, mais franzina, era de uma belleza singular e commovente. Trazia um vestido de lã simples e um chapéuzinho de palha que mal lhe encobria a trança loira e grossa. Todos os seus traços eram regulares; mas, de tudo, o que mais me impressionou, viva e extraordinariamente, foram os seus olhos, de um azul escuro, triste, onde me pareceu sentir uma alma grande, séria, capaz de todas as luctas e de todos os sacrificios. Nunca vi uns olhos assim. Num instante, desviando-se da companheira, elles voltaram-se para os meus... e não te posso explicar a sensação deliciosa que me agitou. Todas as minhas maguas negras se purificaram

áquella luz; assaltou-me logo uma idéa : eu podia ter um *chalet*, num canto de arrabalde, onde as rosas trepassem para o telhado e em que duas creanças saltassem no jardim, emquanto a mãe as vigiasse de um banco, como aquella que alli estava em frente. A minha vida não se consumiria na febre de um desejo vão; teria um lar feito por mim, risonho e confortavel.

Os olhos azues da moça diziam-me no seu brilho discreto e sagrado :

— Eu farei a tua felicidade. Sou educada, sou activa, sou modesta; comprehendo e amo as artes e tenho o coração aberto para as ternuras conjugaes e maternas. Vê como sou simples.

Fixámo-nos longamente. Aquelles olhos não se desviaram dos meus com o pudor pretencioso das moças, nem tampouco tiveram arrogancia ou malicia : continuaram serenos e claros, tristes sem affectação, com uma franqueza de alma limpa.

Juncta a isto a belleza das ultimas horas do sol e o perfume das dracenas em flôr. Acredita que o perfume é o cumplice de muitas paixões, muitas!

Quando sahimos do Passeio ainda ellas lá ficaram. Durante a noite pensei varias vezes naquelles olhos azues. Nesse tempo minha mãe estava fóra, tinha ido fazer a sua estação em Caldas, de modo que ao meu quarto faltava o apuro a que me acostumára. Pela primeira vez vi pó no

espaldar da minha cama, e encontrei gelhas nos lençóes :

No dia seguinte, a minha mesa de trabalho, com o tinteiro transbordante e o calice de cognac sujo, irritou-me; e ao almoço, mal servido, lamentei a falta de uma salinha de jantar, alegre, onde os olhos azues da minha esposa tivessem observado e prevenido tudo...

Que influencia profunda pode ter no destino, já determinado pela vontade de um homem, o simples relancear dos olhos de uma mulher! Porque voltava assim ao meu espirito aquelle clarão azul? Decididamente, eu encontrára a realização da minha ventura -- o casamento. Arte? ora adeus! fazer arte aqui, para que, para quem? Não valia a pena sacrificar o coração pela liberdade de artista e de bohemio. Assim pensei, e fiz-me piégas como um namorado de quinze annos.

Acreditarás que eu ia todos os dias ao Passeio Publico? Percorria-o inutilmente: não a encontrava nunca; em todo caso não desistia, a esperança de vêr os olhos azues guiava-me atravez das ruas ensombradas. Se as arvores fallassem, que diriam de mim aquellas arvores! Que idylios, que lindos devaneios tive alli! eram verdadeiros sonhos de adolescente, perfumando a vida profanada do homem disilludido e amargo.

Ella já tinha para mim uma designação purissima, era a *minha noiva*, e eu procurava-a, pare-

cendo-me que só com o vêl-a os meus dias se tornariam risonhos e placidos. Vêl-a não era tudo; eu queria ser visto, ser notado; queria fallar-lhe, ouvir-lhe a voz, dizer-lhe que a amava! E tudo me parecia facil, desde que a encontrasse!

Exactamente no dia em que entrei no Passeio mais desanimado, e certo da inutilidade da procura, foi que vi, no mesmo banco, a doce mamãe, com os chapéus dos filhos nos joelhos, e a seu lado a beatificada da minha alma. Nunca senti o coração bater-me com tanta força. Ella voltára-se para mim, via-me ir chegando... Não te posso dar uma idéa da minha commoção: eu nem sabia onde pisava, quando um acaso me favoreceu: uma das creanças cahiu a poucos passos de mim e abriu a bocca num chôro de assustar e pôr a nado os patos.

Tomei-a immediatamente nos braços e levei-a, depois de a acariciar, ás duas moças.

A mãe ergueu-se, e veio apressadamente ao meu encontro, agradecendo muito; a outra ficou sentada. Cumprimentei-a timidamente; não me respondeu. Córei, interdicto. A mamãe então murmurou com tristeza, indicando-a com um gesto, num tom de desculpa:

— É céga...

O CASO DE RUTH

A VALENTIM MAGALHÃES

Pode abraçar sua noiva! disse com bambaleaduras na papeira flacida a palavrosa baroneza Montenegro ao Eduardo Jordão, apontando a neta, que se destacava na penumbra da sala como um lirio alvissimo irrompido d'entre os florões grosseiros da alcatifa.

Elle não se atreveu, e a moça conservou-se impassivel.

— Não se admire d'aquella frieza. Olhe : eu sei que Ruth o ama, não porque ella o dissesse — esta menina é de um recato e de um melindre de envergonhar a propria sensitiva — mas porque toda ella se altera quando ouve o seu nome. O corpo treme-lhe, a voz muda de timbre e os olhos brilham-lhe como se tivessem fogo lá por dentro. Outro dia, porque uma prima mais velha, senhora de muito respeito, ousasse pôr em duvida o seu bom caracter, a minha Ruth

1.

fez-se de mil côres e taes coisas lhe disse que nem sei como a outra a aturou !

Toda a gente percebe que ella o ama ; mas é uma obstinada e lá guarda comsigo o seu segredo... Agora, que o senhor vem pedil-a, é que eu lhe declaro que estava morta por que chegasse este momento. Apreciei-o sempre como um coração e um espirito de bom quilate.

— Oh! minha senhora...

— Não lhe faço favor. Além d'isso, Ruth está com vinte e tres annos; parece-me ser já tempo de se casar. Ha de ser uma excellente esposa : é bondosa, regularmente instruida, nada temos poupado com a sua educação ; e se não apparece e não brilha muito na sociedade é pelo seu excesso de pudor. Eu ás vezes scismo que esta minha neta é pura de mais para viver na terra. Todas as pessoas de casa teem medo de lhe ferir os ouvidos e escolhem as palavras quando fallam com ella. Não admira : a mãe teve só esta filha e foi rigorosissima na escolha das mestras e das amigas; o padrasto tratava-a tambem com muita severidade, embora fosse carinhoso. Um santo homem ! Desde que elle morreu que nos falta a alegria em casa... A mulher, coitada, como sabe, ficou paralytica; e esta pequena mesmo tornou-se melancholica e sombria. A's vezes penso que ella fez voto de castidade, tal é o seu recato; desengano-me lembrando-me de quanto é moderada na religião e de que o seu bom senso

se revella em tudo! O que tenho a dizer-lhe, portanto, é isto : Affirmo-lhe que Ruth o adora e que não ha alma mais candida, nem espirito mais virginal que o seu. Ahi a deixo por alguns minutos ; se é o respeito por mim que lhe tolhe as palavras, concedo-lhe plena liberdade.

Eduardo fixou na noiva um olhar apaixonado. Na sua brancura de pétala de camélia não tocada, Ruth continuava em pé, no mesmo canto sombrio da sala. Os seus grandes olhos negros chispavam febre e ella amarrotava com as mãos, lentamente, em movimentos apertados, o laço branco do vestido.

A baroneza accrescentou ainda, carregando nas qualidades da neta e fazendo ranger a cadeira de onde se erguia :

— Ruth nunca foi de lastimeiras, e, apezar de mimosa e de apparentemente fragil, tem boa saúde. Um bom corpo ao serviço de uma excellente alma. Dirão : « Estas palavras ficam mal na tua bocca!... » Pouco importa ; são a verdade. Tenho outras netas, filhas de outras filhas ; tenho criado muitas meninas, minhas e alheias, mas em nenhuma encontrei nunca tanta doçura, tanta altivez digna e tanta pudicicia. Ahi lh'a deixo ; confesse-a !

A velha sahiu.

Todos os rumores da rua rolaram confusamente pela sala. A porta que se abriu e fechou trouxe, numa raja de luz, os repiques dos sinos,

o rodar dos vehiculos, o sussurro abominavel da cidade atarefada ; mas tambem tudo se extinguiu depressa. A porta fechou-se, as janellas voltadas para o jardim mal deixavam entrar a claridade, coada por espessas cortinas corridas, e os noivos ficaram sós, silenciosos, contemplando-se de face.

* * *

O finado barão fôra um colleccionador afincado de moveis e de outros objectos dos tempos coloniaes. Subdito de D. João VI, de que a sua adoravel memoria acusava ainda todos os traços já aos noventa annos, era sempre o seu assumpto predilecto a narração dos successos historicos presenciados por elle. A' proporção que se ia afastando dos seus dias de moço, mais aferrado se fazia aos gostos e ás modas do seu tempo.

Só se servia em baixella assignada com os emblemas da casa bragantina e a proposito de qualquer coisa dizia, fincando o queixo agudo entre o indicador em curva e o pollegar: — « Lembro-me de uma vez em que a D. Carlota Joaquina »... Ou então : — « Em que D. João VI, ou D. Pedro I, » etc. E em seguida lá vinha a descripção de um *Te-Deum*, ou de uma procissão, a que a sua imaginação facultosa emprestava as mais brilhantes pompas. A familia tinha um sorriso condescendente para aquelle apêgo, já sem

curiosidade, á força de ouvir repetir os mesmos factos. Os amigos evitavam tocar, de leve que fosse, em assumptos politicos, receosos da longura do capitulo que o barão a proposito lhes despejasse em cima ; mas só elle, o bom, o fiel, nada percebia, e, com os olhos no passado, toca a citar ditos e attitudes dos imperadores e a curvar-se numa idolatria pelo espirito bonissimo da ultima imperatriz.

Alguma coisa d'isso se reflectia em casa : tudo alli era sobrio, monotono e saudoso.

Cadeiras pesadas, de moldes coloniaes, largas de assento, pregueadas no coiro lavrado de corôas e brazões fidalgos, uniam as costas ás paredes, de onde um ou outro quadro sacro pendia desguarnecido e tristonho.

Assim o quizera elle, que até mesmo na hora suprema rejeitára um bello crucifixo que lhe offerecia o padre, voltando os olhos supplicemente para um outro crucifixo mais tôsco, erguido sobre a commoda, e que pertencera a D. Pedro I.

Para elle, naquella cruz não estava só o Christo; estava, de envolta com o respeito pelos monarchas extinctos, a lembrança dos seus folguedos de moço. Talvez mesmo, num volteio subito da memoria, se lembrasse das festas religiosas em que namorára, á sombra dos conventos, a sua primeira mulher, e beliscára com freimas amorosas os braços gordos de Janoca, a mulatinha

mais faceira de então... Quem sabe? talvez que na hora da morte não se possa só a gente lembrar das coisas serias.

Qualquer hora vivida póde ser recordada rapidamente, sem tempo de escolha.

Como a Janoca não pertencêra á historia, a familia ignorou-a ; e pelo ar gelido d'aquella galeria de espectros palacianos não apparaceu nem um requebro quente de mulatinha risonha, que lhes desmanchasse a compostura.

Depois de viuva, a segunda baroneza reformára algumas coisas e confundira os estylos, pondo no mesmo canto um contador Luiz XV, um movel da Renascença e uns tapetes modernos, entre largos reposteiros de sêda côr de marfim.

Aquella extravagancia não conseguira quebrar a severidade do todo. Tinha uma physionomia casta e grave aquella sala.

As virgens dos quadros, de longo pescoço arqueado e rosto pequenino, gosavam alli o doce socego de uma meia tinta religiosa.

Mas lá dentro, os dias passavam-se entre o tropel da creançada, os sons do piano de Ruth e a confusão dos criados.

E era por isso, que todos fugiam lá para dentro e que só Ruth, nas suas horas de inexplicavel tristeza, se encerrava alli, em companhia da Madona da Cadeira e da Virgem de S. Sixto.

Era nessa mesma sala que ella estava ainda, muda e pallida, em frente do seu amado.

— Ruth... balbuciou Eduardo.

Mas a moça interrompeu-o com um gesto e disse-lhe logo, com voz segura e firme :

— Minha avó mentiu-lhe.

O noivo recuou, num movimento de surpreza; oi ella quem se approximou d'elle, com esforço arrogante e doloroso, deslumbrando-o com o fulgor dos seus olhos bellissimos, bafejando-lhe as faces com o seu halito ardente.

— Eu não sou pura ! Amo-o muito para o enganar. Eu não sou pura !

Eduardo, livido, com latejos nas fontes e palpitações desordenadas no coração, amparou-se a uma antiga poltrona, velha reliquia de D. Pedro I, e olhou espantado para a noiva, como se olhasse para uma louca. Ella, firme na sua resolução, muito chegada a elle, e a meia voz, para que a não ouvissem lá dentro, ia dizendo tudo :

— Foi ha oito annos, aqui, nesta mesma sala... Meu padrasto era um homem bonito, forte; eu uma creança innocente... Dominava-me ; a sua vontade era logo a minha. Ninguem sabe! oh! não falle! não falle, pelo amor de Deus! Escute, escute só ; é segredo para toda a gente... No fim de quatro mezes de uma vida de luxuria infernal, elle morreu, e foi ainda aqui, nesta sala, entre as duas janellas, que eu o vi morto, extendido na eça. Que libertação, que

alegria que foi aquella morte para a minha alma de menina ultrajada ! Elle estava no mesmo logar em que me dera os seus primeiros beijos e os seus infames abraços ; alli ! alli ! oh, o damnado ! mais do que nunca lhe quero mal agora ! Não falle, Eduardo ! Minha avó morreria, soffre do coração ; e minha mãe ficou paralytica com o desgosto da viuvez... Desgosto por aquelle cão ! e ella ainda me manda rezar por sua alma, a mim, que a quero no inferno ! A's vezes tenho impetos de lhe dizer : « Limpa essas lagrimas ; teu marido deshonrou tua filha, foi seu amante durante quatro mezes... » Calo-me piedosamente ; e acodem todos : que não chorei a morte d'aquelle segundo pae e bom amigo !

. . . .

— É isto a minha vida. Cedi sem amor, pela violencia ; mas cedi.

Dou-lhe a liberdade de restituir a sua palavra á minha familia.

Ruth fallára baixo, precipitando as palavras, toda curvada para Eduardo, que lhe sentia o aroma dos cabellos e o calor da febre.

Em um ultimo esforço, a moça fez-lhe signal que sahisse e elle obedeceu, curvando-se deante d'ella, sem lhe tocar na mão.

* * *

O outro está morto ha oito annos... ninguem

sabe, só ella e eu... Está morto, mas vejo-o deante de mim ; sinto-o no meu peito, sobre os meus hombros, debaixo de meus pés, nelle tropeço, com elle me abraço em uma lucta que não venço nunca! Ninguem sabe... mas por ser ignorada será menor a culpa? Dizem todos que Ruth é purissima! Assim o crèem. Deverei contentar-me com essa credulidade? Bastará mais tarde, para a minha ventura, saber que toda a gente me imagina feliz? O meu amigo Daniel é felicissimo, exactamente por ignorar o que os outros sabem. Se a mulher d'elle tivesse tido a coragem de Ruth, amal-a-ia elle da mesma maneira? Se a minha noiva não me tivesse dito nada, não seria o morto quem se levantasse da sepultura e me viesse relatar barbaramente as suas horas de volupia, que me fazem tremer de horror! E eu, ignorante, seria venturoso, amaria a minha esposa, á sombra do maior respeito e com a mais doce protecção... E assim?! Poderei sempre conter o meu ciume e não alludir jámais ao outro?

Elle morreu ha oito annos... ella tinha só quinze... ninguem sabe! só ella e eu!... e ella ama-me, ama-me, ama-me! Se me não amasse e fosse em todo caso minha noiva dir-me-ia do mesmo modo tudo? Não... parece-me que não... não sei... se me não amasse... nada me diria! D'ahi, quem sabe? *Amo-o muito para o enganar*... parece-me que lhe ouvi isto! Se eu pudesse esquecel-a! Não devo adoral-a assim!

E' uma mulher deshonrada. A pudica açucena de envergonhar sensitivas é uma mulher deshonrada... E eu amo-a! Que hei de fazer, agora? Abandonal-a... não seria digno nem generoso... Aquella confissão custou-lhe uma agonia! Se ella não fosse honesta não affrontaria assim a minha cólera, nem se confessaria áquelle que amasse só para não sentir a humilhação de o enganar. E o que é por ahi a vida conjugal senão a mentira, a mentira e, mais ainda, a mentira?

O outro está morto... ninguem sabe, só ella e eu! Ella e eu! e que nos importam os outros, tendo toda a magua em nós dois só?! Antes todos os outros soubessem... Não! Que será preferivel — ser desgraçado guardando uma apparencia digna, ou...? Não! em certos casos ainda ha alguma felicidade em ser desgraçado... Ella ama-me... eu amo-a... elle morreu ha oito annos... já nem lhe fallam sequer no nome... Ninguem sabe! ninguem sabe... só ella e eu!

Eduardo Jordão passava agora os dias em uma agitação medonha. Attrahia e repellia a imagem de Ruth, até que um dia, vencido, escreveu-lhe longamente, amorosamente, disfarçando, sob um manto estrellado de palavras de amor, a irremediavel amargura da sua vida. « Que esquecesse o passado... elle amava-a... o tempo apagaria essa idéa, e elles seriam felizes, completamente felizes. »

O casamento de Ruth alvoroçava a casa. A

baroneza occupava toda a gente, sempre abundante em palavras e detalhes. Só Ruth, ainda mais arredia e séria, se encerrava no seu quarto, sem intervir em coisa alguma.

Relia devagar a carta do noivo, em que o perdão que ella não solicitára vinha envolvido em promessas de esquecimento. Esquecimento! como se fosse coisa que se pudesse prometter!

A moça, de bruços na cama, com o queixo fincado nas mãos, os olhos parados e brilhantes, bem comprehendia isso.

Entraria no lar como uma ovelha batida. O perdão que o noivo lhe mandava revoltava-a. Pedira-lhe ella que lhe narrasse a sua vida d'elle, as suas faltas, os seus amores extinctos? Não teria elle comprehendido a enormidade do seu sacrificio? Seria cégo? seria surdo?... dono de um coração impenetravel e de uma consciencia muda? As suas mãos estariam só tão affeitas a caricias que não procurassem estrangulal a no terrivel instante em que ella lhe dissera — eu não sou pura? Ou então porque não a ouvira de joelhos, compenetrado d'aquelle amor, tão grande que assim se desvendava todo?! Elle promettia esquecer! mas no futuro, quando se enlaçassem, não evocariam ambos a lembrança do outro? Talvez que, então, Eduardo a repellisse, a deixasse isolada no seu leito de nupcias, e fugindo para a noite livre fosse chorar lá fóra o sonho da sua mocidade... Sim, a sua noite de nupcias seria uma noite de

inferno! Se elle fosse generoso ella adivinharia atravéz da doçura do seu beijo os resaibos da lembrança do primeiro amante; e quanto maior fosse a paixão, maior seria a raiva e o ciume.

Esquecimento!... sim... talvez, lá para a velhice, quando ambos, frios e calmos, fossem apenas amigos.

Ruth pensou em matar-se. Viver na obsessão de uma idéa humilhante era demais para a sua altivez. Desejou então uma morte suave, que a levasse ao tumulo com a mesma apparencia de cecem candida, de envergonhar a propria sensitiva.

Queria um veneno que a fizesse adormecer sonhando; e quanto déra para que nesse sonho fosse um beijo de Eduardo que lhe pousasse nos labios!

* * *

De lucto a casa. Ramos e corôas virginaes entravam a todo o instante. Quem saberia explicar a morte de Ruth? foram achal-a extendida na cama, já toda fria.

Agora estava entre as duas janellas, na grande sala sombria, espalhando sobre o fumo da eça as suas rendas brancas e o seu fino véo de noiva. Parecia sonhar com o desejado esposo, que alli estava a seu lado, pallido e mudo.

Entravam já para o enterro e foi só então que uma voz disse alto, sahindo da penumbra d'aquella sala antiga:

— Vae ficar com o padrasto, no mesmo jazigo...

Eduardo fixou a morta com doloroso espanto. Estava linda! Na pelle alvissima nem uma sombra. Os cabellos negros, mal atados na nuca, desprendiam-se em uma madeixa abundante, de largas ondas.

— Que! seria ainda para o outro aquelle corpo angelico, tão castamente emmoldurado nas roupas do noivado? Seria ainda para o outro aquella mocidade, aquella creatura divina, que deveria ser sua?!

E a mesma voz repetiu:

— Vae ficar com o padrasto...

Com o padrasto, noites e dias... fechados... unidos... sós! Fôra para isso que ella se matára, para ir ter com o outro! aquelle outro de quem via o esqueleto torcendo-se na cova, de braços extendidos para a reconquista da sua amante!

Allucinado, ciumento, Eduardo arrancou então num delirio o véo e as flôres de Ruth, e inclinando um tocheiro pegou fogo ao panno da eça.

E a todos que acudiram nesse instante pareceu que viam sorrir a morta em um extasi, como se fosse aquillo que ella desejasse...

A ROSA BRANCA

A MAGALHÃES DE AZEREDO

A viuva do commandante Henriques dizia a toda a gente que, das suas duas netinhas, dava preferencia á primeira; demonstrando pela segunda uma sympathia mediocre.

Commentava cada um a seu modo aquella excentricidade de velha romantica. O verdadeiro motivo, porém, consistia em ser a neta mais velha extraordinariamente parecida com a familia Henriques, emquanto que a mais moça pertencia toda á familia do pae, um provinciano feio. Angela, que era a primeira, recebia continuamente presentes da avó; a outra, a Ignez, olhava com melancholia para aquellas doces manifestações de amor, perguntando mentalmente em que desmereceria ella da ternura da mãe de sua mãe?

Acostumaram-se todos com aquella injustiça, menos a pobre Ignezinha, que chorava muitas vezes ás occultas, chamando-se desgraçada!...

Com o tempo veio a necessidade de Angela entrar para um collegio,

A avó lamentou-se, tornando-se ainda mais indifferente para a pobre Ignez e atirando-lhe para cima todas as culpas; era ella quem quebrava a louça que se sumia do armario; era ella que fazia enxaquecas á mãe com a bulha dos seus sapatos insupportaveis; era ella quem arrancava as plantas do jardim e quem roubava os doces do guarda-prata; era ella quem batia nos animaes, quem riscava os moveis, quem enchia de trapos e de papeis o chão, quem impacientava as criadas e pedia dinheiro ás visitas.

Ella era o demonio! e, na sua opinião, seria muito mais sensato mandal-a de preferencia para o collegio, como pensionista, e deixar em casa a Angela, a quem se offerecia para pagar os mestres.

O alvitre não foi bem recebido. E Angela teve de partir para Itú, logar escolhido para a sua educação.

Na vespera, á noite, recahindo a conversa sobre assumptos de presentimentos e de superstições, Angela teve a phantasia de dizer á avó:

— Olhe, vovó, todas as manhãs ha de vêr no seu oratorio uma rosa branca. Será o meu pensamento que ha de vir visital-a. No dia em que a rosa estiver meio murcha, será um signal de que eu estou doente; e se ella não apparecer, será porque eu morri!

— Deixa-te de tolices! Não quero que minha filha leve de casa semelhantes idéas! Acreditarás por acaso nisso?

— Não, mamãe... eu estava brincando... Descance que a rosa branca não ha de vir!

Do seu canto, a pobre Ignez observou que o olhar da avó se tornára angustioso, turvo como a agua onde se reflectisse uma nuvem negra. A pobre senhora acreditava em sonhos e em phantasmas; sabia historias complicadas e extravagantes; coisas extraordinarias que ella queria impôr á fé ou á incredulidade dos outros! Já agora, se a rosa branca não surgisse todas as madrugadas aos pés da Virgem das Dôres, ella havia de suppôr que a sua Angelita tinha ido fazer companhia aos cherubins!

E emquanto a sua preferida dizia descuidada e risonha: « Eu estava brincando... » a outra lia-lhe no olhar toda a inquietação e tristeza!

A despedida de Angela foi dolorosa para o coração da avó; a pobre senhora levou o dia inteiro a chorar, encerrada no quarto, e, quando consentiu em ir ao chá, notaram todos a extraordinaria alteração da sua physionomia. Estava impaciente, phrenetica, olhando de soslaio para a pobre Ignez, com quem varias vezes ralhou sob qualquer pretexto:

— Menina, isso são modos? Tire a mão da mesa!

E continuava depois, voltando-se para uma visita :

— Tanto tem a Angelita de ajuizada e de boa, quanto esta tem de insensatez e máu genio! Pudera! fazem-lhe todas as vontades! Eu nunca vi!

A mãe acudiu em defesa da filha, e a questão prolongou-se, até que a avó, desesperada, exclamou :

— A outra foi aos onze annos de pensionista para o collegio; pois bem, esta tem nove, e aposto em como nem d'aqui a tres annos irá acompanhar a irmã! Injustiças é que me revoltam.

Ignez ouvia humilhada e triste aquella troca de palavras, consolando-se com a doçura do olhar da mãe, que cahia sobre ella como uma bençam.

No seu pequeno quarto, em frente á cama vasia da irmã, Ignezinha procurava em vão adormecer. Revolvia-se entre os lençóes, olhava para o tecto, onde a luz da lamparina punha sombras, e lembrava-se do olhar da avó, quando a Angela fallara na rosa branca! Ah! por que lhe quereria tanto mal a sua avó? No entanto, procurava fazer-lhe as vontades, e tinha-lhe até muita amisade! Realmente, a Angela era tão boa! e tão bonita!

Sim, ella tambem achava natural que a velhinha preferisse a outra... Mas seria razoavel que a deprimisse sempre, e assim... deante de gente de fóra? Tentava dormir : fechava os olhos e punha-se a rezar :

— *Ave, Maria, cheia de graça!...* E a rosa branca? ah! se a vovó não a encontra no oratorio... é capaz de chorar! Fazei, virgem Maria, com que nasça uma rosa branca a vossos pés!

Se fosse eu que estivesse no collegio, a vovó estaria contente! Porque será que não gosta de mim? E' verdade que eu lhe tenho feito mal, mas sem ser por vontade... entornei-lhe chá quente na mão... quebrei o seu espelho novo; mas o que com certeza ella não me perdôa, é eu ter batido na Angela! Coitadinha da Angela! ella não se queixou... quem teria visto? mas se eu não lhe batesse, ella matava o gato da visinha, e depois? Sim! a vovó tem-me raiva desde esse dia... mas eu tenho dado tantos beijos na Angela! Pobre da minha irmã, que saudade ella hoje terá da sua caminha!

Apezar dos meus beijos, a amisade da vovó não voltou. Mamãe sempre me diz que não julgue eu isso, que a vovó adora-me! como o saberá? Mas a mamãe não mente; logo que diz, é porque é.

Com as mãozinhas cruzadas sobre o peito, toda envolvida na sua longa camisa de dormir, Ignez luctava com a insomnia, e, para afastar os pensamentos, recomeçava a dizer : *Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco...*

No entanto, antevia as mãos tremulas da avó, procurando em vão a rosa branca entre as dobras do velludo azul do manto de Nossa Senhora. Depois as lagrimas cahindo-lhe ás duas pela face

engelhada... E tinha pena, e tornava, cheia de fé, a supplicar :

— Virgem Maria! fazei com que nasça uma rosa branca a vossos pés!

A luz da lamparina foi-se tornando pallida, á proporção que os vidros da janella se iam illuminando pela claridade exterior. Ignez ergueu-se. Nunca tinha visto amanhecer, mas o seu fito era outro; foi cautelosamente á janella, abriu-a e olhou. Nuvens côr de rosa ennovelavam-se sob o céo azul; no alto, mostrava-se a lua, estreita como um fio de luz arqueado, e um pouco abaixo entrebrilhava uma grande estrella esbranquiçada e fria. Os passaros cantavam; havia uma frescura leve toda embalsamada de aromas.

Ignez espreitou o oratorio.

— Nada! A lampada accesa, bruxoleante, diffundia a sua tenue chamma sobre um ramo de flôres artificiaes! Voltou á janella do seu quarto, ao rez do chão; vacillou um momento, mas, armando-se de coragem, saltou-a, e correu para um recanto do jardim, onde varias roseiras ostentavam as suas bellissimas flôres.

A' hora do almoço, a avó appareceu risonha e tranquilla, com o olhar abrandado por uma mysteriosa doçura d'alma. Passaram-se dias, durante os quaes a pobre senhora achou sempre no seu oratorio a promettida rosa branca, que era, a seu ver, a visita do pensamento da adorada netinha! Cada vez mais terna para a ausente, tornava-se

mais rispida para a Ignez. A pequenita andava agora mais abatida e magra, chegando a inspirar cuidados á familia.

A historia da rosa era ignorada por todos; a avó guardava o segredo da *visita* de Angela, egoisticamente, conservando as rosas, mesmo depois de murchas, num cofrezinho dourado!

Um dia, estavam todos á mesa, quando o jardineiro se foi queixar de que todas as noites ia alguem roubar uma rosa branca a uma das roseiras de mais estimação do jardim!

Da rua não entrava ninguem; aquillo era coisa de gente da casa; pedia providencias.

Ignez tornou-se rubra; a avó estremeceu, e o dono da casa, um colleccionador fanatico, prometteu um tiro a quem, sem seu consentimento, lhe arrancasse as rosas do jardim. A' noite verificou a existencia de um formoso botão. No dia seguinte o botão havia desapparecido!

Aquella persistencia exasperou-o. Começaram as indagações. A avó julgou de seu dever intervir, contando o facto que se passava comsigo, e aconselhando paciencia. Era a mão invisivel de um ente sobrenatural e piedoso, que vinha, mensageiro da sua Angelita, trazer-lhe a flôr promettida!

Essa revelação desorientou-os. A pessoa era então, evidentemente, de casa, e tão intima que entrava nos quartos da familia! Houve ameaças... Entretanto, a doce rosa branca, aquietadora dos sustos da avó, apparecia todas as manhãs, fresca

e orvalhada, sob o manto estrellado da mãe de Deus!

As criadas começaram a suppôr phantasmas, a asseverar que os viam, e de tal fórma que a propria Ignez entrou de ter medo!

Uma noite deitou-se resolvida a faltar á sua caridosa lembrança; a avó que tivesse paciencia e apprehensões e lagrimas, — ella não se arriscaria nunca mais para poupar-lhe esses desgostos! E ficou, como na primeira noite, nervosa, imaginando a decepção da velha! Passou por fim ligeiramente pelo somno; acordando, viu tamanha claridade na janella, que suppoz ser já dia. Saltou do leito, e, sem meditar, levada pelo habito, ainda quasi a dormir, pulou para o jardim, arrastando na areia a sua camisola branca e maguando no chão os pézinhos descalços.

A lua, em todo o esplendor, espalhava a sua luz avelludada; estava tudo silencioso, silencioso!

Ignez, no meio do caminho, ao ar fresco, comprehendeu o seu engano: levantara-se alta noite! A bulha dos seus passos naquella solidão horrorisou-a. Ah! era a hora dos phantasmas, e ella não ousava olhar para traz! caminhava sempre, com os labios seccos e os olhos muito abertos! Foi com um movimento nervoso que arrancou da haste a triste flôr piedosa, não ousando observal-a, porque, quando á violencia do puxão a roseira balançou os seus botões nevados, afigurou-se-lhe ver uma danca macabra improvisada no ar por

extranhos e pequeninos espectros! Correu então allucinada para casa, saltou para dentro, e, sem tomar as precauções do costume, entrou no oratorio precipitadamente e atirou aos pés da Virgem a doce rosa branca, murmurando ao mesmo tempo, com a voz alterada pelo medo :

« *Salve, Rainha... Mãe de misericordia...vida e doçura... esperança nossa !* »

Não acabou. Transida de medo e de frio, cahiria no chão... se dois braços não a amparassem meigamente.

Eram os braços da avó, que a cobria de beijos, repetindo-lhe :

—Como tu és boa, minha adorada Ignez ! como tu és boa!

OS PORCOS

A ARTHUR AZEVEDO

Quando a cabocla Umbelina appareceu gravida, o pae moeu-a de surras, affirmando que daria o neto aos porcos para que o comessem.

O caso não era novo, nem a espantou, e que elle havia de cumprir a promessa, sabia-o bem. Ella mesma, lembrava-se, encontrara uma vez um braço de creança entre as flôres douradas do aboboral. Aquillo, com certeza, tinha sido obra do pae.

Todo o tempo da gravidez pensou, numa obsessão crudelissima, torturante, naquelle bracinho nú, solto, frio, resto d'um banquete delicado, que a torpe voracidade dos animaes esquecêra por cansaço e enfartamento.

Umbelina sentava-se horas inteiras na soleira da porta, alisando com um pente vermelho de celluloide o cabello negro e corredio. Seguia assim, preguiçosamente, com olhar agudo e vagaroso, as linhas do horizonte, fugindo de fixar os porcos,

aquelles porcos maldictos, que lhe rodeavam a casa desde manhã até a noite.

Via-os sempre alli, arrastando no barro os corpos immundos, de pelo ralo e banhas descahidas, com o olhar guloso, luzindo sob a palpebra molle, e o ouvido encoberto pela orelha chata, no egoismo brutal de concentrar em si toda a attenção. Os leitões vinham por vezes, barulhentos e ás cambalhotas, envolverem-se na sua saia, e ella sacudia-os de nojo, batendo-lhes com os pés, dando-lhes com força. Os porcos não a temiam, andavam perto, fazendo desapparecer tudo deante da sofreguidão dos seus focinhos rombudos e moveis, que iam e vinham grunhindo, babosos, hediondos, sujos da lama em que se deleitavam, ou alourados pelo pó do milho, que estava para alli aos montes, flavescendo ao sol.

Ah! os porcos eram um bom sumidouro para os vicios do caboclo! Umbelina execrava-os e ia pensando no modo de acabar com o filho d'uma maneira menos degradante e menos cruel.

Guardar a creança... mas como? O seu olhar interrogava em vão o horizonte frouxelado de nuvens.

O amante, filho do patrão, tinha-a posto de lado... diziam até que ia casar com outra! Entretanto achavam-na todos bonita, no seu typo de india, principalmente aos domingos, quando se enfeitava com as maravilhas vermelhas, que lhe

davam colorido á pelle bronzeada e a vestiam toda com um cheiro doce e modesto...

Eram duas horas da madrugada, quando a Umbelina entreabriu um dia a porta da casa paterna e se esgueirou para o terreiro.

Fazia luar; todas as coisas tinham um brilho suavissimo. A agua do monjolo cahia em gorgolões soluçados, flanqueando o rancho de sapê, e correndo depois em fio luminoso e tremulo pela planicie fóra. Flòres de gabiroba e de esponjeira brava punham lençóes de neve na extensa margem do corrego; todas as hervas do matto cheiravam bem. Um gallo cantava perto, outro respondia mais longe, e ainda outro, e outro... até que as vozes dos ultimos se confundiam na distancia com os mais leves rumores nocturnos.

Umbelina afastou com mão febril o chale que a envolvia, e, descobrindo a cabeça, investigou com olhar sinistro o céo profundo.

Onde se esconderia o grande Deus, divinamente misericordioso, de quem o padre fallava na missa do arraial em termos que ella não attingia, mas que a faziam estremecer?

Ninguem póde fugir ao seu destino, diziam todos; estaria então escripto que a sua sorte fosse essa que o pae lhe promettia — de matar a fome aos porcos com a carne da sua carne, o sangue do seu sangue?!

Essas coisas rolavam-lhe pelo espirito, indeterminadas e confusas. A raiva e o pavor do parto

estrangulavam-na. Não queria bem ao filho, odiava nelle o amor enganoso do homem que a seduzira. Matal-o-ia, esmagal-o-ia mesmo, mas lançal-o aos porcos... isso nunca! E voltava-lhe á mente, num arrepio, aquelle bracinho solto, que ella tivera entre os dedos indifferentes, na sua bestialidade de cabocla matuta.

O céo estava limpo, azul, um céo de janeiro, quente, vestido de luz, com a sua estrella Vesper enorme e diamantina, e a lua muito grande, muito forte, muito esplendorosa!

A cabocla espreitou com olho vivo para os lados da roça de milho, onde ao seu ouvido agudissimo parecêra sentir uma bulha cautelosa de pés humanos; mas não veio ninguem, e ella, abrazada, arrancou o chale dos hombros e arrastou-o no chão, segurando-o com a mão, que as dôres do parto crispavam convulsivamente. O corpo mostrou-se disforme, mal resguardado por uma camisa de algodão e uma saia de chita. Pelos hombros estreitos agitavam-se as pontas do cabello negro e luzidio; o ventre pesado, muito descahido, difficultava-lhe a marcha, que ella interrompia a miude para respirar alto, ou para agachar-se, contorcendo-se toda.

A sua idéa era ir ter o filho na porta do amante, matal-o alli, nos degráos de pedra, que o pae havia de pisar de manhã, quando descesse para o passeio costumado.

Uma vingança doida e cruel aquella, que se

fixara havia muito no seu coração selvagem.

A creança tremia-lhe no ventre, como se presentisse que entraria na vida para entrar no tumulo, e ella apressava os passos nervosamente por sobre as folhas da trapoeiraba maninha.

Ai! iam ver agora quem era a cabocla! Desprezavam-na? Riam-se d'ella? Deixavam-na á tôa, como um cão sem dono? Pois que esperassem! E ruminava o seu plano, receando esquecer alguma minucia...

Deixaria a creança viver alguns minutos, fal-a-hia mesmo chorar, para que o pae lá dentro, entre o conforto do seu colchão de paina, que ella desfiára cuidadosamente, lhe ouvisse os vagidos debeis e os guardasse sempre na memoria, como um remorso.

Ella estava perdida. Em casa não a queriam; a mãe renegava-a, o pae batia-lhe, o amante fechava-lhe as portas... e Umbelina praguejava alto, ameaçando de fazer cahir sobre toda a gente a colera divina!

O luar com a sua luz brancacenta e fria illumi nava a triste caminhada d'aquella mulher quasi núa e pesadissima, que ia golpeada de dôres e de mêdo atravéz dos campos. Umbelina ladeou a roça de milho, já secca, muito amarellada, e que estalava ao contacto do seu corpo mal firme; passou depois o grande cannavial, d'um verde d'agua, que o luar enchia de doçura e que se alastrava pelo morro abaixo, até lá perto do engenho, na espla-

nada da esquerda. Por entre as cannas houve um rastejar de cobras, e ergueu-se da outra banda, na negrura do mandiocal, um vôo fôfo, de ave assustada. A cabocla benzeu-se e cortou direito pelo terreno molle do feijoal ainda novo, esmagando sob as solas dos pés curtos e trigueiros as folhinhas tenras da planta ainda sem flôr. Depois abriu lá em cima a cancella, que gemeu prolongadamente nos movimentos de ida e de volta, com que ella a impelliu para deante e para traz. Entrou no pasto da fazenda. Uma grande mudez por todo o immenso gramado. O terreno descia numa linha suave até o terreiro da habitação principal, que apparecia ao longe num ponto branco. A cabocla abaixou-se tolhida, suspendendo o ventre com as mãos.

Toda a sua energia ia fugindo, espavorida com a dôr physica, que se approximava em contracções violentas. A pouco e pouco os nervos distenderam-se, e o quasi bem-estar da extenuação fel-a deixar-se ficar alli, immovel, com o corpo na terra e a cabeça erguida para o céo tranquillo. Uma onda de poesia invadiu-a toda: eram os primeiros enleios da maternidade, a pureza inolvidavel da noite, a transparencia lucida dos astros, os sons quasi imperceptiveis e mysteriosos, que lhe pareciarem vi de longe, de muito alto, como um écho fugitivo da musica dos anjos, que diziam haver no céo sob o manto azul e fluctuante da Virgem Mãe de Deus...

Umbelina sentia uma grande ternura tomar-lhe o coração, subir-lhe aos olhos.

Não a sabia comprehender e deixava-se ir naquella vaga sublimemente piedosa e triste...

Subito, sacudiu-a uma dòr violenta, que a tomou de assalto, obrigando-a a cravar as unhas no chão. Aquella brutalidade fèl-a praguejar e erguer-se depois raivosa e decidida. Tinha de atravessar todo o comprido pasto, a margem do lago e a orla do pomar, antes de cahir na porta do amante.

Foi; mas as forças diminuiam e as dôres repetiam-se cada vez mais proximas.

Lá embaixo apparecia já a chapa branca, bátida do luar, das paredes da casa.

A roceira ia com os olhos fitos nessa luz, apressando os passos cansados. O suor cahia-lhe em bagas grossas por todo o corpo, ao tempo que as pernas se lhe vergavam ao peso da creança.

No meio do pasto, uma figueira enorme extendia os braços sombrios, pondo uma mancha negra em toda aquella extensão de luz. A cabocla quiz esconder-se alli, cansada da claridade, com medo de si mesma, dos pensamentos peccaminosos que tumultuavam no seu espirito e que a lua santa e branca parecia penetrar e esclarecer. Ella alcançou a sombra com passadas vacillantes; mas os pés inchados e dormentes já não sentiam o terreno e tropeçavam nas raizes de arvores, muito extendidas e salientes no chão. A cabocla cahiu de joelhos, amparando-se para a frente nas mãos espalmadas.

O choque foi rapido e as ultimas dôres do parto vieram tolhel-a. Quiz reagir ainda e levantar-se, mas já não poude, e furiosa descerrou os dentes, soltando os ultimos e agudissimos gritos da expulsão.

Um minuto depois a creança chorava suffocadamente. A cabocla então arrancou com os dentes o cordão da saia e, soerguendo o corpo, atou com firmeza o umbigo do filho, e enrolou-o no chale, sem olhar quasi para elle, com medo de o amar...

Com medo de o amar!... No seu coração de selvagem desabrochava timidamente a flôr da maternidade. Umbelina levantou-se a custo com o filho nos braços. O corpo esmagado de dôres, que lhe parecia esgarçarem-lhe as carnes, não obedecia á sua vontade. Lá em baixo a mesma chapa de luz alvacenta acenava-lhe, chamando-a para a vingança ou para o amor. Julgava agora que se batesse áquellas janellas e chamasse o amante, elle viria commovido e tremulo beijar o seu primeiro filho. Aventurou-se em passadas custosas a seguir o seu caminho, mas voltaram-lhe depressa as dôres e, sentindo-se esvahir, sentou-se na grama para descançar. Descobriu então a meio o corpo do filho: achou-o branco, achou-o bonito, e num impulso de amor beijou-o na bocca. A creança moveu logo os labios na sucção dos recem-nascidos e ella deu-lhe o peito. O pequenino puxava inutilmente, a cabocla não tinha alento, a cabeça pendia-lhe numa vertigem suave, veio-lhe depois

O VOTO

As pitangueiras, garridas com as suas fructinhas de coral, estavam ainda molhadas da chuva da vespera. O sol, que ia subindo, punha uma larga barra côr de laranja no céo, de um azul violeta; cantava um bem-te-vi na copa alta de uma paineira, e a aragem da manhã vinha toda perfumada de manacá e de ervilhas de cheiro.

Com o samburá na mão, a saia redonda mostrando-lhe os tornozellos finos, a Ginóca, saltitante e mimosa como a jurity, enterrava na grama orvalhada os pézinhos delicados, sem pena de molhar as suas meias vermelhas e os seus sapatos amarellos.

Ella passava risonha, cantando num débil, mas agradavel fio de voz, uma cantiga da roça.

Das grandes folhas das bananeiras rolavam, como contas, os pingos d'agua, e de fragmento em fragmento as formigas iam levando para as suas tócas os araçás de que a chuva tinha alastrado o chão.

Ginóca escolheu com cuidado os melhores marmellos e os figos mais maduros. Suspendeu-se

depois, alegre e agil, num galho de pitangueira, e foi então uma chuva de coraes e de orvalho sobre a sua blusa de linho branco e sobre os seus cabellos corredios e negros.

Cheio o samburá, ella subiu o pomar até perto de casa.

O pae, um homem athletico, estava de pé no meio do terreiro, saboreando um copo de leite. Ao pé d'elle a vacca silenciosa esperava submissa, com o focinho voltado para a luz. Ginóca deu-lhe um figo.

O animal estava acostumado áquellas gulodices, comeu a fructa e lambeu a mão da moça.

Acabado o leite, o pae entregou o copo á filha, e esta, abaixando-se, tomou na palma da mão a têta da vacca e ia mungil-a para encher novamente o copo, quando o pae exclamou :

— Olha, Ginóca, aquelle que vem acolá, é o Camondongo! Ora se é! conheço-o perfeitamente pelo tróte!

Ginóca levantou-se de um salto; extendeu a mão sobre as sobrancelhas para vêr melhor, e depois de um segundo de observação disse com ar de triumpho :

— E', papae ! lá vem Mauricio!... assobie para vêr se elle ouve!...

O velho assobiou estridulamente. Não se ouviu resposta. Houve um bater de azas apressadas no pomar, e o bem-te-vi calou-se. Ginóca respirou com força, enchendo o peito com o ar impregnado

de que o estudante estava á morte no Rio, com febre amarella!

Foi um terror immenso!

Ginóca supplicava ao pae que a levasse para junto do noivo; o pae negava-se, e as horas passavam lentas e amarguradas. Cessaram as noticias e o presentimento da morte tolheu os corações do pae e da filha; elle queria disfarçar, mas não o conseguia, e a Ginóca, já sem lagrimas, muito pallida, parecia uma louca. Uma noite, emquanto o pae dormia, ella ajoelhou-se em frente ao quadro da Virgem e fez, com toda a fé da sua alma castissima, uma promessa á Mãe de Deus. Quando se levantou, os seus olhos resplandeciam de lagrimas, mas havia uma expressão energica de confiança e de paz no seu bello rosto moreno. Nem um soluço quebrou o silencio da noite.

No outro dia de manhã receberam uma carta. Mauricio estava salvo.

Rebentaram os risos. O velho disse á filha que escrevesse ao noivo, dizendo-lhe para ir convalescer em sua casa. Ginóca ria, relendo e beijando a carta.

— Sabes que mais? disse-lhe o pae, o casamento vae fazer-se já... isto de cuidados e demoras não são coisas do meu agrado. Elle que venha e trataremos d'isso. O padre Benedicto ahi está e um altar arma-se num momento!

Ginóca suspendera subitamente o riso e tornou se branca como o linho.

Na maior parte das manhãs não sahiam do sitio, mas nem por isso se levantavam mais tarde. Quando abriam as janellas, as montanhas de Friburgo estavam ainda envoltas num nevoeiro espesso, que o sol ia desfazendo numa polvilhação dourada. A estrada, vermelha, serpeava ao longe entre a verdura dos campos e o espreguiçar azulado e frio das aguas da cachoeira. Os carneiros balavam á distancia, e no ar fresco e leve cruzavam-se cantos de aves e aromas de flôres.

Ginóca, lépida como uma cabrita, descia ao curral e vinha puxando a vacca, a grande vacca branca e preta, que a seguia com olhar melancholico e meigo.

D'ahi eram as partidas no pomar; os assaltos ás pitangueiras. Mauricio trepava á arvore, Ginóca aparava as fructas no avental; enfeitava a trança negra com as pitanguinhas vermelhas, desfolhava no seio as flôres dos limoeiros, e era tudo alegria e risadas. Quando voltavam para o almoço, iam impregnados do aroma das hervas e com o rosto ainda humido da agua, muito transparente e fria, que atravessava a horta, levando na corrente um ou outro junquilho ou as florinhas douradas dos pés de hortaliça.

Expirado o tempo das férias, Mauricio voltou ao Rio, e a Ginóca começou a trabalhar com afinco no enxoval.

Iam as coisas assim, quando tiveram noticia

de manacá e de ervilhas de cheiro. O coração batia-lhe, as faces côr de jambo maduro fizeram-se-lhe vermelhas como rosas de Alexandria.

— Pois você não vê como o pobre Camondongo vem depressa! Aposto em como o diabo do Mauricio traz esporas! Vae abrir a cancella, que o teu noivo não tarda... Tambem, se elle tiver esporeado o Camondongo, ha de se haver commigo!

— De Friburgo até aqui é longe... respondeu ella, desculpando o noivo.

— Longe! Duas leguas mal medidas... Deus me dê annos de saúde, como de vezes as tenho andado a pé... Quando tua mãe era viva...

Não continou; o rumor das patas do cavallo approximava-se, e a Ginóca deitou a correr para a cancella; o pae seguiu-a sorrindo, e a vacca avançou vagarosamente para o samburá esquecido no chão, e, com toda a calma, devorou os figos.

Mauricio era noivo e primo da Ginóca; estudava medicina e só pelas ferias ia passar um tempo em casa do tio.

Ginóca adorava-o, e o pae acceitava com alegria aquelle casamento, porque era doido pelo sobrinho. « Um rapaz de mão cheia! dizia elle aos amigos, e sabe tantas coisas! Tem sciencia para dez! »

O que elle temia, era que o moço se corrompesse com os livres-pensadores...

Religioso, arraigado á egreja, elle queria para

genro um homem de crenças seguras no poder infinito do Ser Supremo...

— Ora viva o Sr. Mauricio! gritou elle ao sobrinho, que era todo olhos para a Ginóca.

— Tio Guilherme... murmurou, abraçando-o, o moço.

Trocadas as primeiras expansões, entraram. Na pequena sala de jantar, alegre e rustica, alvejavam a toalha e a louça para o almoço; na parede caiada, ao fundo, sobre uma prateleira de pinho coberta de crochet, um boião de barro sustinha um ramo de rosas de todo o anno, de hortencias azues e de alecrim cheiroso. No alto, um quadro da Virgem, em oleographia, com a sua tunica branca e o manto fluctuante, sorria no meio d'aquella pobreza alegre. O tio Guilherme benzeu-se antes de sentar-se á mesa; a filha rezou de mãos postas, e Mauricio desviou o olhar para a janella, onde uma borboleta azul batia de encontro aos vidros.

O tempo das ferias voou alegremente.

Ás vezes iam a uma propriedade visinha, de uns *sitiantes* suissos, comprar manteiga fresca ou assistir á colheita das batatas. Ginóca levava sempre uma cestinha que enchia das framboezas da estrada, para dar ás creanças que encontrasse. Mauricio auxiliava-a, e o pae ria-se, alegrado pelo amor e a mocidade de ambos. Era bem certo que Deus tinha creado aquelles dois um para o outro!

— Casar?..,

— Então?!

— E' impossivel! Oh! não me pergunte porque, papae; é impossivel!

— Ora esta!

O velho suppoz que a filha delirasse e tomoulhe o pulso. A moça correu para o interior da casa, e elle, attonito, ficou olhando para o buraco vasio da porta por onde ella tinha fugido.

Passou todo o dia afflicto.

Que teria a Ginóca? Resolveu-se a chamar o medico; mas antes d'isso quiz ainda consultar a filha.

Ás Ave-Marias desceram ambos ao pomar. No galho florido de um pecegueiro cantava um sabiá, e no fundo azul pallido do céo as montanhas de Friburgo desenhavam-se muito escuras.

— Olha, Ginóca... por que é que já não queres casar com teu primo?... perguntou o tio Guilherme, com ar constrangido e timido.

A filha baixou a cabeça, silenciosa, vencida pela commoção.

— Elle fez-te algum mal, offendeu-te?

— Oh! não!

— Então que teima é essa?! o pobre moço adora-te, e eu, francamente, estava satisfeito...

— Eu já não posso casar!

— Hein!? Já não pódes casar! que diabo de linguagem é essa?!

Ginóca parou, ergueu para o pae os olhos humidos e murmurou :

— Fiz um voto... prometti a Nossa Senhora que, se salvasse Mauricio da morte, eu ficaria solteira a vida toda...

O pae recuou, como se tivesse levado uma pedrada no coração. Rolaram no ar sereno da tarde as badaladas das Ave-Marias; elle, respeitoso e triste, tirou o chapéo. A Ginóca apoiou-se a um tronco de arvore, soluçando alto.

Extincta a ultima vibração do Angelus, o velho disse tremulamente á filha :

— Já que fizeste um voto... tens de cumpril-o...

Ella abanou affirmativamente a cabeça.

Voava por todo o pomar o doce aroma das ameixieiras em flôr.

E OS CYSNES ?

A BAPTISTA COELHO

Procurando emoções, ou por uma curiosidade extravagante, a viscondessa de S. Roque lembrou-se um dia de ir vêr o hospital de alienados do Dr. Aguilar.

Descendo do seu *coupé* dentro do pateo do edificio, perguntou ao porteiro pelo director.

Não estava; mas como não devesse tardar, conduziram-na a um escriptorio ao rez do chão, cheio de armarios e de apparelhos electricos.

A viscondessa sentou-se e olhava para o chão reluzente, quando percebeu uma sombra a deslisar a seu lado.

Voltou-se e viu junto a si uma mulher de uns trinta annos, baixa, clara e delgada, de rosto longo como o dos carneiros e olhos pardos, de expressão dulcissima. Tinha o andar macio como o das freiras, as mãos delicadas, pequeninas e pallidas, e um sorriso que lhe illuminava a physionomia triste e vaga...

— Deseja alguma coisa ?

— Sim... vim pedir permissão ao Dr. Aguilar para vêr o seu estabelecimento. Disseram-me que elle não tarda e mandaram-me esperar aqui...

— Se é só isso, não vale a pena cançar-se; elle virá... ou não virá. Em todo o caso promptifico-me a acompanhal-a.

— É enfermeira ?

— Sim, minha senhora. O que lhe peço é que escreva aqui o seu nome.

A enfermeira apresentou, sobre a grande secretaria de nogueira, o livro em que se inscreviam os visitantes.

A viscondessa tirou rapidamente a luva, e mesmo sem se sentar, apoiou o cotovello na mesa e escreveu. Por traz d'ella a outra esticou muito o pescoço e leu-lhe o nome. Depois, com um sorriso :

— Podemos ir.

Sahiram ambas, atravessaram corredores e subiram escadas.

A enfermeira ia adeante, roçando sem bulha nos degráus o vestido molle, de riscadinho azul e branco, coberto na frente por um largo avental de linho pardo. As sedas da viscondessa farfalhavam.

— Por aqui... veja, esta é a sala dos doidos pacificos, dizia a enfermeira. Passemos agora á escola das creanças.

A senhora não receia impressionar-se?

— Não... respondeu a visitante, depois de uma pequena hesitação.

— É muito triste. Emfim, é bom vêr tudo! concluiu a enfermeira.

— A senhora... E a viscondessa interrompeu-se para perguntar:

— Como hei-de chamal-a?

A outra não respondeu logo e ficou pensativa, como se fizesse um esforço para se lembrar do seu nome; depois disse com um sorriso:

— Chame-me... irmã Seraphina; não sou freira, mas fui educada num convento, e os meus irmãos, em casa, por brincadeira, davam-me esse nome. Acostumei-me.

— A irmã Seraphina, voltou a viscondessa, prendendo o fio do seu pensamento partido, não tem medo de viver aqui?

— Ás vezes... certamente que os doidos fazem-nos passar bocados perigosos!... mas tenho compaixão, dediquei-me a isto e já agora hei de envelhecer ao lado d'elles. Pobre gente!

Havia no olhar de irmã Seraphina uma tamanha expressão de piedade e doçura, que a viscondessa sentiu-se commovida e murmurou: — Que anjo!

Entraram na escola. Umas dez creanças, espalhadas por meia duzia de bancos, levantaram os narizinhos curiosamente para a visitante. O mestre tinha sentado nos joelhos um pequenito, que se encaracolou todo, fazendo-se num novello. Ao

mesmo tempo surgiam da aula gritos e guinchos extranhos; um rapaz de dez annos quiz fazer discurso, outro arremedou o miar dos gatos, de uma maneira tão justa e com uma careta tão dolorosa, que a viscondessa, arrepiada, voltou depressa para o corredor.

A irmã Seraphina deixou-se ficar para traz e, curvando-se, beijou uma menina, que encostada, á parede contava os dedinhos incessantemente : um, dois, tres...

Quando voltou para junto da visitante, ella disse com uma voz maguada :

— Não a avisei de que se havia de impressionar na escola das creanças? Pobres anjos! Eu ainda não me habituei a olhar sem lagrimas para aquelles entezinhos condemnados, por uns paes sem consciencia, a uma vida de agonias!

— Condemnados pelos paes? murmurou com extranheza a visitante.

— Certamente. Quem póde dar uma herança tão desgraçada aos filhos, não se casa. Sabe que são victimas da hereditariedade.

— Todos?!

— A maior parte. Que peccado! Deveria haver leis que prohibissem certas uniões... O que estas creanças me têm feito chorar, só de pena! Algumas são más, mordem, batem, causam estragos de toda a ordem. Umas férazinhas inconscientes. Quanto peiores ellas são mais as lamento. É preciso que haja alguem que as ame. Eu sou mais

carinhosa para aquellas a quem ninguem quer bem... Afinal, bôas e más correm para mim. Sabe que todas as creanças gostam das aves.

— Das aves?!

— Sim, que tenham azas que as agazalhem.

— Ah...

A voz da irmã Seraphina era mellitlua, escorregadia e branda; uma d'essas vozes cantantes e claras, que uma vez ouvidas nunca mais se esquecem. Não ha por certo mulher cuja harmonia seja tão completa no seu todo. Deveriam antes chamal-a irmã Suavissima!

Atravessaram todo o edificio sem que uma palavra, um gesto da guia alterasse a sua expressão de candura. Todos os doentes lhe sorriam, e ella sorria a todos os doentes. Ia passando como uma bençam, branda como o perfume de um lirio. No chão encerado dos largos corredores só se ouviam os passos da viscondessa batendo o metal dos tacões num tic-tac sonóro. Aquelle som regular cahia-lhe no ouvido como um barulho profano. Envergonhava-se e temia attrahir a attenção dos doidos. Repellia o desejo de descalçar-se para deslisar como a irmã Seraphina pelo *parquet*.

— Quer vêr uma louca feliz?

— Sim... respondeu a viscondessa.

Impellindo a porta de um quarto, entraram. Ao pé de uma janella, aberta para o azul do espaço, e ao lado de um leito todo feito de branco, uma velhinha risonha cantarolava num delgado fio de

voz, fazendo *tricot*. Os novellos bailavam-lhe no collo, sobre o zuarte limpo do vestido, e as mãos enrugadas e seccas moviam as longas agulhas, ligeiras, ligeiras.

Sempre a cantar uma cantiga risonha, a doida cumprimentou a visita, com um movimento airoso de cabeça.

A enfermeira murmurou indicando-a : — é sempre assim.

Tornaram a sahir e desceram uma escada larga de corremão envernizado.

Em baixo atravessaram um páteo cimentado, onde numa ordem symetrica se alinhavam grandes tinas verdes plantadas de azaléas. Os arbustos carregados pareciam *bouquets*, mais flôres do que folhas. Uns vermelhos, escuros como sangue pisado, outros roseos como o céo na aurora, e outros brancos como a neve casta. A viscondessa roçava por elles o vestido de seda que ia gemendo, no seu farfalhar, pela pressão nervosa com que ella o arregaçava.

A irmã Seraphina colheu um galho das azaléas brancas, soprou delicadamente uma formiguinha que passeava numa das flôres e entregou-o á viscondesssa, murmurando :

— As brancas são as mais bonitas, as mais ingenuas ; não acha ?

A outra sorriu. Entraram num corredor que conduzia, direito e amplo, a uma alta porta de vidro azul.

Chegadas ahi pararam; era a porta da sahida. Atravez do vidro grosso da porta via-se o vestibulo de ladrilho, aberto sobre o jardim.

O sol estava forte, de um ouro intenso; o azul acinzentado do vidro quebreva-o numa luz de crepusculo outomnal. Marmore da escada, areia do jardim, massiços de verdura, grupos de palmas, de roseiras ou de crotons variados, tinha tudo o mesmo tom enfumado, uniforme e brando.

Ao centro do jardim, entre um relvado concavo, um pequeno lago tinha a côr e a placidez de um espelho; e á beira d'elle, sobre a grama bem aparada, uma cegonha parecia de aço, não só pela côr, como pela immobilidade da attitude.

A viscondessa extendeu a mão á irmã Seraphina, mas esta não lhe prestou attenção: tinha o rosto collado ao vidro da porta.

— Adeus... repetiu a viscondessa.

A outra então voltou-se e, suspendendo o busto para chegar a bocca ao ouvido da viscondessa, disse com voz mal firme:

— E os cysnes?..

— Que cysnes? ia perguntar a viscondessa. Mas conteve-se. A irmã Seraphina tinha o olhar branco de colera, uma transformação subita quebrara-lhe o encanto. Ella movia-se abrindo os cotovellos e esticando o pescoço.

A viscondessa comprehendeu a verdade e tacteou a porta, sem poder abril-a; quiz gritar — teve

medo; e a outra, entretanto, volteava, volteava, repetindo cada vez com mais força :

— E os cynes? e os cynes?!

Minutos depois a viscondessa ouvia do director do hospital que a loucura d'aquella mulher provinha de ter perdido uma filha afogada por causa de uns cysnes. A creança, debruçada no lago, quiz agarrar as aves; — as aves partiram e a pequenina mergulhou. — Desde então a mãe finge-se de cysne, asseverou elle.

— Comprehendo agora... Ella disse-me que tinha azas! Com quem eu andei!

— Andou com uma inoffensiva que, mesmo quando grita, não faz mal a ninguem. Para mim, ella só tem uma curiosidade : a mania de se ter incarnado no inimigo. Foi um cysne que lhe motivou a loucura, ella quer ser cysne... Emfim, tambem acontece lá fóra adorarmos ás vezes a propria causa do nosso mal... As suas azaléas, minha senhora!

E o medico apanhou as flôres que a viscondessa deixára cahir ao entrar para o *coupé*, emquanto os gritos continuavam lá dentro, repetidos e chorosos :

— E os cysnes? e os cysnes?!

SOB AS ESTRELLAS

A OLAVO BILAC

O padre Julio voltava do Seminario, de corôa aberta e de batina, prompto para servir a Deus na sua villa mineira, alcandorada sobre precipicios de verdura e rochedos abruptos. Alto, branco e esguio, figura mystica de quem sonha e prescruta mysterios, elle derramava o olhar pelas penedias da encosta, taxonadas de flores de quaresma, sem animo de perguntar pela sua amada de outrora, o seu unico amor, aquella pobre Iáninha, tão ardente e apaixonada, que o enlaçava nos seus braços flexiveis como hastes de hera, queimando-o com o fulgor dos seus olhos negros de mineira inculta e imaginosa.

Junctavam-se de noite nos campos, ella fugida do casebre da avó cabocla, elle da casa do tio padre. Amavam-se sob as estrellas.

Iáninha sabia contos do sertão, historias de feiticeiras e lobishomens, que lhe contava risonha, achando graça nos seus terrores. Elle beijava-lhe

a garganta tumida, pedindo-lhe que se calasse.

Tinham começado a mocidade junctos, ella era mais moça, mas muito mais precoce; elle adorava-a de joelhos, já um pouco voltado para o culto divino.

De repente interrompeu-se o idyllio: o tio padre exigiu que o sobrinho fosse para o Seminario. Das fugas nocturnas só eram sabedoras as estrellas. Julio, timido, obedecendo á vontade do velho e impellido mesmo pelo seu espirito religioso, despediu-se da amante com resignação. Ella é que teve transportes de louca, que se collou a elle como uma cobra a um tronco, dizendo-lhe que o amava, que lhe dera a sua virgindade, a sua alma, que a vida era aquillo, a liberdade, o beijo, o amor!

A tentação foi vencida, Julio deixou-a sozinha, soluçando alto, na noite escura e silenciosa.

Agora, olhando para aquellas penedias, para aquelles valles enormes, pensava que antes a Iáninha tivesse morrido... e era essa a sua esperança! Queria ser puro, queria ser santo. Voltara-se para o Céo com fé arrojada; detestava o mundo e a carne. Vinha emundar a alma naquelle mesmo desterro que enchera de beijos e abraços peccaminosos. Nos seus extasis a figura de Iáninha atravessava-lhe por vezes a mente, como uma tentação diabolica e terrivel, mostrando-lhe a alvura dos dentes, a negrura das madeixas revoltas, a rijeza dos seios morenos... Excommungava-a, amaldiçoava-a, enchia-se de cilicios, e cahia cho-

rando, contricto, esmagado pelo remorso, numa allucinação dolorosa, sem achar meio de se purificar d'aquelle passado que o assombrava.

Antes a Iáninha houvesse morrido... Para saber isso, e com medo de o perguntar, Julio foi ao cemiterio, que era um canteiro, de pequeno. Ajoelhou-se em frente de cada sepultura.

De quem era esta? de quem era aquella? perguntava. O coveiro sabia os nomes de todos os enterrados. Morria-se tão pouco, alli!

Uma era da tia Zefina, outra do Simeão, outra...

Eram todos velhos, muito velhinhos já. A Iáninha, então, vivia ainda!

Julio córou, com vergonha d'aquelle pensamento cruel. O nome da moça queimar-lhe-ia os labios, se o dissesse, e, estava certo, toda a gente tomaria conta do seu segredo. Não, não perguntaria por ella. E, abstracto, ajoelhou-se juncto de uma sepultura coberta de flôres selvagens.

— Esta é de uma creança, explicou o coveiro; não deveria estar enterrada em sagrado, mas em fim...

O padre ergueu o rosto longo e pallido, numa interrogação muda.

— E' do filho de uma cabocla, Iáninha. A peste não o baptisou. De mais a mais ninguem sabe quem era o pae. O povo affirma que era o diabo. Dizem que a voz do povo é a voz de Deus... Quem sabe?

Julio baixou os olhos para a terra, cruzando

as mãos com força sobre o coração. O seu rosto, alvo e macilento, nada dizia, mas a batina estremecia ao arquejar do busto curvado. Sabia bem... do fundo d'aquella terra subia alguma coisa que o chamava, que o solicitava e lhe dizia: « és meu! »

Aquellas flôres selvagens não eram uma inscripção, um nome que lhe accusava a paternidade?

O dia cahia gloriosamente. Franjas de oiro e mantos de purpura arrastavam-se pelo horizonte em nuvens grossas, embebidas de luz. Pelas penedias escarpadas as bromelias erguiam os pennachos côr de fogo; piteiras enormes eriçavam os despenhadeiros, e, lá em baixo, o rio passava numa curva, caudalosamente, reflectindo o céo rubro, vermelho elle proprio como uma onda de sangue.

Toda a terra parecia victoriosa, erguendo as suas montanhas colossaes, a sua vegetação estupenda, o seu cheiro de força, de amor e de fertilidade.

Julio teve impetos de escavar a terra, arrancar de lá o corpo d'aquelle desconhecido, filho do seu amor e da sua carne, de chorar sobre os seus ossos despidos, de collar-lhe na caveirinha branca os seus labios profanos, de lhe dizer que havia ternura no seu coração que debalde procurava tornar secco e esteril, que amava nelle a sua virilidade, a sua juventude, e aquella pobre Iáninha...

Nisto levantou-se, frio e assustado. Como podia elle, religioso, padre, pensar na tentação da carne, naquella creatura que estilara peçonha e dòr por toda a sua vida, aquella cumplice do demonio, que assaltava sem temor os ninhos das curujas, mostrando ao luar o negror das madeixas e a alvura dos dentes no riso selvagem?

Antes fosse ella a morta...

Demais, não a enterrara elle para todo o sempre na lembrança?

Nessa noite Julio não durmiu. Voltava sem as ler as folhas do Breviario. Lá fóra o vento soprava em roncos e uivos e a lua sumia-se em nuvens fumacentas. Se erguia o olhar, via sorrir-lhe o doce Jesus, do regaço materno, na parede em frente.

Uma creança, uma flôr de carne e de sonho; que divina coisa!

E elle tivera um filho, e não o vira nunca, e não o amara, e não o repousara sobre o seu coração fragil, morada do peccado e da vergonha, e não lhe beijara os pés assetinados, nem a boquinha já roxa pela morte!

Na solidão do seu quarto rezava pelo filho, aquella alma pagã creada pelo seu beijo, porque, sabia-o bem, a Iáninha não tivera outro amante; era elle o seu dono, o senhor absoluto e muito amado, o deus supremo d'aquella selvagem, filha da terra e amiga da terra, para quem a natureza

era a unica biblia a que abria a sua alma simples.

E elle voltava querendo achal-a morta!

Encostado á mesa, juncto ao leito vasio, o padre compunha em mente as feições do filho, davalhe vulto, sentia nelle o melhor da sua alma, o mais elevado dos seus ideaes...

Subito, um toque de sino vibrou rebelde e agudo na noite silenciosa. O padre ergueu-se, livido. Que seria aquillo? Eram duas horas, o vento abrandara. Houve um rumor de azas algodoadas fugindo espavoridas do campanario. A villa dormia tranquillamente. Mas veio outra badalada do sino tangida com nervo e raiva, atravessar o espaço negro como um grito de dôr.

Áquelle toque succederam outros e outros, desordenados, como se o pobre sino da aldeia tivesse enlouquecido ou abrigasse no seu velho bojo todas as bruxas e duendes dos campos.

O padre, assustado, amparou-se ao crucifixo, ergueu-o e caminhou resoluto para a porta, que abriu de par em par.

O campanario ficava á esquerda, dominando o valle enorme, todo cheio de sombra. Julio seguiu para alli, com a cruz erguida e os labios murmurando preces. Pareceu-lhe distinguir um vulto branco agitando-se na treva como um phantasma. Elevou bem alto o Christo, e a poucos passos a sua voz forte retumbou num esconjuro formidavel que abalou a terra.

O sino emmudeceu; mas o vulto branco lá estava, desenhando uma curva pallida na escuridade. O padre chegou-se para o campanario, audaciosamente, sentindo-se bem apoiado no crucifixo e na sua fé religiosa.

A poucos passos estacou : a lua rompera o crepe das nuvens e illuminava Iáninha semi nua, com a cabeça deitada para traz, o cabello pendente, os olhos perdidos na abobada estrellada. Ella alli estava, segura á corda do sino, aquelle velho sino de aldeia, tão meigo, tão acostumado a só fallar de paz ás montanhas solitarias.

Iáninha quedou-se immovel, sentindo Julio perto, mas com medo de olhar-lhe para a batina. Depois fallou, num queixume, murmurando as palavras. Disse que tivera d'elle um filho, lindo como os amores, que lá estava no cemiterio muito socegadinho.

Julio estremeceu; os braços extenderam-se-lhe para prendel-a, os labios moveram-se-lhe para beijal-a; mas conteve-se, hirto, de cruz alçada, livrando-se da tentação...

Iáninha chorou : aquelle tempo antigo fôra tão bom ! O campo ahi estava, aberto a todos os seres, fertil, com os hymnos das aves e o perfume das plantas. A vida rebentava atôa em cada canto. Em troncos velhos viçavam lianas e parasitas; em corolas de flôres aninhavam-se milhares de insectos; e os ninhos estavam povoados, e as tocas rescendiam a paz amorosa, e toda a terra des-

abrochava á espera de que elles fossem tambem, como noutros tempos, amar-se sob as estrellas.

Peccar? Não era peccado! Que seria o mundo, sem a perpétuação do amor!

Iáninha arrancava aquillo da sua imaginação caudalosa, lamentando-se por não ter nascido sob outra fórma, por não ter a vida liberrima da ave, do insecto ou da flôr! E estava formosa, formosa como nunca. Mas o padre sentia o peso do crucifixo nas mãos geladas. Certamente que no fundo da sua alma alguma lucta havia que lhe cerrava os beiços e lhe illuminava a fronte larga e livida. Mas a palavra de amor não lhe sahia da garganta.

Voltou para dentro, de cruz erguida, com as faces banhadas de lagrimas. Consumou o sacrificio: entregava-se a Deus.

Lá fóra o sino voltou a badalar na noite negra, desordenada, furiosamente, como se o proprio diabo o tangesse! Depois tudo emmudeceu. As aves voltaram para o campanario; uma barra de luz indecisa abriu-se frouxamente no horizonte, e, só, no meio da noite, o cadaver da Iáninha, enforcado na corda do sino, olhava de face para o valle enormissimo todo cheio de aromas e de treva.

A PRIMEIRA BEBEDEIRA

— Não saias hoje, meu filho! a noite está tão feia! Que necessidade tens tu de te expôr ao tempo?

— Descance, minha mãe, que eu voltarei cedo...

— Mas repara que é hoje o dia do meu anniversario, que ha de vir alguem vêr-me, e a tua ausencia será censurada...

— Descance, minha mãe, que eu voltarei cedo...

— A noite está escura e o caminho é tão máu...

— Descance minha mãe...

— Que voltarás cedo, não é assim? Pois faze o que quizeres, na certeza de que me dás um desgosto... Adeus!

— Até já, mamãe.

E o moço sahiu. Cahia uma chuva miudinha, peneirada, léve, e no céo tenebroso não luzia uma estrella. De longe em longe a luz de um lampeão illuminava um bocado da rua barrenta, ladeada de matto, sem calçada. Sentia-se o respingar delicado das gottinhas de chuva nas folhas, e ao longe

nuns charcos, umas rãs coaxavam. Ao cabo de um quarto de hora o moço batia com a bengala nas grades de um jardim.

Ouviu abrir-se e fechar-se rapidamente uma porta; depois, uns passos ligeiros quebrando a areia do jardim e uma voz doce dizer-lhe :

— Não posso demorar-me agora... meu tio está em casa!

— Que importa? e eu não deixei minha mãe, hoje, dia de seus annos?

— Ah! mas isso é differente... os homens fazem tudo que lhes apraz!...

— Mas eu tenho muito que lhe dizer, Albertina!

— Volte logo, ás dez horas... fallar-lhe-ei da janella...

— Escute...

— Não posso... estão-me chamando, adeus!

E o vulto embuçado da bella Albertina tornou a desapparecer entre os arbustos do jardim. Depois ouviu-se de novo abrir e fechar rapidamente uma porta, e ficou tudo silencioso.

Contrariado, o moço lembrou-se da promessa que fizéra á mãe; mas, como voltar, se a Albertina lhe dizia que a fosse vêr ás dez horas? Decididamente era preferivel fazer a vontade á ultima. A mãe que se resignasse...

Para não esperar alli, na rua, tolamente, lembrou-se de ir passar uma hora no botequim do bairro, onde tinha a certeza de encontrar amigos.

Assim foi. Junto a uma mezinha de pedra conversavam alto, rindo, tres collegas seus, rapazes ainda muito novos, imberbes como elle, affectando um ar de estroinas, de bohemios romanticos, convictos de gosarem assim a sua mocidade, apenas desabrochada e já um tanto murcha pelas extravagancias.

Logo que o viram entrar, fizeram os outros grande algazarra ; manifestaram espanto, atirando ao ar phrases bombasticas salpicadas de adjectivos flammejantes e das mais conhecidas locuções latinas. Abriram-lhe logar e encheram-lhe o calice de cognac. Estabelecida a palestra, o da direita offereceu-lhe charutos, o da esquerda apresentou-lhe um phosphoro acceso, e o que estava em frente renovou-lhe o cognac do calice. E este criticavo-o por achal-o acanhado, esquerdo; aquelle, porque mostrava pouca pratica das rapaziadas alegres; aquelle outro, porque lhe percebia na phraseologia uma chateza das palestras familiares, inspiradas pelos conselhos da mamãe nos serões caseiros.

— Um pouco de atrevimento, um pouco ao menos! meu caro! dizia um; e logo outro :

— *Audaces fortuna juvat...*

— Isto de homens *maricas* só servem para uma coisa : envergonhar a especie!

— Apoiado...

— Apoiado!

Aquellas advertencias humilhavam o rapaz.

Realmente elle começava a achar-se ridiculo, parvo e infeliz. Não encontrava justificação para a sua timidez; daria tudo para convencer os collegas de que era folgazão e gosava a vida; de que tinha proezas, e não obedecia á familia tanto quanto suppunham. Chegou mesmo a fallar na independencia do seu caracter, na sua maneira altiva de tratar os superiores e nos recursos monetarios que não lhe faltavam nunca... Ia bebendo.

— Bravo! á tua saude!

— Bravo!

— Bravo!

Os copos esvasiavam-se, os olhos brilhavam e as palavras escorriam fluentes, entre casquinadas de risos e tilintar de vidros.

Entraram depressa em assumptos de amor: Um confessou fazer a côrte a uma velha que lhe dava presentes, e mostrou, vaidoso e risonho, o alfinete da gravata cravejado de pedra finas.

— Quando a desenganares avisa-me, dizia um outro; ando muito falto de joias.

Successivamente foram-se desenrolando, entre o fumo e o cheiro fôrte do alcool, as historias amorosas de todos elles, até que chegou a vez da Albertina.

O nome da pobre moça foi innumeras vezes repetido, e, como alguem duvidasse da veracidade do conto, o rapaz tirou do bolso uma carta, e, abrindo-a com um gesto decidido, bateu com ella na mesa, sobre o cognac entornado.

— Dá cá! deixa-me vêr quantos erros traz... pediu-lhe um dos companheiros.

Elle entregou o papel e, recostando-se na cadeira, ouviu risonho e triumphante toda a carta da moça, declamada num tom emphatico, embora por vezes muito arrastado.

Choviam commentarios; rebentavam a cada periodo gracejos brutaes; e elle, que até antão resguardára honestamente, com toda a delicadeza e cuidado, o seu amor, expunha-o agora, sem vexame, aos companheiros indiscretos, gabandose muito!

— E que tal, é rica? perguntava um.

— E é formosa? inquiria outro.

Elle ia respondendo affirmativamente a todos, rindo-se, com o olhar quebrado, os braços sobre a mesa, a voz alterada e o copo entre os dedos. De vez em quando parecia comprehender a realidade; queria então reagir, luctar, esconder o seu amor num melindroso recato; mas a cabeça pendia-lhe para o peito, as idéas bailavamlhe no espirito como folhinhas num redemoinho de vento, e tudo quanto era digno, justo, e que habitualmente guardava concentradamente no coração, consentia que gyrasse agora, de um modo grosseiro, nesse pequeno circulo de amigos insensatos! Varriam-se-lhe depressa todos os escrupulos! o cognac ia arrastando as subtilezas da sua alma, afogando os seus deveres, ennegrecendo a sua consciencia. Deu-lhe para fallar. Contou a sua vida

intima, segredos de familia que não transpareciam cá fóra : o pae fugira por dividas; um tio roubára em casa de um amigo... Arremedou depois a voz da Albertina e a maneira da mãe ralhar com a criada.

Os outros já lhe não prestavam attenção, iam bebendo, silenciosamente, até que o dono do botequim os poz na rua.

A chuva cessara; corria uma viração forte, embalsamada do aroma das chacaras. Os amigos seguiram abraçados, cantando alto, para a esquerda; elle subiu a rua, não errando, milagrosamente, o caminho de casa. Mal seguro nas pernas, dobrando frequentemente os joelhos, cambaleante, ora na calçada, ora no meio da rua, approximou-se da morada de Albertina, que o esperava a um canto da varanda. Vendo-o naquelle estado, ella, sem dizer nada, escondeu-se e fechou horrorisada a janella. Elle poz-se então a gritar de baixo que não estava bebedo, que não estava! calumniava-o quem affirmasse isso! E como a Albertina não se resolvesse a apparecer, elle desatou a chorar alto, muito alto, num berreiro desesperador.

Passou assim algum tempo, até que, já cançado, continuou o seu caminho. A calçada acabara-se; o solo agora era desegual, barrento, coberto de lama e de poças d'agua. Por um prodigio extranho conseguiu conservar o equilibrio; ia de bordo em bordo, muito agoniado, com grandes tonturas e dôres de cabeça. Ao pé de

casa havia uma ladeirinha escorregadia... ahi não se pôde suster, os joelhos dobraram-se-lhe, vieram-lhe ao mesmo tempo os vomitos, e elle cahiu.

Palpitavam-lhe com força as arterias das fontes, martellando-lhe pancadas dolorosas; não podia mover o corpo, muito pesado; e começava de ter a percepção da sua vergonha. Um cão lambeu-lhe e bafejou-lhe a cara; a viração fria da noite pareceu-lhe depois cortar com uma chicotada a face, molhada da baba do animal.

Estava assim, coberto de immundicie, quando a mãe surgiu, com um chale pela cabeça, á porta da habitação, a observar se o filho viria perto ou não; dando com elle, assim cahido, julgou-o doente ou ferido, e ajoelhou-se depressa a apalpal-o.

Chamou-o devagar, cariciosamente; não ouvindo resposta, abaixou-se mais, procurando, trémula, escutar-lhe a respiração; mas, ao chegar a cabeça á bocca do filho, recuou espavorida, sentindo o cheiro do alcool. Elle fitava nella os olhos, pasmadamente.

Não passava ninguem; fazia frio, estava escuro, e latiam ao longe os cães; no emtanto a pobre mulher esforçava-se por erguer nos seus braços debeis o corpo pesado do filho, e o seu maior desejo era poder abrigal-o no seio, escondendo-o de todas as pessoas e de todas as coisas!

Conseguiu leval-o sózinha, atravéz do corredor

escuro, para o seu quarto; deitou-o, deu-lhe remedios, e emquanto elle dormia, resonando alto, ella, numa agonia muda, vigiava á porta, para que alguem não fosse surprendel-o assim...

A CASA DOS MORTOS

A FRANCISCA JULIA DA SILVA

Que frio e que negrume!

E eu ia andando no meio da treva, corajosa e firme, em busca d'aquella que me deu a vida, que me criou nos seus seios, que me enchia as faces de beijos e me vestia a alma de alegrias.

Eu estava agora faminta, mal vestida, mal consolada, cheia de maguas, saudosa do seu afago quente e doce, da sua palavra cheirosa como o mel da abelha em tronco de especiaria.

E fui andando na treva, seguindo uns passos que eu ouvia, não sei de quem, não sei para onde.

Nem uma estrellinha orientadora; tudo era mudez; só aquelles passos deante de mim : tan, tan, tan, tan, como martelladas atravez de uma parede grossa!

E fui, sem medo, até que os passos pararam e uma porta se abriu sem rumor, larga e macia. Veio uma rajada; encostei-me ao humbral e divisei então, a uma luz frouxissima, uns vultos mal definidos, quasi apagados.

Perto de mim um homem, embuçado como um esquimó, tirou da cabeça um fardo e pousou-o no chão; depois, voltando-se, disse-me com uma voz soluçada como o vento na ramaria de um salgueiro :

— Porque vieste atrás de mim? Esta é a casa dos mortos. Vae-te embora! A estrada negra é prohibida aos vivos; és o primeiro que a percorre toda sem ter morrido...

Sombras esparsas iam tomando fórmas humanas e vinham curiosas, lentas, resvalando, debruçarem-se sobre o meu corpo, em attitude de espanto. Eu resistia ao pavor e sofrega perscrutava tudo, em busca d'aquella que me deu a vida, que me enchia as faces de beijos, que me embalava com as suas palavras mais cheirosas que o mel das abelhas em tronco de especiaria.

— Quem procuras? perguntou o mesmo homem, cujos traços eu não percebia sob a projecção do capuz.

— Minha mãe.

O som da minha voz fez fugir em revoada todas aquellas figuras de nevoa, como a badalada de um sino em torre coberta de passarinhos. Eu mesma tremi, extranhando a vibração das minhas palavras, tal a clareza e a vida da minha voz echoando entre os fracos murmurios das outras, de um tenue sopro de brisa.

Então lá do fundo, do meio de um amontoado de novellos alvadios que se dissipavam aqui para

se ajuntarem acolá, a minha mãe veio até mim, sorrindo, com o seu vestido caseiro, a sua bella carne rosada, gorda e fresca como nos tempos em que eu repousava no seu largo seio a minha cabeça sonhadora e febril, e ella me alisava os cabellos com as suas mãos formosissimas.

Radiante, atirei-me para beijal-a; ella, porém, sempre tão prompta em receber os meus carinhos, paralysou-me com um gesto :

— Não me toques! não me beijes! Todo o meu corpo se desfaria ao mais leve contacto... Terias horror da minha carne e desmaiarias se os meus labios se unissem aos teus. Para que vieste procurar-me? Foge, meu amor, o teu logar é lá, na vida, na febre, na luz, no soffrimento. Vae soffrer. Saudades? tinhas saudades? Pobrezinha! Esquece; não ha nada que valha o esquecimento. Eu nunca te appareceria, se não viesses procurar-me. Fizeste mal ao meu repouso, porque, vendo-te, eu não te posso apertar ao meu seio! E as tuas irmãs! E Elle?!

Eu chorava; e não perdia um só dos seus gestos. Lembro-me de que ella quiz dar-me uma fructa, e que sorriu depois com amargura, vendo desfazer-se entre os seus dedos lividos a fructa que me extendia.

— Até os mortos têm illusões... eu esquecia-me... disse ella com a sua voz tão outra, apenas audivel, como um murmurio de vento muito ao longe...

Então eu vi, eu vi que todas aquellas sombras fluctuantes cercavam o fardo que o homem de capuz pousara no chão; eram dois caixões com defunctos; em um ia uma virgem, no outro um homem. Ella era branca e fina, com umas madeixas negras sobre a tunica pallida e uma haste de nardos nas mãos postas em cruz. Elle era egualmente pallido, e moço, e bello, com a sua linda cabeça loira pousada em violetas.

A Morte, em pé, muito alta e muito esguia, deante dos dois caixões, lançava-lhes uma bençam vagarosa, larga, com dizeres que eu não entendia.

Minha mãe explicou-me :

— Só o amor perdura além da morte. Aquillo é a celebração de um noivado. Os dois corpos ficaram lá embaixo, intactos, rigidos, mas aqui as duas almas estarão sempre unidas ; e se voltarem á terra voltarão juntas e para o mesmo laço. Serão eternamente presas uma á outra ; almas felizes, raras ! Vês ? Quem não amou na vida não tem nem a doçura da saudade para amenisar-lhe a tristeza d'este exilio. Repara para as virgens sem noivos ; que ar de lamento que ellas têm ! Essas nunca voltarão á terra, porque da vida não trouxeram lembrança. Só quem amou traz para o mysterio da morte um aroma de sonho. Tudo mais é poeira que o vento leva, e espalha, e não se torna a encontrar... Vae-te embora !

Os olhos de minha mãe tinham um brilho de

lagrimas, e eu extendi-lhe os braços anciosos, e logo o seu corpo se tornou immaterial, diaphano, como se de nevoa fosse. Então o homem do capuz, cujas feições não vi, pegou-me pela mão e trouxe-me para fóra, para a estrada, onde eu caminhei entre duas longas filas de cyprestes negros e de anemonas roxas. Caminhei, caminhei, sem sentir o solo sob os passos cansados; e quando abri os olhos d'este extranho sonho tinha o rosto coberto de lagrimas e as mãos em cruz sobre o coração.

AS HISTORIAS DO CONSELHEIRO

— Pois minha cara senhora, foi assim que se acabou a historia....

— Tem graça! e a rapariga não tornou a apparecer?

— Nunca mais a vi; só sei que o chim casou...

— Com a tal velha rica?!

— Exactamente!

— Mas é delicioso!

— Teve pilheria, teve... Realmente, eu tenho presenciado muita coisa!

— Então! sr. conselheiro, emquanto não nos servem o chá, conte-nos um outro caso; este foi de um humor irresistivel. Ora o chim!

O conselheiro correu o olhar pela assembléa: todos riam. O general limpava uma lagrima, suspirando de allivio, ainda com os labios distendidos e a mão esquerda comprimindo o ventre. O sobrinho levantara-se e, encostado á janella, assustava as begónias do jardim com o som estridulo das suas gargalhadas frescas, sonóras, rescendentes de mocidade; a dona da casa sorria agitando a

ventarola de seda, e a avó abanava com incredulidade a cabeça branca, perguntando a uma néta, que estava ao seu lado, a conclusão do facto, que não ouvira bem... a néta a cada pergunta renovava o riso, curvando-se muito a esconder o rosto na toalha de linho em que bordava as suas iniciaes.

— Vamos, sr. conselheiro, repetiam-lhe, outra historia, sim?

Mas o conselheiro, que tinha uma memoria de anjo e que cultivava o genero das narrações, deixou prudentemente voltarem todos á sua costumada placidez; e, depois de pensar um pouco, declarou ter escolhido assumpto, egualmente veridico, mas de genero differente. Chegaram-se todos.

Elle começou:

Exercia eu o cargo de juiz de direito na pequena comarca de Santa Barbara, quando me foi apresentado o dr. Lemos, antigo advogado no logar, homem pacato, edoso, cheio de preconceitos religiosos e sociaes, muito bôa pessôa mas muito *cacete* tambem.

Eu morava sózinho, numa grande casa antiga, de corredores abobadados e de salões sem fim. O homem entendeu que me devia fazer companhia, indo povoar a minha soledade doce e tranquilla, com os seus receios e phantasmagorias! Poucos minutos depois de eu ter chegado das sessões do tribunal, era certo, ouvia os passos do meu importuno amigo echoando como martelladas surdas e compassadas pela escada acima. Entrava para o

meu escriptorio, sempre solemne, e, trocadas meia duzia de palavras, debruçava-se sobre a minha mesa de trabalho, folheava, lia, meditava autos, atrapalhava-me com objecções os processos, declamava contra as acusações dos libellos, para elle sempre pallidos e defficientes, e alli ficava horas inteiras, respirando o veneno da maldita cicuta nascida no mais pestifero dos pantanos — o crime! como elle costumava dizer na sua implacavel rhetorica!

Eu ás vezes tinha vontade de o mandar de presente ao diabo, e demonstrava-lhe mesmo certo máu modo, que elle, na simplicidade natural dos bons, não comprehendia. Mas admirem-se! aquelle homem, que me entediava, estorvava, privando-me da minha liberdade, da minha satisfação, da minha paz concentrada e feliz, aquelle homen era-me por fim indispensavel, real e positivamente imprescindivel! É verdade! Estimei-o; estimei-o é pouco; adorei-o! Se elle tardava, eu ia á janella, olhando impaciente para a longa rua solitaria da pobre cidade de provincia. As gallinhas cacarejavam, depenicando nas hervinhas nascidas nas gretas das calçadas, e, num quintalzinho fronteiro, uma cabocla sadia e formosa cantava alto, extendendo roupa no córadouro. Era sempre o que eu via áquella hora, até que despontasse na terceira esquina do alto o vulto do dr. Lemos, magro, meio curvado, com uma sobrecasaca comprida, calças escuras e o chapéu de sol aberto, inclinado para o

lado do sol. Então eu recommendava á criada que nos preparasse o café, e ia esperal-o no escriptorio.

Lemos contou-me a sua vida; coisa vulgar: sempre com aspirações a fortuna, hoje uma esperança, amanhã um desengano, e o tempo a passar e a velhice a tomar posse d'elle, com os seus achaques e desillusões! Casára-se: a mulher era um anjo a quem não tinha podido nunca dar socego de espirito; mas a infeliz morreu cedo, deixando um filho pequeno. Ora, esse filho era então o grande sol, a ultima e unica esperança que restava ao velho! O pobre homem levava-me horas e horas a tecer elogios ao seu portentoso Isidoro, uma verdadeira maravilha de talento e de virtudes. A honra era o grande pedestal de ouro em que nuns enthusiasmos arrebatados collocava esse deus, herança de uma mulher amada. Contava coisas do pequeno, exaltando-lhe o caracter; e orgulhava-se d'elle, do seu juizo, da sua probidade, do seu criterio; não fallava senão na grande rectidão de espirito, de que, desde creança, dera provas; no seu carinho, na bondade natural do seu coração, em mil coisas ternas, enaltecedoras e naturaes em um pae. Eu ouvia-o, felicitava-o, e lia de vez em quando uma ou outra carta que o rapaz enviava da côrte, onde o padrinho, influencia politica, o tinha empregado, como caixa de um banco.

Aquelle era o unico ponto que o prendia ao mundo. Sem o Isidoro a terra pareceria ao dr. Le-

mos como que um grande arneiro em que não houvesse um unico recanto nemoroso; tudo esteril, frio, chato, insalubre!

Era aquelle filho exemplar, que o céo lhe concedera, quem dava côr ás flôres, brilho ás estrellas. aroma ás plantas, doçura ao ar, tranquillidade aos lagos, belleza ás aves e harmonia á musica! Eu, pobre solteirão, bem collocado, desconhecendo grande parte da vida, a lucta da existencia a que elle, desde os doze annos de edade, orphão de mãe e pae, se lançára; eu tinha muitas vezes inveja d'aquelle homem, alquebrado de trabalhos e de injustiças, mas sempre honesto e sempre radiante do orgulho que lhe dava o filho! Ah! quantas vezes eu não suspirava, imaginando a ventura de ter tambem um Isidoro, forte, espirituoso e, sobretudo, honrado como o do meu amigo! Mas isto são coisas que não vêm ao caso; continuemos. Viviamos assim seguramente havia uns dois annos, quando recebi uma carta do Rio, pedindo-me que, por ser eu amigo dedicado e reconhecido do dr. Lemos, lhe participasse, como entendesse melhor, que o filho...

— Morrera? perguntou uma das senhoras, interessada pelo banal enredo.

— Não... peior.

— Ora essa; peior do que a morte! Então que era?

— A deshonra, minha querida senhora!

E o conselheiro, passando o lenço de seda pela

calva, fez uma pausa, premeditada para maior impressão; depois proseguiu :

— Communicavam-me ter o rapaz subtrahido ao banco de que era caixa uma grossa quantia; a bagatella de trezentos contos e ter fugido para a America do Norte! Imaginem o pasmo em que eu cahi! Comtudo, era preciso reagir, procurar o velho antes que elle me viesse á casa, e dizer-lhe tudo, geitosamente; se não, poderia antecipar-me alguem de menos caridade, ou mais irreflexão. Como elle costumava ir lêr no meu escriptorio os jornaes da côrte, escondi-os na gaveta da secretária, bem fechados: podia dar-se o caso de um desencontro; nada máis facil do que ir eu tomando a esquerda, para a sua casa, e elle vir da direita, para a minha. Sahi; fui bater-lhe á porta; elle não estava. Regosijei-me com isso. Voltei mais socegado até meio caminho; mas depois irritei-me! poderia estar tudo concluido, e afinal havia ainda de esperar uma occasião propicia para desfechar tão pavorosa revelação! Quando entrei no meu escriptorio já lá o encontrei sentado, a lêr um grosso volume de Direito, com os oculos encavalgados no nariz, cruzadas as pernas longas e magras, o lenço de rapé sobre o joelho, e os nastros das ceroulas pendentes, a balançarem-se ao continuo movimento da perna.

— Então como vae isso? perguntei-lhe na minha prosa de uso ordinario.

— Menos mal...

— Bom...

— Estou aqui a lêr os seus livros, já que não encontrei os jornaes; dar-se-á caso que não viessem hoje?

— Sim... é verdade; não vieram hoje!

— Fazem falta; que diabo, aquillo afinal é o meu vicio!...

Tive um rizinho amarello e puz-me a ler tambem um in-folio, a que não prestava attenção, estudando um meio de contar o caso ao velho. Mas não tive occasião : pela primeira vez em vinte e sete mezes, o dr. Lemos não me fallou no seu idolatrado Isidoro!

E eu á espreita d'esse momento para aproveitar o ensejo de encaixar o ensaiado discurso! Convidei nesse dia o Lemos para jantar; elle aceitou e eu calculei: « Está direito; á sobremesa conto-lhe tudo! » Jantei mal, elle não; comia com vontade, accumulando no prato carne, hervas e arroz, mastigando a codea do pão, bebendo a grandes goles o meu estimado Collares. Eu, que o sabia sobrio e que muitas vezes tinha presenciado o seu repasto frugal e mesquinho, admirava-me; e pelas alturas da sobremesa, vendo-o animado, com bôa côr, coisa extraordinaria nelle, habitualmente esverdeado, julguei mais acertado novo adiamento: a occasião não era azada, com certeza! Lemos cahiria morto, fulminado por uma congestão, entre as cadeiras e a mesa, arrastando na queda os despojos dos frangos e as fructas em calda de as-

sucar! Parecia-me vel-o, rubro, com os olhos desmedidamente abertos e a mão crispada, tentando num esforço angustiado arrancar ao pescoço a gravata.

— Em que diabo está o senhor a pensar, perguntou-me elle, que parece tão preoccupado! Desembuche, homem!

— Não penso em nada...

— Um... emfim, não tenho direitos que justifiquem qualquer insistencia; se não havia de confessal-o!

— O dr. é que me parece satisfeito, hoje.

— Assim é! E chegando a cadeira para perto da minha, abriu a carteira e mostrou-me duas notas de quinhentos mil réis remettidas pelo filho, o seu Isidoro, como lembrança de amizade. Veja o amigo, continuava elle, que excellente rapaz! quantas economias, quantas horas de trabalho isto não representa! meu pobre filho! Nada fiz por elle, não cursou academias, passou muitas vezes vexames, escondendo as botas rotas e tapando com um lenço o pescoço sem collarinho, tudo isso por eu não ter nunca um emprego, uma collocação, uma causa! e agora ahi está... dizia, com os olhos rasos d'agua, apontando as notas, — como elle me recompensa de tantas vergonhas por que passou! E levantando a carteira beijou com ternura, grata, demoradamente as duas notas de quinhentos mil réis remettidas pelo filho.

Não pude reprimir um movimento de indigna-

ção; mas o bom homem, todo embebido na sua ventura, não o percebeu. Offereci-lhe mais vinho e fallei de outra coisa.

Elle extendeu o copo, sem parecer escutar-me; depois, com um sorriso nos labios e os olhos ainda humidos, voltou-se para mim e disse:

— Vá lá! quero que o meu amigo me acompanhe num brinde! A' saude do melhor dos filhos, o meu Isidoro!

Estremeci e hesitei; mas venci depressa a minha grande repugnancia e, elevando o calice, repetí machinalmente: « A' saude do seu filho Isidoro!... »

Os nossos olhares encontraram-se; o d'elle cheio de ternura, trasbordante de gloria, num grande extravasamento de alegria! o meu reflectindo a mais penosa das impressões! Tocámos os copos e, silenciosamente, exgotámos o velho Porto.

Pois, meus amigos, não só occultei do desgraçado pae, o que succedera ao filho, como ainda fui bater de porta em porta, recommendando silencio aos seus poucos amigos! Respeitavam-me muito no logar, e até á minha partida ninguem ousou dizer-lhe coisa alguma a tal respeito. Mas, desde esse dia, a minha vida tornou-se um martyrio em Santa Barbara.

Todos os dias decidia fallar ao dr. Lemos da situação do filho, e todos os dias transferia a execução do plano! Ao sentil-o na escada escondia á pressa os jornaes, cheios do nome de Isidoro!

Ouvia-lhe os elogios do filho, como o mais honrado, o mais honestamente bom dos homens, sem demonstrar o desprezo, o odio, que esse rapaz distante e desconhecido me inspirava!

Uma tarde resolvi definitivamente contar-lhe tudo, e convidei-o para um passeio. Iamos a pé, devagar, palestrando pachorrentamente; seguimos pelas ruas menos frequentadas, até um campo, onde Lemos parou, e extendendo o braço longo e secco apontou-me um terreno distante, á esquerda, mais sombreado de arvores, ao pé de uma cascatinha tremeluzente, entre verduras de relvas e manchas claras de pedras: — Acolà, disse elle, é que eu desejo e ainda espero ver um chaletzinho feito pelo meu Isidoro, onde eu viva ao pé d'elle, de uma nora sensata e de uns netinhos alegres... Será então, se eu conseguir isso, a minha primeira épocha de felicidade neste mundo!

Não respondi, mas, francamente, tive vontade de chorar; a unica ambição do desventurado era irrealisavel como tantas outras! Não! eu não lhe diria nunca o que tinha feito o seu honesto Isidoro!

Voltando para casa requeri ao ministro da justiça « licença para tratar da minha saude onde me conviesse ».

Felizmente fui attendido; o despacho não se fez esperar muito. Em uma manhã chuvosa parti de Santa Barbara. Lemos foi dizer-me adeus á estação; parece-me que o estou a ver, fugindo da lama, a saltar de pedra em pedra, com o chapéu de chuva

aberto, as calças arregaçadas, o sobretudo abotoado e um lenço de seda enrolado no pescoço.

Eu já estava no vagon, elle encostou-se ao comboio e segurou-me as mãos com amizade, pedindo-me que, de passagem pelo Rio, visitasse o seu filho.

Prometti-lhe isso e desci; abraçámo-nos; vi-lhe, atravez dos oculos, as lagrimas tremerem-lhe presas ás pestanas ralas e curtas... Meu pobre amigo... Ao primeiro silvo e á primeira oscillação do trem, entrei á pressa; um empregado fechou com estrondo a porta; Lemos, recuando muito pallido, fixava-me com ternura; mais um segundo e o comboio partiu; debrucei-me na janella; lá ficava sózinho o Dr. Lemos, agitando melancholicamente o seu lenço branco.

Escrevi-lhe do Rio, mas não obtive resposta.

Soube mais tarde, por uma carta do promotor publico, que o velho estava louco; disseram-lhe tudo no proprio dia da minha partida; aquella bôa gente arrebentaria de impaciencia se o não fizesse! Ora ahi está, meus senhores, como se acabou esta segunda historia...

— Decididamente, sr. conselheiro, achei muito melhor a primeira...

— Devéras, minha senhora?

— Sou da mesma opinião, confirmou o general.

— E eu, e eu, disseram outras vozes.

— Pois, meus amigos, entre todos os factos da minha vida, foi este o que maior impressão me deixou! Sempre que me lembro do infeliz pae...

— Bem, interrompeu a dona da casa, disfarçando um bocejo: vamos agora ao chá?

A CAÔLHA

A EVA CANEL

A caôlha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovellos, grossos nos pulsos; mãos grandes, ossudas, estragadas pelo rheumatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabello crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo e o loiro grisalho, d'esses cabellos cujo contacto parece dever ser aspero e espinhento; bocca descahida, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubús; dentes falhos e cariados.

O seu aspecto infundia terror ás creanças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinaria magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrivel : haviam-lhe extrahido o olho esquerdo; a palpebra descera mirrada, deixando comtudo, juncto ao lacrymal, uma fistula continuamente porejante.

Era essa pinta amarella sobre o fundo denegrido da olheira, era essa distillação incessante de puz que a tornava repulsiva aos olhos de toda a gente.

Morava numa casa pequena, paga pelo filho unico, operario numa officina de alfaiate; ella lavava roupa para os hospitaes e dava conta de todo o serviço da casa, inclusive cosinha. O filho, emquanto era pequeno, comia os pobres jantares feitos por ella, ás vezes até no mesmo prato; á proporção que ia crescendo, ia-se-lhe a pouco e pouco manifestando na physionomia a repugnancia por essa comida; até que um dia, tendo já um ordenadozinho, declarou á mãe que, por conveniencia do negocio, passava a comer fóra...

Ella fingiu não perceber a verdade, e resignou-se.

D'aquelle filho vinha-lhe todo o bem e todo o mal.

Que lhe importava o desprezo dos outros, se o seu filho adorado lhe apagasse com um beijo todas as amarguras da existencia?

Um beijo d'elle era melhor que um dia de sól, era a suprema caricia para o seu triste coração de mãe! Mas... os beijos foram escasseando tambem, com o crescimento do Antonico! Em creança elle apertava-a nos bracinhos e enchia-lhe a cara de beijos; depois, passou a beijal-a só na face direita, aquella onde não havia vestigios de doença; agora, limitava-se a beijar-lhe a mão!

Ella comprehendia tudo e calava-se.

O filho não sòffria menos.

Quando em creança entrou para a eschola publica da freguezia, começaram logo os collegas, que o viam ir e vir com a mãe, a chamal-o — *o filho da caôlha.*

Aquillo exasperava-o; respondia sempre:

— Eu tenho nome!

Os outros riam-se e chacoteavam-n'o; elle queixava-se aos mestres, os mestres ralhavam com os discipulos, chegavam mesmo a castigal-os, — mas a alcunha pegoù. Já não era só na eschola que o chamavam assim.

Na rua, muitas vezes, elle ouvia de uma ou de outra janella dizerem: Olha o filho da caôlha! Lá vae o filho da caôlha! Lá vem o filho da caôlha!

Eram as irmãs dos collegas, meninas novas, innocentes e que, industriadas pelos irmãos, feriam o coração do pobre Antonico cada vez que o viam passar!

As quitandeiras, onde ia comprar as goiabas ou as bananas para o *lunch*, aprenderam depressa a denominal-o como os outros, e, muitas vezes, afastando os pequenos que se agglomeravam ao redor d'ellas, diziam, extendendo uma mancheia de araçás, com piedade e sympathia:

— *Ta hi*, isso é pr'a *o filho da caôlha!*

O Antonico preferia não receber o presente a ouvil-o acompanhar de taes palavras; tanto mais

que os outros, com inveja, rompiam a gritar, cantando em côro, num estribilho já combinado :

— Filho da caôlha, filho da caôlha!

O Antonico pediu á mãe que o não fosse buscar á eschola; e, muito vermelho, contou-lhe a causa : sempre que a viam apparecer á porta do collegio os companheiros murmuravam injurias, piscavam os olhos para o Antonico e faziam caretas de nauseas!

A caôlha suspirou e nunca mais foi buscar o filho.

Aos onze annos o Antonico pediu para sahir da eschola : levava a brigar com os condiscipulos, que o intrigavam e malqueriam. Pediu para entrar para um officina de marcineiro. Mas na officina de marcineiro aprenderam depressa a chamal-o — o filho da caôlha, e a humilhal-o, como no collegio.

Além de tudo, o serviço era pesado e elle começou a ter vertigens e desmaios. Arranjou então um logar de caixeiro de venda; os seus excollegas agrupavam-se á porta, insultando-o, e o vendeiro achou prudente mandar o caixeiro embora, tanto mais que a rapaziada, ia-lhe dando cabo do feijão e do arroz expostos á porta nos saccos abertos! Era uma continua saraivada de cereaes sobre o pobre Antonico!

Depois d'isso passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarello, deitado pelos cantos, dormindo ás moscas, sempre zangado e sempre bocejante! Evitava sahir de dia e nunca, mas nunca, acom-

panhava a mãe; esta poupava-o : tinha medo que o rapaz, num dos desmaios, lhe morresse nos braços, e por isso nem sequer o reprehendia! Aos dezeseis annos, vendo-o mais forte, pediu e obteve-lhe a caôlha um logar numa officina de alfaiate. A infeliz mulher contou ao mestre toda a historia do filho e supplicou-lhe que não deixasse os aprendizes humilhal-o; que os fizesse terem caridade!

Antonico encontrou na officina uma certa reserva e silencio da parte dos companheiros; quando o mestre dizia : sr. Antonico, elle percebia um sorriso mal occulto nos labios dos officiaes; mas a pouco e pouco essa suspeita ou esse sorriso, se foi desvanecendo, até que principiou a sentir-se bem alli.

Decorreram alguns annos e chegou a vez do Antonico se apaixonar.

Até ahi, numa ou noutra pretenção de namoro que elle tivera, encontrára sempre uma resistencia que o desanimava, e que o fazia retroceder sem grandes maguas. Agora, porém, a coisa era diversa : elle amava! amava como um louco a linda moreninha da esquina fronteira, uma rapariguinha adoravel, de olhos negros como velludo e bocca fresca como um botão de rosa. O Antonico voltou a ser assiduo em casa e expandia-se mais carinhosamente com a mãe; um dia, em que viu os olhos da morena fixarem os seus, entrou como um louco no quarto da caôlha e beijou-a mesmo

na face esquerda, num transbordamento de esquecida ternura!

Aquelle beijo foi para a infeliz uma inundação de jubilo! tornava a encontrar o seu querido filho! poz-se a cantar toda a tarde, e nessa noite, ao adormecer, dizia comsigo :

— Sou muito feliz... o meu filho é um anjo!

Entretanto, o Antonico escrevia, num papel fino, a sua declaração de amor á visinha. No dia seguinte mandou-lhe cedo a carta. A resposta fez-se esperar. Durante muitos dias o Antonico perdia-se em amargas conjecturas.

Ao principio pensava :

« É o pudor ». Depois começou a desconfiar de outra causa; por fim recebeu uma carta em que a bella moreninha confessava consentir em ser sua mulher, se elle se separasse completamente da mãe! Vinham explicações confusas, mal alinhavadas : lembrava a mudança de bairro; elle alli era muito conhecido por *filho da caôlha*, e bem comprehendia que ella não se poderia sujeitar a ser alcunhada em breve de — *nóra da caôlha*, ou coisa semelhante!

O Antonico chorou. Não podia crêr que a sua casta e gentil moreninha tivesse pensamentos tão praticos!

Depois o seu rancor voltou-se para a mãe.

Ella era a causadora de toda a sua desgraça! Aquella mulher perturbára a sua infancia, quebrava-lhe todas as carreiras, e agora o seu mais

brilhante sonho de futuro sumia-se deante d'ella!

Lamentava-se por ter nascido de mulher tão feia, e resolveu procurar meio de separar-se d'ella; considerar-se-ia humilhado continuando sob o mesmo tecto; havia de protejel-a de longe, vindo de vez em quando vel-a, á noite, furtivamente...

Salvava assim a responsabilidade do protector e, ao mesmo tempo, consagraria á sua amada a felicidade que lhe devia em troca do seu consentimento e amor...

Passou um dia terrivel; á noite, voltando para a casa, levava o seu projecto e a decisão de o expôr á mãe.

A velha, agachada á porta do quintal, lavava umas panellas com um trapo engordurado. O Antonico pensou : « A dizer a verdade eu havia de sujeitar minha mulher a viver em companhia de... uma tal creatura? Estas ultimas palavras foram arrastadas pelo seu espirito com verdadeira dôr. A caôlha levantou para elle o rosto, e o Antonico, vendo-lhe o puz na face, disse :

— Limpe a cara, mãe...

Ella sumiu a cabeça no avental; elle continuou :

— Afinal, nunca me explicou bem a que é devido esse defeito!

— Foi uma doença, respondeu suffocadamente a mãe: é melhor não lembrar isso!

— É sempre a sua resposta; é melhor não lembrar isso! Porque?!

— Porque não vale a pena; nada se remedeia...

— Bem! agora escute : trago-lhe uma novidade : o patrão exije que eu vá dormir na visinhança da loja... já aluguei um quarto : a senhora fica aqui e eu virei todos os dias saber da sua saúde ou se tem necessidade de alguma coisa... É por força maior; não temos remedio senão sujeitar-nos !...

Elle, magrinho, curvado pelo habito de costurar sobre os joelhos, delgado e amarello como todos os rapazes criados á sombra das officinas, onde o trabalho começa cedo e o serão acaba tarde, tinha lançado naquellas palavras toda a sua energia, e espreitava agora a mãe com olho desconfiado e medroso.

A caôlha levantou-se, e, fixando o filho com uma expressão terrivel, respondeu com doloroso desdêm :

— Embusteiro ! o que você tem é vergonha de ser meu filho ! Saia ! que eu tambem já sinto vergonha de ser mãe de semelhante ingrato !

O rapaz sahiu cabisbaixo, humilde, surpreso da attitude que assumira a mãe, até então sempre paciente e cordata; ia com medo, machinalmente, obedecendo á ordem que tão feroz e imperativamente lhe déra a caôlha.

Ella acompanhou-o, fechou com estrondo a porta, e, vendo-se só, encostou-se cambaleante á parede do corredor e desabafou em soluços.

O Antonico passou uma tarde e uma noite de angustia.

Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar á casa; mas não teve coragem : via o rosto colerico da mãe, faces contrahidas, labios adelgaçados pelo odio, narinas dilatadas, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração, o olho esquerdo arrepanhado, murcho — e sujo de puz; via a sua attitude altiva, o seu dedo ossúdo, de phalanges salientes, apontando-lhe com energia a porta da rua; sentia-lhe ainda o som cavernoso da voz, e o grande folego que ella tomára para dizer as verdadeiras e amargas palavras que lhe atirára ao rosto ; via toda a scena da vespera e não se animava a arrostar com o perigo de outra semelhante.

Providencialmente, lembrou-se da madrinha, unica amiga da caôlha, mas que, entretanto, raramente a procurava.

Foi pedir-lhe que interviesse, e contou-lhe sinceramente tudo que houvera.

A madrinha escutou-o commovida ; depois disse :

— Eu previa isso mesmo, quando aconselhava tua mãe a que te dissesse a verdade inteira; ella não quiz, ahi está!

— Que verdade, madrinha?!

— Hei de dizer-t'a perto d'ella; anda, vamos lá!

Encontraram a caôlha a tirar umas nodoas do fraque do filho, — queria mandar-lhe a roupa

limpinha. A infeliz arrependera-se das palavras que dissera e tinha passado toda a noite á janella, esperando que o Antonico voltasse ou passasse apenas... Via o porvir negro e vasio e já se queixava de sí! Quando a amiga e o filho entraram, ella ficou immovel : a surpreza e a alegria amarraram-lhe toda a acção.

A madrinha do Antonico começou logo :

— O teu rapaz foi supplicar-me que te viesse pedir perdão pelo que houve aqui hontem, e eu aproveito a occasião para, á tua vista, contar-lhe o que já deverias ter-lhe dito !

— Cala-te ! murmurou com vóz apagada a caôlha.

— Não me calo tal ! Essa piéguice é que te tem prejudicado ! Olha, rapaz ! quem cegou tua mãe... foste tu !

O afilhado tornou-se livido ; e ella concluiu :

— Ah, não tiveste culpa ! eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço, levantaste na mãozinha um garfo ; ella estava distrahida, e antes que eu pudesse evitar a catastrophe, tu enterraste-lh'o pelo olho esquerdo !

Ainda tenho no ouvido o grito de dôr que ella deu !

O Antonico cahiu pesadamente de bruços, com um desmaio ; a mãe acercou-se rapidamente d'elle, murmurando tremula :

— Pobre filho ! vês? era por isto que eu não lhe queria dizer nada !

IN EXTREMIS

— Estás prompta, Laura? perguntou o doutor Seabra entrando no quarto de *toilette* da esposa.

— Estou... só me faltam as luvas... Como me achas?

— Linda!

Elle não mentia: a mulher parecia-lhe ainda mais formosa e mais fresca, com o seu vestido azul claro, muito léve e o chapéozinho de rendas finas bem pousado na cabelleira loira, de ondas largas. Ella sorriu, contente, pulverisando-se com *white rose;* elle franziu as sobrancelhas grisalhas, percebendo, através da carnação delicada da sua mulherzinha um intimo estremecimento de vaidade satisfeita.

— O carro está na porta? perguntou a moça com modo distrahido, mirando-se toda num grande espelho e a passar, num ultimo toque vaporoso, o pompon de *veloutine* pelo pescoço branco e perfeito.

— Está... e lá tens o ramo de rosas que pediste...

— Como és bom!...

— Hoje as corridas devem ser muito animadas. O tempo está lindo!... Levas a pequenina?

— Não. Mamãe toma conta d'ella, já a mandei para lá... Sabes? Estou hoje com tanto leite!... tenho medo de manchar o vestido... que vergonha se...

— Escuta, interrompeu elle; antes de irmos para o Derby, parece-me que deveriamos entrar um pouco em casa do Bruno Tavares...

O doutor Seabra sentara-se atraz da mulher e contemplava-a no espelho, com olhar prescrutador e vigilante. Viu-a estremecer; fez uma pausa; ella suspendeu o *pompon*, á espera da conclusão. Elle acabou por fim.

— O Bruno está muito mal... creio mesmo que não escapará!

Laura voltou-se, muito pallida, com os olhos esgazeados e os beiços tremulos. O marido baixou o olhar, entristecido. Havia muito tempo já que elle sabia quanto amor a esposa consagrava ao Bruno. O seu ciume de marido não explodira nunca, mas concentrava-se, cada vez mais amargo, no fundo do coração. O outro era moço, elle já se avisinhava da velhice; o outro era um sonhador, um idealista, sympathico á imaginação ardente de Laura; elle era um homem de sciencia, materialista, descrente, já sem forças para encantar ninguem. Conhecia, estudava sem tréguas o espirito e o coração da mulher e confiava nella.

Laura era honesta, dedicada, e abafava com animo forte o seu amor peccaminoso, nas dobras de um manto de virtude e de sacrificio. Elle sabia que o Bruno não se declarára nunca, mas que, o que os labios calavam respeitosamente, diziam o olhar, a sua pelle quente, o som de sua voz moça e o arrojo da sua phantasia de apaixonado!

Quantas vezes o doutor Seabra, fingindo lêr os seus livros de estudo *auscultava* de longe aquelles dois corações, que se conservavam alli, um em frente do outro, mudos e ternos, emquanto as boccas fallavam de poesia e de flôres, de luar e de musica, de aves e de estrellas, de tudo que brilha, que alegra, que enthusiasma e que une as almas apaixonadas.

Elles liam junctos, contavam-se scenas da infancia, alegremente, com interesse mutuo; e o doutor Seabra passava as paginas seccas do seu livro tremulamente, com os olhos humidos e o coração pesado. Tinha medo de intervir, calava os seus receios, esperando sempre uma solução ou um meio de levar a sua Laura para outras terras, sem mostrar o seu zelo, com vergonha de parecer ridiculo ou de offender a esposa. Ella era trefega, graciosa, mas firme. Mesmo naquelle dia, elle comprehendia bem que toda a sua graça, todo o seu perfume, toda a sua gentilleza se dirigiam ao outro, que esperava encontrar nas corridas, na archibancada...

Eram para o *outro* a doçura do seu ramo de

rosas, o mimo das suas rendas finas, o colorido brando da sua *toilette* primaveril! Voavam para o *outro* todo o seu pensamento, toda a sua vontade, toda a sua alegria!

Laura continuava pallida, suspensa.

— Quem me disse isto foi o medico; continuou o marido. Como és amiga da familia lembrei-me que desejarias talvez ir lá...

— Sim!... vamos, vamos!

Desceram. O dia estava esplendido, passavam carros cheios de moças para as corridas. Sorria o sol, doirando o espaço, e o rumor de um domingo festivo alegrava as ruas.

Laura sentou-se muito calada, apertando nas mãos com desespero o seu ramo de flôres. O marido sentia-lhe a dôr através do silencio e do olhar parado de quem vê phantasmas...

Tinha pena d'ella, d'essa pobre amante virtuosa, sonhadora e casta. Fallecia-lhe a coragem de perturbar-lhe a magoa e o pensamento com uma palavra ou um simples gesto.

Aquella piedade singular enchia-o de pasmo, a elle mesmo!

Ella parecia-lhe agora um pouco sua filha, embora a adorasse como mulher! Era tão moça, tão inexperiente, mas tão meiga, tão docil, que se julgava com o supremo direito de a conduzir com carinho, na solicitude amavel de um pae. Comprehendia a firmeza do caracter da moça, sabia que ella preferiria morrer a enganal-o grosseira-

mente e que toda a sua peixão pelo Bruno era feita de imaginação e de sonho!

A culpa não era d'elles, mas sua, que já tinha cabellos brancos, as fallas amortecidas, o espirito inquietado por atribulações differentes,

A morte d'aquelle pobre rapaz era um allivio para o seu coração. Desapparecido elle, teria morrido a causa do seu ciume amargo e irremediavel. Laura continuaria por longo tempo a amal-o nas suas orações, através das estrellas; mas o tempo ¡viria socegadamente attenuar-lhe as saudades... e tudo acabaria em doce paz. Se o outro não succumbisse... elle então arrastaria a esposa para bem longe, sem que ella desconfiasse porque, temendo entretanto a lucta e descrente da victoria!

Sentia que o pensamento dos dois unir-se-ia sempre através das distancias, arrastados pelo mesmo ideal, pelo mesmo ardor e pela mesma esperança! Sim, só a morte, a morte bemdicta, poderia cortar com as suas azas frias aquelle amor nascente...

Quando o carro parou, Laura desceu sem esperar auxilio e correu para a casa do Bruno. Dentro havia um silencio triste, um ar de tumulo.,.

A mãe do moço appareceu-lhes chorando. O filho desenganado pelos medicos; e descreveu os horrores da febre que o levava assim, rapidamente.

— De mais a mais elle nega-se a todo o ali-

mento, dizia a pobre senhora; só consegue tomar leite...

Os medicos mandam-n'o tomar leite de peito, tenho chamado amas... umas não querem dar-lhe o seio, outras recusam-se a tirar o leite com a bomba! E o meu filho morre... meu filho morre!

Laura olhou para o esposo; conservaram-se mudos um em frente ao outro. A dona da casa levou-os por fim para o quarto do doente.

O moço, enterrado entre as dobras dos lençóes, pareceria dormir se não movesse continuadamente os labios muito seccos. Exhalava-se de todo o seu corpo um calor intensissimo de febre. A irmã mais velha vigiava-o solicitamente, sentada ao pé do leito.

— Já veio a ama, mamãe? perguntou ella com voz chorosa.

— Ainda não!

Bruno não abriu os olhos, mas uma ligeira contracção arrepanhou-lhe as faces. O doutor Seabra estremeceu. Parecia-lhe a morte! Laura voltou-se de novo para o marido, com o rosto transtornado e o olhar interrogativo.

Elle vacillou um momento; depois fez-lhe um signal affirmativo, muito vago, quasi imperceptivel!

A moça ajoelhou-se rapidamente e desabotoou com os dedos nervosos e tacteantes o seu lindo vestido de seda azul claro. O marido curvou-se, tremulo, com as narinas dilatadas e o coração op-

presso; arrependido do seu consentimento, ia talvez dizer — não! mas Laura tirára o seio tumido, branco, onde as veias extendiam tenues fios azulados e encostava o bico roseo á bocca ardente e secca do moribundo.

Ella, muito curvada, encobria a meio o busto do enfermo, elle engulia o leite a largos tragos, sofregamente, descerrando a pouco e pouco os olhos.

A commoção de Laura era immensa! Salvar o seu amor, o seu amante sonhado, a sua esperança, com o leite da sua carne, o sangue da sua vida, era um goso de inextinguivel doçura! Não era a volupia, a paixão sensual que vibrava no seu corpo fragil de mulher moça, mas uma piedade, uma ternura que lhe alagava a alma, de tal geito que a fazia amar agora o moço, como uma mãe adora o filho pequenino...

Elle abriu completamente os olhos: reconheceu-a... houve um sorriso entre ambos, um clarão de verdade! Mas a febre exigia mais leite e elle continuou a chupar com sofreguidão a carne da mulher que nem em sonhos profanára nunca, dizendo-lhe com o olhar tudo que tinha sempre calado — que a amava... que a amava!... até que a prostração veio de novo cerrar-lhe as palpebras e que elle adormeceu profundamente, sem contracções, com um sorriso de paz nos labios satisfeitos... Laura escondeu o seio, tremula e feliz...

Só o doutor Seabra comprehendeu que aquelle

somno do moço era o ultimo, e foi com piedade e commoção que viu Laura levantar-se e dizer-lhe, toda d'elle, atirando-se aos seus braços, com ar victorioso e sincero :

— Obrigada, meu querido... como tu és bom !

A BOA LUA

A MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

O milho cahia em granulações de ouro, por entre os dedos rugosos, curtos, côr de fumo secco, do velho Samé.

Os bisnetos riam-se ás escancaras, acompanhando o andar vacillante do bisavô, que mal arrastava os pés doentes sobre os laivos azinhavrados do chão humido. Chovera, e o campo abria-se por alli fóra, nú, só com uns velhos tocos de madeira podre, onde zumbiam abelhas e despontavam roseas orelhas de páo p'ra lhes ouvir a musica.

O tio Samé fizera cem annos pelo S. Miguel; dera de enfraquecer, pelos ultimos tempos; estava a acabar todos os dias.

Nos seus olhinhos garços já havia a nevoa da idiotia, a ausencia da alma, que se lhe desprendia do corpo aos pedaços.

Cahiam-lhe falripas brancas, asperas e lisas, como pallida moldura ás carquilhas do seu ros-

tinho sumido, de maxilas salientes e pelle azeitonada. Todo elle era miudo e enrugado. O pobre tinha perdido a fé e a memoria das coisas, menos do tempo das sementeiras e das colheitas. Contava as luas, sabia de cór o kalendario. Não atinava com os nomes dos netos nem da creançada. Confundia todos : já nem sabia o numero dos filhos nem a graça da sua defunta mulher, que o fôra por longuissimos annos, nem mesmo saberia responder pelo seu nome — Samuel, que lhe valera o doce appellido de Samé; comtudo, aconselhava do seu canto quando se devia cortar a mandioca, bater o arroz, colher o feijão ou a batata, e o seu aviso era ouvido como de sabio, seguido como de Deus!

Inda assim, se morria alguma creança em casa, a mãe, desesperada, reçumava rancor contra esse velho, teimoso em viver e que bem poderia ter-se ido embora, em logar do filhinho innocente. E nesses dias a comida era-lhe atirada como a um cão intruso, sem direito ao carinho de ninguem.

Com cem annos e cinco mezes, ainda o Samé quiz ajudar numa sementeira de milho. A lua era bôa, grossas carradas haveriam de ranger por alli, atulhadas de espigas maduras, seccas, aos montões.

Os netos enchiam a roça de barulho; uma gralhada! Elle media os passos, silencioso; de tempos a tempos entreabria os dedos e os grãos

de milho cahiam, um a um, como contas de um rosario de ouro partido por um santinho velho, das antigas lendas.

E foi andando assim, devagar, devagar, com as pernas em tesoura, os pés cada vez mais inchados, o olhar embebido no sol, que abria no fundo horizonte um enorme meio circulo vermelho.

Os netos cantavam alto, os bisnetos riam ao longe, ruidosamente; e aquella bulha era para elle como a do vento que passasse, arrastando folhas mortas, varrendo caminhos, abrindo ramadas, carregando sementes e fecundando a terra. Sorria o velhinho para o sol poente como a um amigo velho de quem se despedisse com um afago, quando os pés já dormentes lhe negaram outras passadas e elle cahiu para a frente, sobre o peito chato.

Não lhe doeu a quéda; a terra estava fôfa, a carne amortecida; teve uma tontura, sumiu-se-lhe tudo da lembrança; mas a pouco e pouco voltou-lhe a acção e procurou levantar-se, tacteando um velho tronco negro, cavernoso, que alli estava em frente, roido de bichos, mal ligado á terra.

Tio Samé não conseguiu mover-se, mas reparou que irrompia d'aquella ruina um galhito verde e tenro, macio ao tacto, doce á vista, e quedou-se a olhal-o espantado, com a bocca aberta, a baba em fio, as falripas brancas cahidas sobre as largas orelhas.

Julgára aquella arvore morta havia muito, e num relance fugitivo invejou as coisas que duram longo tempo, ou que não morrem nunca, como aquelle sol vermelho sempre quente e aquelle tronco que nas suas fibras despedaçadas ainda encontrava seiva para novas gerações! E o tio Samé beijou a terra, o seu unico amor verdadeiro, beijou-a uma, duas, muitas vezes, com os braços abertos, as unhas fincadas no chão.

— Bisavô morreu! gritaram de longe; e vieram buscal-o ao collo, como a uma creança.

Levaram-no para dentro, affirmando que elle estava no fim. Uma neta fez-lhe a cama de limpo, outra vasou-lhe o caldo pela bocca, alagando-lhe o peito, com impaciencia. A nóra accendeu o oratorio e baixou da parede o crucifixo de ébano.

Samé passeava os seus olhinhos de cem annos por tudo, como a perguntar — para que?

Estavam feitos os preparativos para a morte. Quando ella entrasse encontraria chammas de velas, toalhas de crivo, ramos de flôres, imagens de santos e uma alma abençoada pelo padre, que um dos bisnetos fôra chamar á pressa.

O padre veio e perguntando ao Samuel pelos seus peccados, ouviu em resposta que as sementes germinariam depressa, porque a terra estava humida e o sol ardente...

Riram-se uns, sorriram outros. O padre afastou-os e tornando á cabeceira do velhinho, disse-lhe:

— Todo o homem vive sujeito á tentação do inimigo; confessa sem pejo os teus peccados!

Samuel respondeu, sorrindo, que a lua ia ser propicia : os pescadores fariam boas pescas, os agricultores optimas colheitas. A estação seria favoravel aos pobres.

Cahiu a absolvição sobre a cabeça branca do velho.

Filhos e netos rezaram uma ladainha arrastada e tristonha. Samé ouvia aquelle ruido sem determinar-lhe o sentido, como se fôra o de vento passando á noite fóra das portas de sua casinha rustica. Depois da ladainha a ceia, depois da ceia o somno, — todos adormeceram; só o tio Samé ficou abrindo para a lamparina os seus olhinhos de cem annos e foi assim que elle viu uma sombra esguia, longa, desenrolar-se das traves do tecto e descer devagar, devagar, pela parede fronteira, sem barulho, com a cautela de um assassino...

Tio Samé tremeu. Uma das netas dormia alli mesmo, no chão, com o seio nú, os braços nús, o queixo erguido, a garganta bem illuminada. A cobra desceu e sumiu-se entre os lençóes, sem nem mesmo fazer rumor na esteira... Samé abanava os braços, mudo, inerte e espavorido, até que a rapariga, sacudida por uma convulsão tremenda, gritou alto, e o reptil fugiu, cascalhando, pela parede acima...

Na manhã seguinte morria a neta do velho Samé; mas elle ficou ainda, movendo os dedos tremulos sobre o lençol branco, no gesto de semear a terra e aproveitar a boa lua..

ESPERANDO...

— Fecha aquella janella que deita para a rua... assim; abaixa o *store*... agora abre as duas do jardim.

— Está bem?

— Está bem. Vae arranjar-te; põe o avental branco bordado, que eu te fiz, e vê lá se levantas esse cabello da testa; gosto das testas núas!

A criada sahiu. A dona da casa, moça, gentil, alegre, começou a dar uns retoques na mesa, cantarolando na sua meia voz de soprano, um romance novo. Agora punha ao lado da mesa o canario favorito sobre uma *corbeille* de flores naturaes, d'ahi a pouco temperava a salada, escolhendo com as pontas dos dedos, muito delicadamente, as folhinhas mais tenras; revistava as garrafas de crystal, os talheres, os pratos, escondia dentro do guardanapo do marido uma hastezinha mimosa de avenca, onde espetára um cartão com esta palavra: — « Adoro-te! » Modificava, sob o musgo fresco da fructeira, a posição das uvas e dos pecegos vermelhos, mudava para outro lado o ga-

lheteiro; alisava as coberturas das cadeiras, descia ainda mais o *store* de cretonne branco, e, debruçando-se das janellas do jardim, puxava para dentro os galhos floridos das trepadeiras. Depois, relanceou por toda a sala os seus olhos vivos de burguezinha feliz. Notou que um quadro estava ligeiramente inclinado para a esquerda e deu pela ausencia da geleira sobre a *étagère*.

Correu a reparar as duas faltas e sahiu. Foi á cosinha.

— Então, André, a sôpa esta bôa?... e o peixe... deixa-me vêr o peixe...

E, avançando o narizinho arrebitado, ella cheirava as panellas, fazendo os seus commentarios.

— Olha, ó André, o *roast-beef* não me parece bom...

O cosinheiro franziu a testa, indignado; ella continuava.

— Ora! as ervilhas estão com *bispo;* logo as ervilhas, de que Luiz gosta tanto!

— Perdão, minha senhora, as ervilhas não estão queimadas!

— Não estão queimadas! e que cheiro é este?

— E' mesmo o cheiro das ervilhas.

— Onde viu você ervilhas com cheiro a fumo?

— Prove-as, minha ama.

Para convencer-se ella provou as ervilhas; achando-as deliciosas, murmurou disfarçadamente: está bom, está bom... e os bolinhos, fez

— Esqueci-me: tambem ha tanta coisa!...

Foram novos ralhos; mas, afinal, certa de que o jantar agradaria ao marido, ao seu amado Luiz, com quem se casára havia apenas um anno, ella voltou para dentro.

Foi pedir conselhos ao seu *psyché*. Estava pallida. « Isto ha de ser, pensou, por causa das fitas verdes. »

Trocou-as por fitas azues... estudou-se: continuava feia... « Bem! agora, fitas côr de rosa... hão de me ir melhor... » Mas as fitas côr de rosa desagradaram-lhe tanto como as azues e as verdes. Lembrou-se do collar de coral. Os collares de coral passaram de moda... mas que importa! são bonitos! Atou sobre o pescoço alvo e roliço um fio de coral, abriu um pouco mais o vestido, e afogou entre as rendas do peito a flôr côr de sangue de uma orchidea nova.

« São quasi seis horas! Luiz não tarda! vou esperal-o ao piano! » Tocou varias peças, ora um idyllio, ora uma sonatina; mas, impaciente, descahiu a dedilhar polkas e valsas.

De vez em quando levantava-se, ia á janella. Viu passar um visinho, o Ramos, carregado de embrulhos, e calculou:

« A mulher do Ramos é mais feliz do que eu... elle tem mais pressa de a vêr do que Luiz de me vêr a mim!... »

Apoz o Ramos, passou um velho gordo, que vinha habitualmente depois do marido, logo no bond immediato; viam-n'o quasi sempre passar

atravez as grades do jardim, onde ella descia para receber Luiz.

O relogio marcava já seis e um quarto! Ella não voltou para o piano: installou-se na janella. Começou a sentir fome; a impaciencia cresceu.

Parecia que iria devorar todo a *roast-beef*! « Decididamente, Luiz, suppunha ella, teve algum negocio grave a prendel-o até mais tarde... aposto em como vem naquelle bond... » Mas o bond passou. « Vamos a vêr! se o primeiro carro que passar fôr tilbury, é porque elle vem antes das seis e meia; se fôr *coupé* é porque só vem ás sete. » O primeiro carro a passar foi uma caleça. A's sete horas Luiz não tinha chegado. A copeira veio perguntar-lhe se podia tirar o jantar; a infeliz rapariga, em pouca harmonia com o cosinheiro, estorcia-se de fome. A ama reprehendeu-a : quando fôr occasião eu saberei mandar servil-o! disse. Ella já não tinha vontade de comer: passada a hora habitual, o estomago não sentia necessidade do alimento. Entretanto, continuava á janella. Éram já sete e meia! A casa do Ramos illuminava-se; appareciam vultos na sala de visitas; uma das filhas ia para o piano e ella adivinhava o Ramos, palitando os dentes, recostado no sofá, ao lado da esposa, que estava de casaco branco e saias engommadas. « São velhos, e são mais felizes do que eu », suspirava. Deram oito horas. Voltava muita gente para a cidade, de onde os bonds vinham agora quasi vazios. Por que será que Luiz

não veio? conjecturava a triste esposa. Sahiu da janella, e, cahindo em uma poltrona, começou a chorar.

Erguia-se no seu espirito uma suspeita: a infidelidade de Luiz! « Elle ama outra, ama outra com certeza! a estas horas ri-se a seu lado... logo virá com uma desculpa qualquer! » Lembrou-se de fugir para a casa da mãe; sim, lá ao menos teria companhia, carinhos, alegria! e Luiz, quando chegasse, comprehenderia não ter por esposa uma mulher passiva, de quem pudesse zombar! Levantou-se, foi ao seu quarto, e, tendo vestido uma capa, ia collocar o chapéu, quando foi ferida por uma idéa horrorosa: Um desastre! « Meu Deus! exclamou a pobrezinha: Luiz foi pizado por algum trem!... Atterrorisada, hirta, no meio do quarto, ella assistia a toda a scena. O marido atravesava a rua, correcto, distincto, elegante... subito, esbarra-se nelle um individuo, cae-lhe a luneta; Luiz curva-se para erguel-a; nisto ouve gritos, é atropelado, cae, e uma enorme carroça, carregada de pedras, roda-lhe pesadamente por sobre o ventre! Apitos, agrupamento de povo, muito sangue na calçada, e o adorado Luiz é tirado em braços, esphacelado, inerte, morto!

Correu de novo á janella, debruçou-se: ninguem! A rua estava silenciosa. Teve vontade de gritar: Luiz, Luiz! e as lagrimas rolavam-lhe grossas pelas faces pallidas. Era a primeira vez que tal lhe acontecia; evidentemente succedera ao

esposo um desastre qualquer! Lembrou-se de ter visto no escriptorio, uma vez que lá fôra surprendel-o no trabalho, um revólver sobre a secretária. Aquillo fizera-lhe impressão, a ponto de rogar ao marido que se desfizesse d'essa arma tão perigosa... Quem lhe diria que não fosse esse maldicto revólver que, por qualquer acaso, matasse o esposo!? Elle era distrahido e myope: puxando uns papeis, tacteando a mesa, á procura de algum objecto, poderia bater no gatilho e a bala ter partido!

A cada carro que se approximava ella estremecia: « É elle, vêm-no trazer desfigurado... moribundo... O' meu Luiz! meu Luiz!!

Nisto uns passos conhecidos esmagam a areia do jardim, ella levanta-se e escuta... sobem a escada, tocam de uma maneira especial a campainha; e ella, reconhecendo o signal, dá um grito de alegria e corre para a porta, indo abraçar o esposo, commovida e tremula!

— Que é isso, Mimi? perguntou elle, attonito; como estás transtornada!

— Oh! Luiz! por que tardaste tanto?! Que susto que eu tive! meu Deus! Deixa-me vêr-te bem! Que te succedeu?!

— Mas, filha! não me succedeu nada de extraordinario! Tolinha! E' preciso acostumares-te!

— Acostumar-me...

— Terás muitas vezes de jantar sózinha...

— Ah!

Emquanto elle lhe expunha o motivo da sua ausencia, ella via, maguada, extinguir-se o inolvidavel periodo da sua lua de mel!

Como badaladas funebres, soavam e resoavam aos seus ouvidos as phrases do marido:

— *E' preciso acostumares-te... Terás muitas vezes de jantar sózinha!*

INCOGNITA

— Ah ! o senhor conheceu-a ?

— De vista.

— Devia ter sido feia !

— Não; era formosa.

— Que nome tinha, sabe?

— Ignoro... Faz-me o favor do seu fogo ?

— Pois não...

Houve uma pausa ; e, emquanto um dos interlocutores, o que perguntava, examinava com interesse o interior do Necroterio, o outro ia accendendo muito pachorrentamente o seu cigarro.

Em frente d'elles, sobre o marmore branco de uma das quatro mesas, estava o cadaver de uma mulher.

A claridade frouxa de um dia de inverno entrava pela larga porta e pelas janellas, indo cahir sobre o corpo semi-nú da infeliz, a envolvel-a, como uma grande mortalha transparente.

Tudo triste, tudo côr da neve, tudo frio !

O vento entrava, cortante como uma lamina bem afiada.

No seu nicho, sobre fundo azul, a Virgem da Piedade, sustendo nos joelhos o corpo inerte do Christo morto, evocava, como um exemplo de profunda agonia, a sua grande dôr.

— Infeliz, dizia um dos espectadores, encostado ao humbral, olhando para aquelle pavoroso espectaculo, numa fixidez de animal magnetisado.

O cadaver estava inchado pela absorpção da agua e já manchado da gangrena. Os cabellos enovellados empastavam-se sobre as claviculas, numas madeixas pretas, curtas, asperas, sujas de areia e de particulas de algas. Os olhos, entreabertos, pareciam, na sua névoa sinistra e glacial, feitos da agua que os havia apagado e que se tivesse coagulado em dois grandes globulos gelatinosos e opacos. Expressão medonha, feita pelo terror da onda e pelo terror da morte!

O dialogo continuava :

— O senhor diz que ella não era feia ! No entanto parece horrorosa !

Como a morte transfigura... como a morte é má !

O outro sorriu-se, respondendo :

— Se estivesse, como eu, habituado a olhar para isto, já se não impressionaria assim. Vá-se embora... está pallido e não convém abusar de uma impressão nervosa.

Separaram-se. E o sujeito que conhecera a desgraçada morta, noutros tempos, em que ella era

talvez alegre, jovial, risonha, ia andando despreoccupadamente, a bambolear a grossa bengala de castão de prata, e a pensar no almoço do hotel, nas ostras frescas e no vinho leve. O outro, ao contrario, tremia; sentia as palmas das mãos humidas e gelidas, como se as tivesse passado sobre a carne molle da defuncta; olhava com raiva para o mar azul franjado de espuma alvinitente e semeado aqui e além por umas velas brancas como azas de cysne; sentia um cheiro de cadaver e de acido phenico em tudo, na rua, no proprio fato, no chapéu, no lenço, nas mãos...

Todo esse dia foi para elle de soffrimento; numa obsessão doentia, scismava continuamente nessa morta desconhecida, por quem talvez tivesse passado e a quem talvez tivesse podido soccorrer ou aconselhar.

A sua responsabilidade de ente humano, offendia-se áquella revelação de padecimento sem consolo. A felicidade depende ás vezes de tão pouco!

Querendo reagir, procurou em vão entreter o espirito, arejal-o com outras idéas. Afinal, não fôra por causa d'elle que aquella mulher se matára! Depois, não lia elle todas as manhãs, já sem abalo á força do costume, tantas noticias de crimes, tão dolorosas revelações nos jornaes? Porque haveria agora este facto de o impressionar mais que tantos outros? Então, só porque os seus olhos tinham visto aquelle corpo immundo, já a

sua impassibilidade dava logar a uma tamanha vibração de nervos ?

Devia pensar em outra coisa; queria-o, mas era vão o esforço, á resistencia acudia a curiosidade:

— Coitada, porque se teria matado?

Desgraças de amor, naturalmente. Uma paixão; sim, devia ter sido isso mesmo... Quando voltasse para casa passaria outra vez pelo Necroterio... esperava já lá não encontrar o cadaver, sabel-o reconhecido pela familia, tirado d'alli, d'aquella exposição ignominiosa,

A'quella hora alguem choraria a seu lado, já haveria flôres sobre o seu corpo immundo, e o perdão da familia sobre o seu crime nefasto!

Ainda dois dias antes ella devia ter sido bonita, fresca, louçã...

Naturalmente aquelle por quem ella se matou, foi procural-a, e, humilhado, arrependido, irá acompanhal-a ao cemiterio, fazendo-lhe um enterro bonito e espargindo violetas sobre o seu tumulo, com saudosa ternura.

Talvez a matasse uma traição... o amante casaria... o marido amaria outra... a vergonha... o ciume... Fosse o que fosse, ella estava morta, desfigurada, repugnante, e não lhe podia sahir do pensamento, numa obstinação cruel.

E as mãos, e o fato e o lenço cheiravam a defuncto e a acido phenico!

Sahiu de novo; gyrou pelas ruas; aqui um amigo alegre detinha-o, contando-lhe uma anec-

dota picaresca ; os outros riam, elle sorria apenas, condescendentemente, pensando nuns olhos vitreos, parados, e num corpo hirto e manchado de escuro. Entrou num botequim : muita confusão ; gente e musica estrepitosa. Mas todas aquellas pessoas, quasi todas homens, pareceram-lhe tétricas, sombrias, pensativas. Nem uma gargalhada! nem um dito de espirito faiscando no ar; bulha de passos, tilintar de vidros e metaes, unicamente rostos amarellados, olhos fixos no café das chicaras, e ao fundo uns musicos, vibrando os seus instrumentos com desespero, num interesse de ganho mercenario.

Achou estupido aquillo e sahiu.

Mas na rua, como em casa, sentia o mesmo cheiro e o mesmo desgosto. Sempre aquella mesa de marmore branca, inclinada, a Virgem no seu nicho de madeira, e o cadaver da afogada, com os olhos abertos e as algas mirradas presas no cabello.

Entretanto o outro, que a conhecera, já nem pensava nella...

E no espirito do impressionado rapaz voltava de vez em quando a impertinente pergunta :

— Porque se mataria... porque?...

Voltando para casa, parou de novo no Necroterio.

A morta já lá não estava. Sobre a mesa que ella tinha occupado, agora vasia, o sol punha, atravez dos vidros vermelhos e amarellos das ja-

nellas, umas rosas de luz côr de ouro e côr de sangue. Trouxe-lhe aquillo algum socego, mas não se cohibiu de perguntar com interesse ao guarda se a infeliz fôra, emfim, reclamada pela familia.

— Não, senhor, repondeu-lhe o guarda com amabilidade, ageitando no pescoço um lenço de lã azul.

— Então ninguem a reconheceu ?!

— Ninguem.

— Ninguem a procurou ?

— Ninguem.

— Coitada !

O guarda espantou-se de vêr brilharem de commoção os olhos d'aquelle importuno perguntador, que no entanto ia dizendo :

— Não teve a desventurada pae, irmão ou amigo que lhe viesse dizer um ultimo adeus ! Que coisa triste...

— Ninguem, repetiu o guarda ; foi d'aqui para o cemiterio.

— Antes a tivessem deixado no mar...

— Sim, mais valia...

O rapaz não respondeu ; olhou outra vez para a mesa, onde tremulavam as rosas de sol, e seguiu.

Talvez se tivesse matado por ser sózinha. A mulher é uma eterna creança, precisa sempre que a conduzam pela mão... Sem lar, sem amor, sem amparo e sem conselhos, como poderia re-

sistir e viver neste mundo? Faltou-lhe talvez o esposo... um amigo dedicado... talvez a mãe... um braço salvador, emfim, que a sustivesse em um outro nivel.

Pobre rapariga! fascinou-a naturalmente a côr mysteriosa do oceano, ora verde, ora azul... Suppoz poder dormir entre os coraes e as conchas nacaradas, emquanto as ondas rolassem sobre o seu corpo, marulhosamente!

Seria louca? E' possivel. Um pouco de espuma apparecendo e sumindo-se, assemelhar-se-ia a um aceno que a chamasse...

Incognita! passando pela terra sem deixar ninho nem vestigio, afundou-se no mar repentinamente, com todas as suas desillusões, ou, quem sabe? com todas as suas esperanças!

Talvez que elle, elle mesmo, já a tivesse visto e beijado!

Esta idéa fel-o estremecer. Viu fixarem-se nos seus os olhos terriveis e impenetraveis da morta, nublados de cinzento, a côr sombria e muda.

Interrogou as suas reminiscencias. E a voz do guarda pareceu dizer-lhe de novo, ao ouvido:

— Ninguem...

No caminho percorrido da sua vida, não a vira nunca. Antes assim! E elle respirou.

Porque se obstinava em pensar nella? Que extranho poder era esse, prendendo-o de tal fórma a uma desconhecida? Vira-a pela primeira vez já morta, já putrefacta e asquerosa. Acabou-

se; a vida é bem pouca coisa para que a gente se occupe tanto d'ella!...

Entrando em casa, a esposa correu a recebel-o com a filhinha; elle beijou-as com ternura, demoradamente, sentindo como nunca a alegria ineffavel de proteger alguem.

Depois contou-lhes tudo, a sua dolorosa impressão, deante da mesa inclinada do Necroterio, onde um cadaver de mulher mostrava o rosto amarello e os cabellos asperos, sujos de areia e de algas seccas.

Acabada a narração, a esposa tinha os olhos rasos d'agua, e a vozinha debil da filha murmurava:

— Logo á noite, mamãe ha de me fazer rezar pela afogada, sim?

A ALMA DAS FLORES

A LUCIO DE MENDONÇA

— Em optima occasião vieste, Adolpho, exclamou o Salles, vendo-me ao portão do seu jardim; tenho agora uma esplendida collecção de rosas. Entra.

De facto, as roseiras estavam com uma deliciosa carga de flôres: umas brancas como a neve, outras amarellas, outras rosadas, outras côr de sangue, rajadas, lisas, crespas, folhudas, simples; de todos os tamanhos, de todas as côres e de todos os feitios, ellas bailavam á doce viração da manhã, sacudindo entre a folhagem escura as crystalinas gottinhas d'agua, com que, ou o regador do jardineiro ou o orvalho da noite as tinha pulverisado.

— Encantador! realmente! disse eu sentando-me num banco, emquanto o Salles ia e vinha, explicando a origem d'esta rosa, a historia complicada d'aquella outra, o romance de amor ligado a uma assim e assim, o trabalho que tal floricultor tivera para conseguir uma rosa tão perfeita como

era a que eu via juncto a mim, na haste curva de uma roseira sem espinhos.

O Salles dizia de cór tudo aquillo, mais de quatrocentos nomes, um catalogo vivo, que elle desfiava muito ufano.

— No Rio já ha gosto! repetia elle de vez em quando, impando de orgulho em frente ás suas formosissimas flôres.

Eu ouvia-o, sentindo-me bem alli, embebido naquelle doce aroma e com tal espectaculo deante dos olhos.

De repente, emquanto o Salles externava os seus conhecimentos de jardineiro apaixonado, eu vi, em um extenso gramado verde, avelludado, que havia juncto ao lago, apparecerem, como por encanto, umas vinte raparigas formosissimas, pés descalços, tunicas rosadas mal seguras nos hombros, erguidas de um lado, deixando vêr a perna torneada e roliça, cabellos negros suspensos na nuca por travessas de ouro, olhos negros tambem, cheios de alegria e de malicia, dentes brancos resplandecentes, sorriso aberto, faces frescas como a aurora!

Ellas dançavam em rondas, mãos dadas, beijando-se, apparecendo ora aqui ora alli, sempre alegres e saltitantes.

O Salles continuava a descrever a astucia de um tal floricultor inglez, que roubara a um belga um importante segredo da exquisita formação de uma nova rosa:

— Biltre! clamava elle, vermelho de colera.

Nesse momento, uma das raparigas, destacando-se do grupo, correu para mim e deu-me ingenuamente um beijo no pescoço; voltei-me rapido e vi que me roçava no hombro a tal rosa muito perfeita, inclinada da haste de uma roseira sem espinhos.

O Salles convidou-me para o almoço e eu segui-o, julgando que aquella esplendida visão me havia de acompanhar; mas na sala, em frente ás costelletas de carneiro e dos bifes, nada mais vi.

Passou-se algum tempo. Um dia o Salles, entrando-me pelo escriptorio, exclamou :

— Homem! consegui ter aqui, no Rio, cravos tão bellos como os de S. Paulo; se quizeres vel-os vae amanhã cedo ao meu jardim.

Fui. Sentei-me no mesmo banco; o Salles começou a fazer a historia dos cravos; fallou-me de um amigo seu da provincia, que chegára a obter cento e tantas qualidades d'elles! narrou a proposito uma viagem e meia duzia de anecdotas; eu escutava-o, procurando no extenso gramado as vinte raparigas da manhã das rosas; mas não as encontrava! Olhando sempre, principiei a divisar, ao longe, umas pontas de lanças douradas, uns capacetes de scintillações metallicas e uns pennachos fluctuantes, de côres vistosas.

Era um exercito de cavallaria que subia uma encosta?...

Eram uns comparsas de theatro, ensaiando-se

para o espectaculo? Eu ia definir a coisa, quando o Salles disse :

— Vem cá! Vou mostrar-te uma parede da minha horta, que está literalmente coberta de madresilva; aquillo é uma flòr vulgar, mas é bonita... anda d'ahi.

Entrámos na horta.

Borboletinhas côr de palha voavam por sobre as couves; havia um ar ingenuo em tudo aquillo. Chegando em fremte ao tal muro fiquei attonito! Como uma cascata de flôres, amarellas, rosadas e brancas, os cachos da madresilva pendiam de entre a folhagem; zumbiam-lhe as vespas em torno; e o Salles explicou :

Esta trepadeira fornece muito mel ás abelhas... Que cheiro agradavel... hein?

Já então umas mãozinhas curtas e gordas afastavam a folhagem, e eu vi a cara redonda e graciosa de uma moça surgir detraz da verdura, olhar para a direita e para a esquerda, extender o pescoço roliço, mostrar o busto coberto por uma camisa de linho e um collete de velludo negro, de aldeã.

Logo depois veio de fóra um camponez, vestuario galante, rapaz altivo e alegre; e ella, debruçando-se na folhagem, como quem se debruça á janella, sorriu, mostrando as covinhas das faces, e os seus labios encontraram-se com os do camponio, num longo beijo de amor.

As abelhas zumbiam, e a camponeza enfeitava de flôres o chapéu de feltro cinzento do namorado.

E agora já não eram só elles! Em varios pontos do muro, camponezes e camponezas segredavam, abraçando-se; uma d'ellas chegou a ter a ousadia de saltar para fóra, e mostrou assim as suas meias em riscas e a saia vermelha barrada de preto; o noivo aparou-a nos braços, e lá se foram os dois saltando por sobre as hervas, e rindo ás gargalhadas!

O Salles convidou-me a ir ao pomar.

— Tenho lá uma magnolia esplendida. Eu sou tão doido por flôres, que as planto em toda a parte! dizia-me elle, dando-me o braço.

O pomar era pequeno, mas tractado com muito capricho; tinha de notavel uma mangueira de enormes dimensões, e já não me lembra que variedades de fructas. A magnolia lá estava, com as suas grandes flôres pallidas emergindo da rama escura da arvore.

Rodeando uma jaqueira visinha, havia um banco de páu. Sentámo-nos um pouco. O Salles começou a ferir-lhe o tronco com o canivete. Estavamos silenciosos, e eu meditava na extranheza das minhas visões em casa do meu amigo, quando vi, positivamente vi, uma encantadora mulher, já na segunda mocidade, mas, apezar d'isso, linda, arrastando-se de joelhos, com os cabellos em desalinho, os olhos castanhos cheios de paixão, os labios tremulos, o vestido a envolvel-a numas rendas sombrias, pospontadas por uns pequenos raios de ouro, as mãos erguidas supplicemente.

Transbordava de tal maneira a paixão do seu olhar, havia tal contensão de amor no seu peito, que me chegou a ser doloroso vel-a assim! Com quem fallava? a quem dizia com tanta vehemencia o *amo-te* sagrado? Não sei : o peito arquejava-lhe, saltavam lagrimas grossas dos seus olhos, e espalhava-se-lhe pela physionomia uma pallidez de luar... Fiquei muito nervoso e despedi-me do Salles.

Mezes depois tive de lá voltar, a instancias d'elle, para ver uma pequena collecção de lirios.

Estivemos perto do lago, vendo os lirios d'agua, côr de marfim e aromaticos; a nosso lado havia dos outros, côr de violeta e dos brancos, muito poeticos.

O Salles nunca offerecia as flôres do seu jardim; era zeloso em excesso, e poz-se a contar-me a razão d'isso. Entretanto, eu via atravéz de umas névoas uns vultos indistinctos, tocando em lyras e em harpas de prata. Era um quadro vago, branco, nublado, aéreo.

Sahi e jurei nunca mais voltar á casa do meu amigo, para não correr o risco de ficar doido!

Tive por esse tempo de mudar-me. Fui habitar o primeiro andar de uma casa de pensão. Pela janella de sacada do meu quarto eu via o quintal da minha senhoria, uma boa burgueza economica, que em vez de jardim tinha um coradouro para a roupa lavada, e, a um canto, um unico canteiro para tomates e salsa. Havia, porém, na visinhança,

um quintalito de eguaes dimensões, mas onde a dona, egualmente pratica, mas de sentimentos mais tocados por uns laivos de poesia, plantára, além da grama para o coradouro, e da salsa para a panella, um canteirinho de angelicas, que estavam então em flôr.

No verão tive sempre por habito ir fumar um cigarro á janella, antes de me deitar. Puxei a minha poltrona para a sacada, na primeira noite da estada na minha nova habitação, e puz-me a cogitar em um negocio serio, quando de subito vi uma columna singular, movediça, que se alava para o firmamento infinitamente azul e infinitamente calmo! A pouco e pouco fui distinguindo fórmas humanas, figuras quasi apagadas de mulheres, como se aquella columna fosse a biblica escada de Jacob, por onde as recatadas virgens iam subindo ao céu! A' proporção que eu as fixava iá-as divisando melhor, até que as vi distinctamente!

Eram todas alvas, eram todas loiras; os cabellos fluctuavam-lhes em grandes ondas flexiveis, levavam os braços erguidos e nas pontas dos dedos das mãos, junctas acima da cabeça, uma pequena açucena, onde iria talvez a essencia divina da maior dôr da terra!

Dos seus olhos azues, humidos de pranto, cahia o orvalho para as hervas, e ellas subiam, succediam-se, sempre formosas, sempre loiras, sempre a erguerem acima da cabeça a pequena açucena côr de leite!

Aquelle quadro tinha uma magia extranha, de que eu não me podia desprender! ficava horas inteiras a contemplal-o, até que, cançado, adormecia. O criado fechava com estrondo a janella e eu ia tonto para a cama.

Esta scena repetiu-se por umas cinco ou seis noites. Apezar do meu protesto, apresentei-me no fim de alguns dias em casa do Salles.

Levando-me atravéz do jardim, elle mostrou-me de passagem umas camelias brancas. Eu olhei detidamente para essas bonitas flôres, que me pareciam, na sua mudez, pequenas virgens mortas: nada me feriu nem abalou a imaginação. Bem! calculei eu, agora as minhas visões só vêm á noite!

Mas exactamente nessa noite, debalde esperei a columna humana, que subia da terra a perder-se nas constellações da Via-lactea! Em vão olhei para o espaço vazio, azul, illuminado pela luz da lua; no céu acinzentado luziam as estrellas como pequeninos pontos de ouro; mais nada!

Por que não viriam? onde estariam ellas, as encantadoras filhas da noite? Cançado de procural-as no espaço, debrucei-me da janella para procural-as na terra. Tudo silencioso! tudo como na vespera... unicamente, do canteiro do quintal visinho tinham desapparecido as angelicas brancas...

Só então percebi que via o que os outros sentem — o aroma!

ONDAS DE OURO

Sim, era preciso acabar a tarefa antes da noite... o caixeiro já lhe dissera tres vezes da parte do patrão: — Olhe, Sr. Mendonça, as tranças foram encommendadas para hoje ás seis horas, sem falta, e d'aqui a nada estão por ahi a buscal-as...

Elle, o Sr. Mendonça, levantava os olhos, abanava affirmativamente a cabeça calva e, sempre calado, baixava de novo os olhos pequeninos e seccos para o trabalho. O caixeiro descia rapido a escada de caracol, para a loja, e o official lá ficava no primeiro andar, separando com os dedos, engelhados pela velhice e amarellecidos pelo fumo, umas madeixas muito loiras, muito sedosas, muito flexiveis, que lhe cahiam sobre o peito e os joelhos numa cascata luminosa e ondeante. Aquelle ouro fulvo tocado pela restea do sol da janella, aquella massa de cabellos finos, agitados pela viração, entoava num grande reverbero metallico a symphonia triumphal da luz.

O velho, mal vestido, com o collarinho amar-

rotado e o casaco luzente nas costuras, parecia um nababo avarento, sumindo os dedos gostosamente naquelle thesouro opulento e flacido. Não quizera que o auxiliassem; irritou-se contra um aprendiz por se ter offerecido com insistencia. Nada! aquillo era coisa sagrada; nenhuma pessoa lhe tocaria sem profanação. E os companheiros sorriam attonitos, vendo o Sr. Mendonça, geralmente desleixado, escovar muito e pulir as unhas, perfumando as mãos, antes de começar o seu querido trabalho.

A pouco e pouco foram-n'o deixando; vendo-se só, o velho beijou repetidas vezes a trança loira, assim como um crente beija uma reliquia santa. Negára-se a trabalhar na officina, e pedira um recanto isolado, onde não levasse sumiço um unico fio do precioso cabello... Fôra-lhe concedida, sem exemplo, a permissão de ir para a pequena sala da frente, alcatifada e com cortinas. Alli estava só.

Nos armarios de vidro, em roda, como unicas testemunhas, cofres de perfumarias, estojos para unhas, *tondeuses*, *pompons* de arminho, escovas de luxo, *pattes de lièvre*, esponjas, aguas de *toilette* enfrascadas, caixas completas de *maquillage*, cosmeticos, elixires, oleos e sabonetes arrumados em caixinhas de tres, com rotulos coloridos e brilhantes, ou separados e envoltos em papeis prateados, azues, ou côr de gravanço.

Entre aquella variedade infinita de aromas e de

tons, aqui e alli, rumas de pentes de todos os feitios, da mais fina tartaruga ao mais negro bufalo, do melhor marfim ao mais grosseiro osso. Pendentes e cuidadosamente alisadas, tranças negras, castanhas, loiras, grisalhas, restos de uma multidão incognita, destroçada, perdida na noite escura da miseria, na podridão da vala-commum, nas enfermarias dos hospitaes, ou nas cellulas das penitenciarias.

De espaço a espaço, sobre cabeças de páu, um chinó preto, reluzente, e caricatamente garrido, ou umas cuias de arame muito fino, cobertas de caracóes alvos, geitosos e macios.

A envolver tudo isto, o enervante cheiro do heliotropo branco, ou os suavissimos e exquisitos aromas do *Musc* ou do *Psidium*.

No relogio de metal bronzeado, sobre o dunkerque, em frente ao espelho, os ponteiros gyravam, gyravam implacavelmente para o pobre Mendonça, que suppunha, talvez, ter entre os dedos não uma pobre cabelleira loira, desfeita, mas o proprio sol, eternamente irradiante e puro,

Antes que subisse o quarto recado do patrão, beijou o velho muitas vezes aquelles fios d'ouro; e, acabado o trabalho, fingia ainda occupar-se d'elle, temendo a angustia da separação.

Era o unico vestigio da sua adorada Angelina, morta havia um mez, um anjo de docilidade e de meiguice, que supportara sorrindo a cruz da sua pobreza, sempre consoladora, sempre resignada.

Levára-a a tisica, a mesma molestia que arrebatára a mulher e os outros dois filhos mais velhos! Tinha-lhe ficado aquella só, e nella concentrara todo o seu carinho; e um dia, que triste dia de verão fôra esse! o medico da Policlinica dissera-lhe: « A sua menina está mal... allivie-a do peso dos cabellos, mande-a tomar ares num arrabalde... leve-a immediatamente para fóra. » E elle, estrangulado de angustia, empenhára tudo, relogio de prata, corrente, joiazinhas de familia, uma commoda antiga. Apurado o dinheiro, transportou para Santa Thereza a sua doentinha; mas Angelina peorou de tal sorte, que no fim de um mez teve de tornal-a á cidade; ahi durou pouco. E o velho, acariciando os cabellos loiros, lembrava-se d'aquellas horas negras: a pequena, muito desfigurada, extendida no leitozinho estreito, emquanto elle piedosamente enxotava com o lenço branco as moscas que a assaltavam. Foi então, horrorisado com a idéa de entregar á vala aquelle corpo idealmente puro, sonhando como uma felicidade comprar para o seu branco lirio um canteiro separado de todos mais, que elle se lembrou, como unico recurso, de ir vender as tranças loiras da filha, guardadas havia muitos dias, desde a consulta da Policlinica.

Antes isso... separar-se-ia d'esse amado despojo, mas a sua casta, a sua angelica, a sua immaculada filha, teria um canteirinho condigno!

E, como um negociante banal, foi fazer o preço,

propor o negocio e ao mesmo tempo contractar a obra! Tudo assentado, fizeram-se as ceremonias do ritual, e elle acompanhou serenamente a filha ao cemiterio...

Eram cinco horas. Subira o quinto recado do patrão. A restea de sol já não entrava pela janella. Em baixo, nas calçadas da rua, muita bulha de passos e um rumor alto de vozes. Mendonça tinha concluido a obra. Pela escada de caracol ouviu uns passos de homen e outros leves, rapidos, evidentemente de mulher; depois um ruge-ruge de vestido de seda, e umas gargalhadinhas em falsete.

— Prompta a encommenda, Sr. Mendonça? perguntou, num accentuado sotaque francez, o dono da casa.

O velho quiz responder ao patrão, mas não pôde; ergueu a trança, e delicadamente pol-a sobre a alcatifa do balcão.

Tirando á pressa as luvas altas, num gesto petulante, a recem-chegada extendeu as mãos alvas, carregadas de anneis caros, para o cabello tão carinhosamente tratado pelo velho, e poz-se a examinal-o, separando com força as tres madeixas da trança, cheirando-a, olhando-a de perto, de longe, e deixando-a por fim cahir sem caridade sobre o velludo escuro de um sofá.

Mendonça estremeceu; imaginára ingenua-

mente que os cabellos da filha iriam adornar a cabeça de uma virgem, que se engrinaldasse de rosas frescas, e tivesse com elles todo o desvello de uma menina educada. Vendo em frente aquella mulher arrogante e brutal, atiral-os sem cuidado sobre o traste mais proximo, mordeu os beiços e amparou-se ao balcão. O suor corria-lhe pela calva, as mãos crispavam-se-lhe com odio.

Deante do alto espelho, a fregueza tirava o chapéu de abas reviradas, com *bouquets* de flôres. Elle via reflectido no crystal o seu vestido de seda escarlate, a *jaquette* côr de café com leite, aberta na frente, com uma grande rosa vermelha na lapella ; a descommunal aranha de perola e brilhantes a luzir-lhe no peito, os pulsos cheios de braceletes ; as bichas de brilhantes nas orelhas, o rosto coberto de *veloutine rose* sobre pastas de *cold-cream;* os beiços tintos a carmim, os olhos engrandecidos, o cabello sujo por tintas côr de cenoura, com louros claros e escuros, em manchas deseguaes. Collocava no penteado a trança, que o dono da casa, muito solicito, erguera do sofá ; via-se de frente, de perfil, desvanecidamente ; depois, voltando-se para o francez :

— Fica-me bem esta côr, não acha?

— Oh ! perfeitamente, é de um tom bellissimo, *ravissant!*

— Sim ?... Vou fazer com ella esta noite um papel de fada, no Sant'Anna... Que diz, farei sensação ?

E em uns requebros amaneirados, prolongou o dialogo, deante do velho Mendonça, dizendo muitas coisas futeis, em giria de bastidores.

O desgraçado homem olhava, olhava para os cabellos da sua pura, da sua casta, da sua immaculada filha, com os olhos rasos de lagrimas, numa grande magua que o abatia.

No fim de meia hora, a actriz, arranjados os frisados da testa e abotoadas as luvas, segurava o grande leque pintado, a sombrinha de cabo extravagante e alto, e descia a escada de caracol, calcando os degráus com os pés calçados em meis de seda e sapatinhos estreitos.

Mendonça ficou colado ao mesmo sitio, com os olhos fixos no mesmo ponto e o pensamento preso á mesma idéa...

Nunca mais veria os cabellos da sua Angelina, aquellas opulentas ondas de ouro, aquelle precioso espolio! Que sol o aqueceria então? Não tornar a vel-os! a isso não se resignava o desgraçado pae, mas... e lembrou-se do que a actriz disséra :

— Esta noite no Sant'Anna vou fazer um papel de fada...

A's oito horas lá estava á porta do theatro o official de cabelleireiro. Era cedo e elle já tinha na algibeira o seu bilhete de galeria. Foi o primeiro a subir, e sentou-se num bom logar, á frente. O gaz muito amortecido, os camarotes e a

plateia vazios, davam um aspecto taciturno ao theatro. Ah! no tempo da filha não fôra nunca a um espectaculo; a pequena morrera sem ter visto isso... E sentia remorsos, o Mendonça, como se elle tivesse ido agora com o proposito de se divertir! E lá, na galeria, sózinho, limpava as lagrimas, que lhe corriam em fio, embebendo-se nas suas barbas brancas.

Principiava a apparecer gente, em pontos desgarrados da sala, até que uma onda grossa veio enchel-a quasi de repente; o gaz abriu em grandes leques a sua luz forte e a orchestra rompeu num tango alegre, vibrando no ar uns estalidos de castanholas e os sons metallicos dos pistons.

Erguido o panno, o velho Mendonça abriu muito os olhos, debruçando-se avidamente. Agitava-se em scena um bando de coristas, pintadas e quasi núas, esganiçando-se num côro alegre; depois, vinham as damas principaes, os actores; e a plateia ria, e os applausos echoavam sem que o Mendonça tomasse parte em nada. Todo o primeiro acto rolou indifferentemente para elle. Durante o intervallo não se levantou; temia perder o logar, e não ver depois bem os cabellos da filha; mas no segundo acto não entrou a fada, nem tampouco no terceiro! Mendonça sentia-se fatigado e desilludido ao começar o quarto e ultimo acto, em que os quadros se succediam animados e com brilhantes scenarios.

Ia elle quasi em meio quando, de entre umas

nuvens de gaze azul celeste, salpicadas de estrellas luminosas, appareceu, em *maillot* e setim branco, com diadema, varinha de condão e o manto de cabellos loiros espalhado nas costas, a fada protectora da desventurada ingenua.

Era ella! Mendonça levantou-se, poz toda a attenção naquella grande cabelleira solta, sedosa, fulgurante, resplendendo, numa prodigiosa magnificencia, scentelhas de ouro, refrangivel, ondeante e vivo!

Tantas vezes vira a sua Angelina coberta por aquellas madeixas longas!

E á luz da ribalta, os virginaes cabellos da filha pareciam-lhe mais formosos e mais offuscadores ainda! Não via mais nada; nem o corpo esbelto da actriz, nem as transfigurações que ella ia produzindo com a sua magia; todo o seu espectaculo era aquella trança desatada, que lhe mandava, da falsidade do palco, num perfume de saudades, uma piedosa illusão da vida!

Sim! revivia um pouco a sua adorada morta, e elle batia as palmas, chorava como um doido e, em um delirio phrenetico, pedia *bis*, em altos gritos, vendo sumir-se a Fada entre nuvens de gaze azul celeste, salpicadas de estrellas luminosas.

Mandaram-n'o calar-se; elle continuou sempre, até que a policia interveio. O velho Mendonça foi tirado à força do theatro; alguns espectadores riram; e lá dentro, a actriz, muito orgulhosa, convenceu-se de que realmente fizera sensação.

O ULTIMO RAIO DE LUZ

A JULIA CORTINES

Ainda me lembro do ultimo raio de luz que me feriu as pupillas. Sol! sol! por que não te hei de esquecer?!

Era em Maio. A janella do meu quarto dava para o mar, e havia uma larga moldura de rosas amarellas que a circumdava toda. Eu tinha quinze annos só. O medico ia todos os dias ver os meus olhos e quedava-se longo tempo a fallar com minha mãe, descrevendo-lhe o meu mal, pedindo-lhe desvello, arregaçando-me as palpebras, admirando a limpidez do meu olhar azul e innocente.

Eu ouvia-o fallar em *amaurose* com uma piedade tão commovente, que me enternecia. Qual era a minha doença? Ignorava-o eu; minha mãe comprehendia-a, respondia com voz mal firme ás perguntas e prescripções do doutor. Elle era moço, era formoso e era meigo; que havia de extranhavel em que eu o amasse?

Amei-o; mas eu só tinha quinze annos e elle

já tinha trinta! Para elle eu era uma creança apenas, uma flôr mal desabrochada e triste. Sorria-me com a doçura que os desgraçados inspiram, eu bebia-lhe a voz com a sofreguidão indefinida que o primeiro amor dá! Para mim, elle era tudo! Tremia com o vêl-o e sentil-o ao meu lado, o coração batia-me com força, as fontes latejavam-me, um desmaio de ventura percorria as minhas veias, ia no meu sangue; era o meu sangue mesmo, gyrando dentro da minha carne fresca, rosada e pura, ora impetuoso, ora brando, que me sobresaltava, avermelhando-me as faces, ou me enlanguecia, matando-me de goso. Quinze annos! oh meus quinze annos! quão longe estaes! Quando passo as mãos pelos meus cabellos, que devem estar brancos, e os dedos encontram no meu rosto as rugas da velhice, treme-me no peito uma saudade d'aquelle tempo de primavera, e sinto as lagrimas rolarem-me pelas faces. Só para chorar não morreram os meus olhos, bemdicto seja Deus!

Um dia o medico tapou-me a vista com um lenço escuro. Senti-lhe as mãos emmaranhadas no meu cabello loiro, e a sua voz clara e sonora dizer-me juncto ao ouvido:

— Conserve-se assim alguns dias; não retire esse lenço sem meu consentimento .. do contrario ficará cega... cega, ouviu? Promette-me obediencia?

Prometter-lhe obedíencia foi para mim uma felicidade. Obedecer ao homem que ama, é para a

mulher um goso exquisito, terno e perfeito. Acenei-lhe que sim. Passei alguns dias immovel; mãos cruzadas no collo, como uma figura de santa paciente, feliz na sua resignação!

Ao redor de mim tumultuava a casa. As creanças corriam, chamavam-me, diziam que o tempo estava formoso, que havia novas flôres na minha roseira; que a mamãe, fizera outro manto para a imagem do meu oratorio... As criadas vinham contar proezas dos meus animaes favoritos; minha mãe, tão discreta, essa mesma deixava-se levar no enthusiasmo de quem vê, e volta e meia tinha uma exclamação de espanto ou de alegria que me impelliam a arrancar o lenço para ver tambem.

As mãos, porém, não se descruzavam; o sacrificio feito para obedecer-lhe tornava a obediencia mais querida ao meu coração. Eu suppunha que elle conheceria, perceberia, apalparia, por assim dizer, todas aquellas attribulações, todos aquelles sentimentos que se agitavam dentro de mim. Eu devia ser como um crystal, e cuidava sel-o aos olhos do meu medico! De todas as pessoas da familia, minha irmã mais velha era a mais doce. Ao pé de mim não gabava as bellezas que os seus olhos vissem; acariciava-me como a uma pomba cançada, a quem se teme maguar as azas. Pobre de minha irmã! Com a falta de vista fui apurando o ouvido, de tal sorte que o minimo som chegava até mim perfeitamente limpo. Uma agulha que

cahisse no chão, uma palavra mal segredada, um suspiro retido a meio, um sopro, um voar d'azas finas do mais pequenino insecto, constituiam o meu drama, todo o meu mundo visivel, porque emfim eu via pelo ouvido, pelo ouvido reconstruia imaginariamente todas as scenas! Chegava a adivinhar a intenção das pessoas, a maneira de occultarem sob palavras brandas e quasi indifferentes a admiração que algum objecto lhes causasse; a recusa intima de coisas que os labios consentiam, ou o consentimento de outras que o espirito recusava!

Principiei a conhecer que toda a gente mentia mais ou menos em minha casa, e que o exemplo vinha desde minha mãe e de meu pae. Não era só a mentira grosseira, aspera, rude, vulgar; o que eu percebia, ia mais longe: sentia a mais tenue, a mais fina, a mais vaporosa sombra de falsidade. Tristes momentos em que a cegueira nos descortina segredos, que desejariamos ignorar toda a vida! Para eu não ser má, valia-me a paixão pelo medico. O amor abria-me a alma, enchia-me o coração de bençans, e para cada defeito que eu descobrisse na voz de alguem, tinha um perdão no meu seio!

Um dia, não se puderam calar e entoaram todos louvores ao sol.

— Ha muito que não faz um tempo assim! exclamava um.

— Dá vontade á gente de passear! dizia outra, rindo.

Eu sentia o calor brando e doce do sol de Maio, e as minhas narinas dilatavam-se ao aroma das rosas francamente abertas. Voavam andorinhas perto das janellas, e o flu-flu das azas soava no ar deliciosamente. Alguem passava na praia cantando uma cançoneta alegre, e as creanças riam alto na varanda, correndo atraz do meu cão predilecto.

Oh, se eu pudesse correr ao sol! colher flôres para o meu amado, cantar as canções felizes que a vista do mar me inspirasse, como seria bom, como seria bom! E as mãos apertavam-se mais, com medo de desobedecer ao meu senhor, ao dono do meu destino, do meu terno coração de quinze annos, todo primavera, todo amor, todo esperança.

Comecei a rezar baixo, mentalmente mesmo, pedindo á virgem minha patrona, que désse saude aos meus olhos cançados da escuridão. Tive de interromper a minha préce... No jardim havia um sussurro brando que me fez estremecer. Ergui-me e fui, tacteando, á janella. Vi todas as flôres, nos seus perfumes, o calor ameigou-me a pelle, o mar rolou uma queixa doce aos meus ouvidos; as mãos tremulas desligaram-se-me: ouvi então a voz do meu medico fallando de amor a minha irmã...

Uma illusão! sim! era uma illusão tudo aquillo;

e, para convencer-me, eu desgraçada, arranquei dos olhos o lenço escuro. O sol! Só vi o sol... mais nada! O sol furioso, dardejante, afogueando tudo, mar, céu, terra, plantas, como brasa ardente e caustica a rebrilhar em toda a natureza, tingindo de oiro vivo as côres mais delicadas, ferindo de morte os meus pobres olhos de virgem apaixonada...

. . . .

Agora, quando os filhos de minha irmã me perguntam qual foi a ultima impressão que tive pelo olhar, mal lhes respondo e quedo-me a revêr-me nos meus quinze annos, sentindo que, ao menos para chorar, ainda vivem os meus olhos, louvado seja Deus!

A MORTE DA VELHA

A PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

Cabellos brancos, finos, em bandós; rosto redondo, amollecido, sulcado por muitas linhas fundas; olhos azues, cariciosos e transparentes como as pupillas das creanças; corpo pesado, grosso, baixo e curvado; pés e mãos inchados, pernas paralyticas — tal era a velhinha cuja vida deslisára entre sacrificios, que ella, na sua crença de religiosa, espera vêr transformados em flôres no céu!

Muito surda, mas extraordinariamente bondosa e activa, ella não parava de trabalhar, na sua grande cadeira de rodas, recortando papeis para as confeitarias. Os recursos eram minguados: o irmão, desde que se mudára para aquelle sobrado da rua do Hospicio, não lhe dava vintem, e ainda se queixava de ter de sustentar tantas boccas.

Só filhas quatro, de mais a mais doentes e pouco geitosas. Só uma bonita, a ultima, e essa

era tambem a de melhor genio, talvez por mais esperançada no futuro. Mãe não tinham, e fôra a velha, tia Amanda, quem tivera com ellas todo o trabalho da criação, bem como já tinha tido com o irmão. Estava affeita. Affeita mas cançada.

O irmão, empregado publico, era viuvo, mal humorado e envelhecido precocemente. A esse tinha ella criado nos braços, desde os mais tenros mezes; fôra para elle uma segunda mãe. Quantas vezes contava ás sobrinhas as travessuras do seu pequeno Luciano, que ahi estava agora tristonho, achacado e impertinente!

E ella gosava relatando os espisodios da meninice d'elle : os caprichos que lhe satisfazia para o não vêr chorar, as horas que perdia de somno para o embalar nos braços, os sustos com as doenças e as quedas, e uma noite que passára em claro para fazer um trajo de anjo com que Lucianinho foi á procissão do Corpo de Deus.

— Nesse tempo o vigario do Engenho...

Mas as sobrinhas interrompiam-na : queriam saber como era o vestido, esforçando-se por imaginar a figura do pae, agora tão enrugado e taciturno, com seis annos apenas e vestidinho de anjo!

A velha satisfazia-lhes a curiosidade com um sorriso de gosto : era um vestidinho salpicado de lentejoulas e guarnecido de rendas. Nada faltára ao irmão, — nem a cabelleira em cachos, com o seu grande diadema cheio de pedrarias,

alto na frente, em bico; nem as azas de pennas brancas, entre as quaes puzera um ramo de flôres do campo, em tufos de filó; nem as meias arrendadas, e os sapatos de setim branco com uma roseta azul, nem as pulseiras, o collar, o lenço guarnecido de rendas, cuja extremidade elle offerecera graciosamente a outro anjo que ia a seu lado, no mesmo passo. As sobrinhas ouviam-na rindo e faziam-na repetir certas travessuras do pae, a que ellas achavam muita graça, mas que lhes pareciam absurdas. Custava-lhes a crêr que o pae, tão sizudo, tivesse feito aquillo; mas a tia affirmava-lhes tudo com segurança, mesmo deante d'elle, que não protestava, e ellas ficavam satisfeitas, tendo com as antigas maldades do pae como que uma desculpa para as suas.

Entretanto, tia Amanda não parava de trabalhar; cosia as meias de toda a gente de casa, cortava papeis de balas para uma visinha doceira e rendas para os pudins das confeitarias.

Ganhava pouco, e esse pouco dava-o, tão habituada estava desde moça a trabalhar para os outros.

A pouco e pouco a pobre velhinha foi tambem perdendo a memoria : confundia datas, relatava atrapalhadamente os factos; a sua tesourinha já se não movia com tanta delicadeza, as mãos tornaram-se-lhe mais pesadas, a vista enfraqueceu ;

os pontos nas meias já não formavam o mesmo xadrezinho chato e egual, e o serviço das confeitarias começou a escassear até que lhe faltou completamente.

Nesse dia a pobrezinha chorou. O irmão não lhe dava nada... como poderia ella soccorrer as desgraçadas que até então protegera?

No fim do mez lá foram ter com ella a viuva pobre dos sete filhos e a comadre tisica. A velha não teve coragem de lhes contar a verdade; corou... e prometteu mandar-lhes no outro dia alguma coisa. E no outro dia mandava o que a casa de penhores lhe dera pelo seu relogio antigo, e que ella tinha destinado para a primeira sobrinha que casasse.

Mas a historia do relogio foi depressa sabida pela gente de casa.

As filhas de Luciano contaram ao pae, indignadas, que a tia o expunha ao ridiculo, mandando empenhar coisas, como se não tivesse que comer em casa! O Luciano ouviu-as, mordendo o bigode branco, com a indignação das filhas a reflectir-se-lhe nos olhos. Foi immediatamente fallar á irmã. Achou-a cosendo na sua cadeira de rodas, os oculos cahidos sobre o nariz, a cabeça pendida.

Vendo-o, ella sorriu-se. Elle perguntou-lhe num tom azedado pelo seu máu figado :

— Então? é verdade que você mandou empenhar o seu relogio de ouro?

— E', respondeu ella na sua costumada placidez.

— Mas eu não quero isso! Hão de pensar lá fóra que não lhe dou de comer! Tome cuidado!

A velha estremeceu, e nos seus olhos azues brilhou, fugitiva, uma expressão dolorosa.

Tome cuidado! Quantas vezes dissera ella aquellas mesmas palavras ao Lucianinho, nos velhos tempos! Dizia-lh'as com meiguice, alisando-lhe os cabellos, ou entre dois beijos : — « Olha meu filho, toma cuidado! não te exponhas ao sol... não comas fructas verdes! estuda bem as licções... Toma cuidado comtigo, meu amor! »

E eram quasi supplicas aquelles conselhos!

E ahi estava agora o Luciano a dizer-lhe colerico e brutalmente as mesmas palavras! E ella curvava a cabeça ao irmão, e obedecia-lhe, e temia-o! ella, que o criára desde pequenino, que por causa d'elle perdera um casamento, que por causa d'elle se tinha sempre sacrificado! Era duro, mas era assim. Ha sempre mais paciencia para as maldades de uma creança, do que para as rabugices de um velho! Reconhecia isso e calava-se. « Luciano é doente, pensava ella, e é por isso que me tracta com tão mau humor! é doença, não é *ruindade* de coração... Se elle foi sempre tão bom! Aquillo ha de passar. »

No fim do mez a questão estava esquecida, e a velha recebeu a visita da comadre tisica e da viuva

pobre. Não tinha um vintem, e resolvera dizer isso mesmo ás suas protegidas; mas exactamente nessa occasião a tisica mostrou-lhe uma receita do medico, tossindo a cada palavra, com a mão espalmada no peito; e a viuva levou-lhe pela primeira vez o filho mais novo, um lindo menino de olhos azues e de cabellos loiros.

A velha enterneceu-se e prometteu mandar no dia seguinte *alguma coisa*, tanto a uma como a outra.

Nessa mesma tarde disse ao Luciano, muito constrangida :

— Hoje vieram cá aquellas pobres... Coitadas! custa-me tanto não lhes dar esmola... se você me pudesse emprestar... é pouca coisa, bem vê...

— Acha muito o que eu ganho? não se lembra que mal me dá o ordenado para sustentar as quatro filhas e nós?

E como ella lhe explicasse a precaria situação das duas mulheres :

— Ora, a viuva que empregue os filhos mais velhos e ponha os outros em asylos; e quanto á tisica...

— Se eu tivesse vinte annos de menos, não te pediria isto, Luciano! Lembra-te bem!

Mas o Luciano não se lembrou!

Ella quiz referir-se ao tempo em que o ajudava trabalhando para fóra, cuidando-lhe dos filhos, indo muitas vezes para a cozinha, e deitando-se fóra de horas para lhe engommar as camisas...

quiz referir-se, mas envergonhou-se, e disse de si para si :

— Aquillo é doença; não é *ruindade* de coração!

No entanto, o seu bom Lucianinho e as filhas commentavam entre si a caduquice da velha. E, realmente, desde aquelle dia, a paralytica decahiu muito; incommodava toda a gente. Era preciso leval-a ao collo para a cama, despil-a, vestil-a, laval-a, levar-lhe a comida á bocca. Ella impacientava-se quando lhe tardavam com o almoço; gritava de lá que a queriam matar á fome, que era melhor enterrarem-n'a de uma vez. E a criada, a quem ella déra outr'ora presentes, ria-se; e as sobrinhas, que ella tantas vezes carregára ao collo, levantavam os hombros, enfadadas. Luciano reprehendia-as, mas ia dizendo que effectivamente a irmã era insupportavel!

Apezar de mutissimo edosa, a pobre senhora tinha apêgo á vida; já muito confusa de idéas, completamente inerte, tinha impertinencias, ralhava lá da sua cadeira de rodas com toda a gente: esta porque não lhe dava agua, aquella porque lhe apertára de proposito o cós da saia, aquella-outra porque lhe deitava veneno na comida...

Deslisavam assim amargamente os mezes, quando, um dia, uma criada, muita pallida, com os olhos esgazeados e os cabellos hirtos, entrou aos gritos na sala de jantar, exclamando :

— Fogo! fogo! ha fogo em casa!

Levantaram-se todos da mesa.

Por uma janella aberta entrou uma lufada de fumo; viu-se brilhar a chamma. A porta estava tomada pelo fogo.

— Fujam pelo telhado! gritou o Luciano.

E ouviam-se vozes lá fóra, dizendo como um echo :

— Fujam pelo telhado!

Na sua grande cadeira de rodas, a velha presenceava aquella scena, sem se poder mover, aterrorisada e sem voz. O irmão empurrava as filhas, atava num guardanapo as joias tiradas á pressa de uma commoda, punha na mão da criada os talheres de prata, olhava para traz, para o fogo que vinha lambendo a parede, impellido pelo vento; corria, atirava para o telhado os moveis mais leves, pressurosamente, abria e fechava gavetas, e saltava por fim tambem pela janella, para o telhado, o unico meio de salvação que a Providencia lhe offerecia!

A velha ficou só. Tentou mexer-se, tentou gritar: debalde.

Peior que o incendio e que o medo, foi a impressão deixada pela fugida do irmão.

O seu espirito cançado como que se esclareceu nesse momento. E d'essa vez não disse de si para si, para desculpal-o : « Aquillo é doença, não é ruindade de coração!... »

O calor afogueava-lhe as faces, onde ha muito não subia o sangue; no meio d'aquella solidão

pavorosa, ouvindo o crepitar da madeira nuns estalidos seccos, a bulha surda de uma ou de outra viga que se desmoronava, o luf-luf da chamma que subia, a velha sorria com ironia, lembrando-se da precaução do Luciano em arrecadar as coisas que ella, a irmã abandonada, lhe ajudára a ganhar...

E voltou de novo o olhar para a janella; então, entre o fumo já expesso, viu desenhar-se alli uma figura de homem.

O coração bateu-lhe com alegria.

— É Luciano que se lembrou de mim!...

Era um bombeiro que lhe extendia a mão, chamando-a. A velha fez-lhe um gesto, — que se retirasse!

Nisso, um rolo de fumo negro interpoz-se entre ambos, como um véu de crepe. Perderam-se de vista. O bombeiro voltou para fóra, quasi asphyxiado. A velha fechou os olhos e esperou a morte.

PERFIL DE PRETA

(GILDA)

A MACHADO DE ASSIS

Suruhy : sol de rachar. Ás onze horas, pela estrada quente, mal sombreada por uma ou outra gamelleira, vinha a negra Gilda da situação Fonseca, com a cesta de taquara carregadinha de beijús, agasalhados na toalha recortada á mão por sua senhora, D. Ricarda Maria.

A pelle preta não desgosta do sol; mas era tão ardente esse de dezembro, que a Gilda, suando em bica, metteu-se pelo primeiro atalho para o matto até á margem do rio. O caminho seria mais longo, paciencia.

Logo que entrou na selva regalou-se roçando as solas dos pés, queimados pela areia da estrada descoberta, nas trapoeirabas macias, onde florinhas roixas desabrochavam á sombra de canelleiras cheirosas e de cada arvore, que Deus nos acuda ! Tinha o seu medo de andar por alli ; sempre era mais arriscado o encontro de uma

cobra que pela estrada. Mas o frescor do matto, e o marulhar do rio tentavam-n'a, foi andando. E tinha que andar, porque a freguezia de S. Nicolau ainda era d'alli a um bom quarto de legua, e depois de ter offerecido os beijús em nome da ama, á sua irmã D. Luiza, teria de voltar á situação antes do pôr do sol.

Com aquelle calor...

O cheiro agreste dos cambarás punha tontas as borboletas còr de palha. Das altas copas dos paus-de-arco cahia um chovisco de ouro, em petalas pequeninas. Perfume e silencio. De repente a agua do rio repuxou alto; Gilda parou; nada! Cantou um jacú mas calou-se logo, presentindo gente. A agua voltara á placida correnteza, não encontrando estorvos no caminho.

Gilda retardava os passos, e já não deixava de sondar com o olhar affeito, as aguas molles. Subito, numa clareira pequena, onde havia sol, divisou juncto á margem um grande peixe dorminhoco e socegado. A pelle mosqueada do animal luzia dentro da agua colorida de roxo pela copa florida de um pé de Quaresma, como uma espada enferrujada nos copos. A agua tremula coloria-o de lapidações de amethistas e elle dormia a sesta, de olhos abertos, ventre roçando na areia.

Gilda pousou a balaio no chão, entalou a saia entre as pernas roliças, e, pé ante pé, muito devagarinho, entrou no rio, agachou-se e, zás! agarrou com ambas as mãos o peixe gordo, que se debateu

sobresaltado, violentamente, num reboliço gorgolhador, salpicando-a toda. Sentindo-o escorregar por entre os dedos, Gilda atirou-o para uma aberta da clareira, sobre um pouco de matto carrasquento de roça abandonada. O peixe arqueou-se todo em saltos, unindo o rabo á cabeça numa ondulação violenta, com ancia de mergulhar de novo, no esforço de buscar a vida que lhe roubavam. O sol seccava-lhe a pelle lisa, que brilhava á luz em reflexos de ardosia e prata; os olhos exorbitavam-se-lhe, redondos como dois globos fôscos que o furor encandescia, e o corpo torcia-se-lhe ora no ar, ora no chão, descrevendo curvas, num movimento incessante, batendo na terra quente para, de um salto flexivel, de acrobata doido, atirar-se de encontro a um tronco espinhento de paineira, sem se dar por vencido, no heroismo de quem ama a vida e quer gosal-a mais.

Gilda deixava-o debater-se, deliciada com aquella agonia longa, nervosa, que observava com attenção alegre, no triumpho da sua força animal.

A tortura do peixe prolongava-se; elle era valente, resistia ao ar secco, ao sol ardente, á dureza do chão, aos embates nos espinhos que o feriam, aos attrictos dos seixos escaldantes e dos tronquinhos seccos do hervaçal. Pouco a pouco o cançaço ia-o amollecendo, um fio de sangue escuro corria-lhe do ventre, um arrepio enrugava-lhe o dorso e ficou por fim todo extendido, batendo só com o rabo, convulsivamente, no chão aspero. De-

pois nem um tremor mais; quedou-se immovel. Gilda cuidou-o morto e acocorou-se para o vêr de perto, quando, em um arranco supremo, o peixe lhe saltou por sobre a cabeça, relanceando um fulgor de aço no ar abafado e indo cahir em um baque nas trapoeirabas, quasi á beira do rio.

Ouviu elle ainda o som molle das aguas correndo sobre areias frias, sentiu na pelle queimada o frescor das hervinhas brandas, mais um impulso e mergulharia na corrente salvadora... não pôde; a carne molle não lhe obedecia á convulsão da vontade.

Gilda cortou uma taquara, lascou-a com força e, approximando-se varou o peixe de guelra a guelra. Elle estrebuxou languidamente, e a negra riu empunhando o bambú, como uma lança de guerra sobre um corpo inimigo.

Foi só depois de tudo consumado que a Gilda se lembrou de que tinha de entregar os beijús ainda quentinhos á irmã da sua senhora... Voltou-se; uma môsca varejeira zumbia sobre a toalhinha branca, em lampejos de metal azul. Um gesto da negra e eil-a que partiu.

Deviam ser horas de se ir encaminhando para a freguezia de S. Nicolau do Paço. Antes de proseguir, amarrou com um cipó as taquaras em cruz, escondeu o peixe entre folhas de inhame e depois de ter marcado o sitio recomeçou a caminhada. Foi-se embora, apanharia o peixe no regresso...

Que voltas teria dado a Gilda por aquelles morros e aquellas vargens, que só á tardinha entrou na freguezia, com a cesta de beijús, que deveria entregar quentinhos, já muito desfalcada?

Foi talvez no mandiocal de seu Neves, quando parou ouvindo as cantigas e vendo arrancar mandioca bonita, de lua nova...

Não, a maior demora deveria ter sido na casa do João Romão, deitada na esteira, no pomarzinho de tangerinas, d'aquellas pequeninas, que ella comia com casca e tudo.

Nesse dia não o tinha encontrado, perdera umas duas horas a esperal-o, de papo para o ar, vendo as nuvens dos mosquitos.

Por onde andaria elle?

João Romão era vadio, cantava á viola e trazia pelo beiço toda a crioulada da redondeza. Gilda mordia-se de ciumes sempre que o via, lá no engenho de D. Ricarda Maria, mais voltado para a Paula ou para a Norberta do que para ella. Quando o censurava por isso, elle levantava os hombros e ia dizendo que gostava de contentar toda a gente...

Pois era sol posto quando a Gilda divisou a egreja de S. Nicolau, com o seu matto de limoeiros perto, e as suas paredes brancas alvejando em uma tristeza de abandono...

Nem um badalar de sino. Voavam pombas-rolas á procura dos ninhos e creanças sujas cantavam em rondas na primeira rua da povoação. Gilda

apressou o passo até a uma casa velha de janellas de peitoril.

D. Luiza andava de visita a uma comadre; a preta deixou-lhe a cesta de beijús com a cosinheira Sophia e depois de ter engulido uma caneca de café gyrou sobre os calcanhares, pensando no terror da estrada pelo escuro. Bem faria se caminhasse sempre depressa, mas no canto da praça viu gente ajuntada na porta da venda e foi-se chegando curiosamente.

Fallava-se do milagre. S. Nicolau, deposto do seu throno de honra no altar mor, fôra collocado irreverentemente no chão, embaixo do côro, para que alli lhe carminassem á vontade o rosto desbotado e lhe assignalassem os traços já sumidos.

Deixaram-n'o para alli sózinho, sem lampada nem vigia por toda uma feia noite! D'ahi, que aconteceu? Na outra madrugada o sacristão viu com os seus olhos carnaes, que a terra havia de comer, o bom S. Nicolau do Paço, lá no alto do seu throno condigno! Ninguem o removêra; o santo tinha subido áquella famosa altura, pelos seus proprios pés, que os não tinha de facto, visto que a tunica de madeira, com douraduras e vernizes, descia-lhe até ao chão...

Gilda estremeceu, e antes de seguir seu caminho voltou o olhar esgazeado para o bosquezinho de limoeiros odorantes, perto da egreja.

Nossa Senhora! Arrependia-se agora de não ter vindo direitinha dar o seu recado logo pela ma-

nhã. Não eram as furias de D. Ricarda Maria, tão impertinente, o que ella mais temia, mas as almas penadas que andassem soltas, gemendo pelo matto. Lá a sua senhora? que se ninasse! já não havia escravos. Agora os phantasmas, esses! S. Nicolau que a acompanhasse.

Benzeu-se e foi andando com o coração nas mãos, volvendo os olhos esbugalhados para as beiras do caminho. Luzia-lhe a esperança de pedir pousada ao João Romão : cortaria assim a peior parte do caminho e dormiria com elle.

Por mal dos seus peccados, a noite estava negra e um ventozinho precursor de chuva agitava as ramagens, imitando vozes extravagantes.

Passado o negrume do mandiocal do Neves, ao dobrar mesmo a estrada, no angulo onde de dia tanto se enchera de araçás, Gilda estacou boquiaberta. Atravéz do rendilhado negro das galharias folhudas, ella viu luzes, grandes luzes bailando vagarosamente, lá na beira do rio.

S. Nicolau me acuda! suspirou ella, com os joelhos bambos, o coração aos pulos, estarrecida. S. Nicolau valeu-lhe, fazendo-a reconhecer nas luzes, archotes de bagaço de canna secca, que alluminavam o João Romão, a Norberta e mais tres parceiros, na pescaria do bagre amarello em tocas de pedras frias. O que enfureceu a Gilda foi vêr o mulato abraçar Norberta, mesmo alli, á vista dos outros...

— Que jundiá que vocês apanhem tenha veneno,

diabos! rosnou ella com desejo de irromper pelo matto e ir bater naquella gente, ruim que nem cobra. Repelliu a idéa, estava sózinha, os outros eram muitos.

Esquecendo-se de ir procurar o seu peixe gordo, sepultado entre folhas de inhame juncto á cruz de taquara, e que mesmo a escuridão não permittiria encontrar, Gilda seguiu para deante, tecendo idéas de vingança.

— João Romão me paga, deixa está elle! Pensam que podem commigo... não vê!

Um uivo lamentoso atravessou a floresta e houve uma bulha de animal de rastos. Gilda nem fez caso. A raiva tirara-lhe o medo.

Ás seis horas da manhã, D. Ricarda Maria appareceu no Engenho, e, dando com a Gilda no trabalho, gritou-lhe, furiosa:

— Então, sua cachorra, é assim que você cumpre ordens?

Contra o costume a negra baixou a cabeça, humilhada e sonsa, relanceando a vista para a Norberta que enchia um tipiti para a prensa, no meio de uma nuvem fina de farinha que o João Romão peneirava a seu lado. Norberta passava por ser a crioula mais bonita do Engenho. Era tafula, vestia-se de engommados. Pareceu á Gilda, atravéz da nevoa branca, que ella se ria na occasião, e teve impetos de lhe atirar á cara a cuia com que levava

mandioca do côxo para o forno, que a Paula remexia com a longa pá.

Tia Thereza, a africana velha entendida em rezas e feitiços, cosia os saccos, agachada a um canto, e, emquanto uns negros entravam com cestos de mandioca para a raspagem, outros traziam-n'a do lavador para a cevadeira, já branquinha como ossos nús...

D. Ricarda Maria chupou o grande buço grisalho que lhe ornava o rosto magro e ordenou ao João Romão que deixasse a penneiragem á Rita, e fôsse elle para a machina.

Depois voltando-se, inquiriu :

— O côxo está secco? Que é do Viriato?

— Viriato tá cortando mandioca, sim senhóra... respondeu o Joaquim velho, que entrava suando sob um fardo de aipins.

D. Ricarda Maria postou-se ao lado da bolandeira e o mulato sentou-se, tanto se lhe dando fazer um serviço como o outro. A velha gritou então que abrissem a agua, e a engenhoca roncou.

— É agora, pensou Gilda comsigo, voltando-se. Norberta olhava embevecida para o João Romão, aproveitando a distracção da patrôa. O mulato é que não podia desviar a vista do trabalho, sob pena de ficar sem dedos ou sem braços. A machina descrevia os seus movimentos rapidos, impellida pela força da agua, triturando, esfarellando as raizes brancas da mandioca, num mastigar incessante.

Tia Thereza cantava num fio delgado de voz, extendendo os pés gretados pelo chão, onde tremia uma roseta de sol cahida do tecto, de telha vã.

Gilda observou : estavam todos preoccupados; então, avançando, disse num berro furioso :

— João Romão!

O mulato voltou-se assustado e a machina segurou-o logo pela mão direita, e levar-lhe-ia o braço se D. Ricarda Maria não o tivesse puxado immediatamente para traz, com um movimento rapido e violento.

O sangue espadanou, houve rumor, o mulato cahiu.

Gilda, vingada, num tremor de raiva e de espanto, dizia que só dera o grito ao perceber a catastrophe. Aquella mentira sahia-lhe tão limpa como se fòra uma verdade. Só a Norberta, fula, espumando irada, a desmentia, xingando-a, em avanços de animal damnado :

— Foi de proposito! prendam aquelle diabo! foi de proposito! exclamava ella debatendo-se nas mãos das companheiras, que a continham a custo.

— Como elle não quer mais saber d'ella! foi de proposito! Amaldiçoada!

Mas todas affirmavam que o caso deveria ter sido como a Gilda explicava, porque não? Fôra tudo momentaneo, e a propria D. Ricarda Maria, alli de vigia, não se sentia habilitada nem para accusar, nem para defender...

Eis ahi porque o João Romão nunca mais seduziu

as creoulas dedilhando na viola aquellas modinhas faceiras e sentimentaes.

Apezar de o vêr maneta e de o saber preguiçoso, Norberta fez-se a sua companheira definitiva. Essa trabalha por dois, e, sempre que vê a Gilda passar pela sua porta, cantando escarninhamente com as mãos para as costas, ella cospe tres vezes, dependura do humbral o ramo de arruda, faz no vazio o signal da cruz e diz de modo a fazer-se ouvir da outra :

— Te esconjuro, diabo !

A NEVROSE DA COR

Desenrolando o papyro, um velho sacerdote sentou-se ao lado da bella princeza Issira e principiou a lêr-lhe uns conselhos, escriptos por um sabio antigo. Ella ouvia-o indolente, deitada sobre as dobras molles e fundas de um manto de purpura; os grandes olhos negros cerrados, os braços nús cruzados sobre a nuca, os pés trigueiros e descalços unidos á braçadeira de ouro lavrado do leito.

Pelos vidros de côres brilhantes das janellas, entrava iriada a luz do sol, o ardente sol do Egypto, pondo reflexos fugitivos nas longas barbas prateadas do velho e nos cabellos escuros da princeza, esparsos sobre a sua tunica de linho fino.

O sacerdote, sentado num tamborete baixo, continuava a lêr no papyro, convictamente; entretanto a princeza, inclinando a cabeça para traz, adormecia!

Elle lembrava-lhe :

— A pureza na mulher é como o aroma na flôr! »

« Ide confessar a vossa alma ao grande Osiris! para a terdes limpa de toda a macula e poderdes dizer no fim da vida : *Eu não fiz derramar lagrimas ; eu não causei terror!* »

« Quanto mais elevada é a posição da mulher, maior é o seu dever de bem se comportar.

« Curvae-vos perante a colera dos deuses! lavae de lagrimas as dôres alheias, para que sejam perdoadas as vossas culpas! »

« Evitae a peste e tende horror ao sangue... »

— Notae bem, princeza :

E tende horror ao sangue!

A princeza sonhava : ia navegando num lago vermelho, onde o sol extendia movel e quebradiça uma rède dourada. Recostava-se num barco de coral polido, de toldo matizado sobre varaes crivados de rubis; levava os pés mergulhados numa alcatifa de papoulas e os cabellos semeados de estrellas...

Quando accordou, o sacerdote, já de pé, enrolava o papyro, sorrindo com ironia.

— Ainda estás ahi?

— Para vos repetir: Arrependei-vos, não abuseis da vossa posição de noiva do senhor de todo o Egypto... lavae para sempre as vossas mãos do sangue...

A princeza fez um gesto de enfado, voltando

para o outro lado o rosto; e o socerdote sahiu.

Issira levantou-se, e, arqueando o busto para traz, extendeu os braços, num espreguiçamento voluptuoso.

Uma escrava entrou, abriu de par em par a larga janella do fundo, collocou em frente a cadeira de espaldar de marfim com desenhos e hyerogliphos na moldura, pôz no chão a almofada para os pés, e ao lado a caçoula de onde se evolava, enervante e entontecedor, um aroma oriental.

Issira sentou-se, e, descançando o seu formoso rosto na mão, olhou demoradamente para a paizagem. A viração brincava-lhe com a tunica, e o fumo da caçoula envolvia-a toda.

O céu, azul-escuro, não tinha nem um leve traço de nuvem. A cidade de Thebas parecia radiante. Os vidros e os metaes deitavam chispas de fogo, como se aqui, alli e acolá, houvesse incendio ; e ao fundo, entre as folhagens escuras das arvores ou as paredes do casario, serpeava, como uma larga fita de aço batida de luz, o rio Nilo.

Princeza de raça, neta de um Pharaó, Issira era orgulhosa ; odiava todas as castas, excepto a dos reis e a dos sacerdotes. Fôra dada para esposa ao filho de Ramazés, e, sem amal-o, acceitava-o, para ser rainha.

Era formosa, indomavel, mas victima de uma

doença singular : a nevrose da côr. O vermelho fascinava-a.

Muito antes de ser a promettida do futuro rei, chegava a cahir em convulsões ou deliquios ao vêr flores de romanzeiras, que não pudesse attingir, ou as listas encarnadas dos kalasiris dos homens do povo.

A medicina egypcia consultou as suas theorias, pôz em pratica todos os seus recursos, e curvou-se vencida deante da persistencia do mal.

Issira, entretanto, degollava as ovelhinhas brancas, bebia-lhes o sangue, e só plantava nos seus jardins papoulas rubras.

Na aldeia em que nascêra e em que tinha vivido, Karnac, forrara de linho vermelho os seus aposentos; era nelles que ella bebia em taças de ouro o precioso liquido.

Princeza e formosa, a fama levou-lhe o nome ao herdeiro de um Ramazés ; e logo o principe, curioso, seguiu para essa terra.

O seu primeiro encontro foi no templo. Elle esperava-a no centro do enorme pateo, entre as galerias de columnas, anciosamente. Ella vinha no seu palanquim de seda, coberta de perolas e de purpura, passando radiante e indolente entre as seiscentas sphinges que flanqueavam a rua.

Dias depois morria o pae de Issira, ultimo descendente dos Pharaós, após a sua costumada refeição de leite e mel. O principe Ramazés soli-

citou a mão da orphã e fel-a transportar para o palacio real, em Thebas.

A belleza de Issira deslumbrou a côrte; a sua altivez fel-a respeitada e temida ; a paixão do principe rodeou-a de prestigio e a condescendencia do rei acabou de lhe dar toda a soberania.

O seu porte magestoso, o seu olhar, ora de velludo ora de fogo, mas sempre impenetravel e sempre dominador, impunham-n'a á obediencia e ao servilismo dos que a cercavam.

Esquecêra a placidez de Karnac. Lamentava só as ovelhinhas brancas que ella immolava nos seus jardins das papoulas rubras.

A loucura do encarnado augmentou.

Os seus aposentos cobriram-se de tapeçarias vermelhas. Eram vermelhos os vidros das janellas ; pelas columnas dos longos corredores enrolavam-se hastes de flores côr de sangue.

Descia ás catacumbas illuminada por fogos encarnados, cortando a grandiosa soturnidade d'aquelles enormes e sombrios edificios, como uma nuvem de fogo que ia tingindo, deslumbradora e fugidia, os sarcophagos de porphiro ou de granito negro.

Não lhe bastava isso ; Issira queria beber e inundar-se em sangue. Não já o sangue das ovelhinhas mansas, brancas e submissas, que iam de olhar sereno para o sacrificio, mas o sangue quente dos escravos revoltados, conscientes da sua desgraça ; o sangue fermentado pelo azedume

do odio, sangue espumante e embriagador!

Um dia, depois de assistir no palacio a uma scena de pantomimas e arlequinadas, Issira recolheu-se doente aos seus aposentos ; tinha a bocca secca, os membros crispados, os olhos muito brilhantes e o rosto extremamente pallido.

O noivo andava por longe a visitar provincias e a caçar hyenas.

Issira, extendida sobre os coxins de seda, não conseguia adormecer. Levantava-se, volteava no seu amplo quarto, desesperadamente, como uma panthera ferida a luctar com a morte.

Faltava-lhe o ar ; encostou-se a uma grande columna, ornamentada com inverosimeis figuras de animaes entre folhas de palmeira e de lodão ; e ahi, de pé, movendo os labios seccos, com os olhos cerrados e o corpo em febre, deliberou mandar chamar um escravo.

A um canto do quarto, extendida no chão, sobre a alcatifa, dormia a primeira serva de Issira.

A princeza despertou-a com a ponta do pé.

Uma hora mais tarde, um escravo, obedecendo-lhe, extendia-lhe o braço robusto, e ella, arregaçando-lhe ainda mais a manga já curta do *kalasiris*, picava-lhe a arteria, abaixava rapidamente a cabeça, e sugava com soffrego prazer o sangue muito rubro e quente!

O escravo passou assim da dôr ao desmaio e

do desmaio á morte ; vendo-o extincto, Issira ordenou que o removessem d'alli, e adormeceu.

Desde então entrou a dizimar escravos, como dizimára ovelhas.

Subiam queixas ao rei ; mas Ramazés, já velho, cançado e fraco, parecia indifferente a tudo.

Ouvia com tristeza os lamentos do povo, fazendo-lhe promessas que não realizava nunca.

Não queria desgostar a futura rainha do Egypto ; temia-a. Guardava a doce esperança da immortalidade do seu nome. E essa immortalidade, Issira poderia cortal-a como a um fragil fio de cabello. Formosa e altiva, quando elle, Ramazés, morresse, ella, por vingança, fascinaria a tal ponto os quarenta juizes do *julgamento dos mortos*, que elles procederiam a um inquerito phantastico dos actos do finado, apagando-lhe o nome em todos os monumentos, dizendo ter mal cumprido os seus deveres de rei !

Não ! Ramazés não opporia a sua força á vontade da neta de um Pharaó ! Que a maldicta casta dos escravos desapparecesse, que todo o seu sangue fosse sorvido com avidez pela bocca rosada e fresca da princeza. Que lhe importava, e que era isso em relação á perpetuidade do seu nome na historia ?

As queixas rolavam a seus pés, como ondas marulhosas e amargas ; elle soffria-lhes o embate, mas deixava-as passar !

Issira, encostada á mão, olhava ainda pela janella aberta para a cidade de Thebas, esplendidamente illuminada pelo sol, quando um sacerdote lhe foi dizer, em nome do rei, que viera da provincia a triste noticia de ter morrido o principe desastrosamente.

Recebeu a princeza com animo forte tão inesperada nova. Enrolou-se num grande véu e foi beijar a mão do velho Ramazés.

O rei estava só ; a sua physionomia mudára, não para a dolorosa expressão de um pae sentido pela perda de um filho, mas para um modo de audaciosa e inflexivel auctoridade. Acceitou com frieza a condolencia de Issira, aconselhando-a a que se retirasse para os seus dominios em Karnac.

A egypcia voltou aos seus aposentos, e foi sentar-se pensativa no dorso de uma sphinge de granito rosado, a um canto do salão.

A tarde foi cahindo lentamente ; o azul do céu esmaecia ; as estrellas iam a pouco e pouco apparecendo, e o Nilo extendia-se crystalino e pallido entre a verdura negra da folhagem. Fez-se noite. Immovel no dorso da sphinge, Issira olhava para o espaço ennegrecido, com os olhos humidos, as narinas dilatadas, a respiração offegante.

Pensava na volta a Karnac, no seu futuro repentinamente extincto, nesse glorioso amanhã que se cobrira de crepes e que lhe parecia agora interminavel e vazio! Morto o noivo, nada mais

tinha a fazer na côrte. Ramazés dissera-lhe :

— Ide para as vossas terras; deixae-me só...

Issira debruçou-se da janella — tudo negro! Sentiu rumor no quarto, voltou-se. Era a serva que lhe accendera a lampada.

Olhou fixamente para a luz ; a cabeça ardia-lhe, e procurou repousar. Deitando-se entre as sedas escarlates do leito, com os olhos cerrados e as mãos pendentes, viu, em pensamento, o noivo morto, extendido no campo, com uma ferida na fronte, de onde brotava em gottas espessas o seu bello sangue de principe e de moço.

A visão foi-se tornando cada vez mais clara, mais distincta, quasi palpavel. Soerguendo-se no leito, encostada ao cotovello, Issira via-o, positivamente, a seus pés. O sangue já se não desfiava em gottas, uma a uma, como pequenas contas de coral; cahia ás duas, ás quatro, ás seis, avolumando-se, até que sahia em borbotões, muito vermelho e forte; Issira sentia-lhe o calor, aspirava-lhe o cheiro, movia os labios seccos, buscando-lhe a humidade e o sabor.

A insomnia foi cruel. Ao alvorecer, chamando a serva, mandou vir um escravo.

Mas o escravo não foi. Ramazés attendia emfim ao seu povo, prohibindo á egypcia a morte dos seus subditos. Um sacerdote foi aconselhal-a.

— Cuidado! A justiça do Egypto é severa, e vós já não sois a futura rainha...

Issira despediu-o.

Perseguia-a a imagem do noivo, coberto de sangue. A prohibição do rei revoltava-a, accendendo-lhe mais a febre do encarnado.

Como na vespera, o sol entrava gloriosamente pelo aposento, atravez dos vidros de côr. A princeza mordia as suas cobertas de seda, torcendo-se sobre a purpura do manto. De repente levantou-se, transfigurada, e mandou vir de fóra braçadas de papoulas, que espalhou sobre o leito de purpura e ouro...

Depois, sozinha, deitou-se de bruços, estirou um braço e picou-o bem fundo na arteria. O sangue saltou vermelho e quente.

A princeza olhou num extase para aquelle fio coleante que lhe escorriá pelo braço, e abaixando a cabeça uniu os labios ao golpe.

Quando á noite a serva entrou no quarto, absteve-se de fazer barulho, accendeu a lampada de rubins, e sentou-se na alcatifa, com os olhos espantados para aquelle sommo da princeza, tão longo, tão longo...

AS TRES IRMÃS

A ZALINA ROLIM

Havia muitos annos já que D. Thereza não via as duas irmãs. A segunda, D. Lucinda, partira logo depois de casada, com o primeiro marido, para Buenos Aires, e lá ficára sempre; a mais moça, D. Violeta, fora habitar a Bahia com o seu esposo e alli estava gosando os triumphos academicos dos filhos e os respeitos delicados do seu *velho*.

Mas um dia, D. Thereza, apprehensiva, com medo da morte que se avisinhava, escreveu ás irmãs:

— Que viessem ao Rio despedir-se d'ella e tomar posse do que lhes pertencia.

Interesse ou saudade... (quem lê claro em corações tão bem occultos?) empurrou para as plagas nataes as duas senhoras.

D. Thereza remoçou uns dias. Só ella ficára solteira e em casa dos paes, já ha tanto mortos, como um guarda fiel, depositaria de todas as reliquias da mocidade d'elles e d'ellas! Assim, re-

commendou á criada, mulata antiga, ex-escrava da familia, em todo caso uns trinta annos mais moça do que ella:

— Olha, Emilia! para a mana Lucinda arranja o quarto azul; aquelle da esquina... era o seu quarto de solteira... Ella gostava de canarios... tinha sempre uma gaiola no quarto... era isso: bota lá a gaiolinha doirada do canario novo... Escuta! Lava bem tudo! Ella era muito faceira... não te esqueças do pó de arroz, de pôr sabonete fino e frascos de... espera! qual era o cheiro que ella preferia?... Ah! já sei! jasmin! manda comprar essencia da jasmins...

— Sim, senhora.

— Agora, para D. Violeta prepara o quarto branco, das tres janellas... Era o quarto d'ella! Vê se arranjas muitas flôres... Violeta era a nossa jardineira!... Olha, faze um ramo para o lavatorio, outro para a commoda. Era assim que ella usava... Espera! que pressa! Manda comprar essencia de violetas... era o aroma d'ella!

— Sim, senhora...

— Não te esqueças de nada!

— Não, senhora...

A mulata sahiu, deixando D. Thereza aos guinchos com um ataque de asthma. Não queria morrer deixando aquella casa em mãos indifferentes. Só as irmãs receberiam com amor aquelles trastes antigos, em que tantas vezes rolaram junctas, onde os paes presidiam ás suas travessuras de cre-

anças e onde; depois, os noivos as beijaram com embriaguez... A pobre coitada estava e desfazer-se, sentia, a cada arranco da tosse, desmanchar-se-lhe sob a pelle sècca e enrugada a carcassa fragil e dolorida. O seu corpo, nunca amado, cahia, como um feixe de ossos partidos, para a sepultura. Como estariam as irmãs? A Lucinda deveria estar bem velhota! Agora a Violeta, essa, apezar de mais moça, com tantos filhos e já tanta netalhada, é provavel que viesse tremula e bem achacada pela velhice! Havia já uns trinta annos que a não via... e á outra... uns bons quarenta! E D. Thereza revia com saudade o rosto pallido e formoso da esbelta Lucinda, de olhos verdes, dentes sãos, faces brancas como a neve; e o rostinho delicado de Violeta, moreno, levemente rosado, com uns olhos travessos e negros e uma boquinha perfumada de juventude, muito fresca e vermelha!

E apezar de calcular-lhes as rugas, só via deante dos olhos as figuras louçãs e radiantes das irmãs noutros tempos...

A mulata aprompton tudo com esmero. D. Thereza, apoiada ao seu hombro e a uma bengala grossa, percorreu toda a casa. Ella tinha tido sempre a singular mania de conservar as coisas nos mesmos logares e em egual posição. Se mandava renovar o papel de uma sala, exigia que o novo fosse exactamente egual ao que de lá sahisse; e os trastes eram polidos, os estofos espana-

dos com escrupulo e as alcatifas nunca substituidas por outras que não fossem da mesma côr e de egual desenho... Para ella, aquellas velharias eram preciosidades raras. Não sahia nunca, não dava festas. Vagava no ar das suas salas um cheiro de môfo, denunciador do triste isolamento da sua vida de solteirona, sem sobrinhos, nem afilhados, nem ninguem!

Custava-lhe deixar todo aquelle esplendor em mãos alheias e anciava pelas irmãs. Por uma coincidencia, chegaram no mesmo dia D. Violeta, vinda da Bahia, e D. Lucinda, de Buenos Aires.

A manhã estava de uma belleza incomparavel; o céu todo azul, a atmosphera morna, o que aprouve a D. Thereza, que poude alliviar o peso da roupa e cruzar sobre o vestido de seda roxo o seu bello mantelete de renda preta. A Emilia ajudou-a naquella tarefa. Toda a roupa comparticipava d'aquelle cheiro de humidade. Vestido havia tanto tempo guardado, o que as rugas fundas denunciavam, não podia cheirar a sol nem a primavera...

No topo da escada, com a cabecinha tremula sempre a dizer que sim, uma das mãos apoiada á bengala , a outra sumida no braço da mulata, D. Thereza esperava as irmãs com os olhos luminosos, molhados de lagrimas. Ellas subiam, vagarosas tambem, fallando alto, uma com voz grave, outra em um falsete de gaita. Haviam de ser risadinhas, lembranças da mocidade...

D. Thereza ordenara que se abrisse o salão

principal, e foram logo para lá as tres. O que ella notou, com certa alegria invejosa, foi que as irmãs andavam mais direitas, sem necessidade de apoio. Sentaram-se no salão. D. Lucinda faiscava de vidrilhos, descansando a papada côr de leite na rica seda preta da capa. Era enorme. A gordura disfarçava-lhe as rugas. O coquetismo da mocidade ainda mostrava os seus traços: lá estava o cabello pintado, cahido nas fontes em duas *bellezas*, á moda hespanhola.

E de vez em quando saltitava um *caramba*, que rebentava como uma bomba naquella casa antiga e reservada.

D. Violeta, essa guardára alguma coisa do seu aroma de flor, para a seccura da velhice. Era pequena, muito engelhada; vinha vestida de lã *marron*, com uma capa de rendas, de pouco enfeite. O que lhe dava graça era o cabello muito branco e a meiguice dos seus olhos negros, habituados a sorrir para os netos travessos.

D. Thereza era a mais acabada! Faltára-lhe o amor, faltaram-lhe as sagradas agonias da maternidade, e a sua existencia passiva, concentrada, inerte, levára-a áquelle ponto, de passa secca já impedernida e intragavel!

As tres irmãs olharam-se com tristeza; mas o que pensaram não o disseram. Os labios sorriram, houve uns suspiros mal disfarçados e um brilho de lagrimas, que pareceu molhar ao mesmo tempo os olhos de todas, sem rolar pela face de nenhu-

ma... D. Lucinda rompeu o silencio. Vinha por pouco tempo... o seu segundo marido, um argentino, morrera havia um anno; tinha ainda muita coisa a liquidar... O seu palacete não podia ficar abandonado em mãos dos perversos enteados... O seu palacete! Como ella encheu a bocca, descrevendo em duas palavras o luxo das suas mobilias e da sua equipagem...

Era conhecida e invejada na cidade toda!

D. Thereza pasmou:

— Que! pois as suas mobilias são melhores do que...

— Estas?! Oh! E riu-se com desdem. Thereza! você não imagina: isto é horrivel! *Nós outras* temos coisas modernas, vindas de Paris! Meu marido gastava todos os annos uma fortuna em quadros, em loiças, em cavallos e em roupas!

D. Thereza, pallida, com a cabecinha ainda mais tremula, olhou para a irmã Violeta.

— E você?

— Eu já não me importo com luxos... meus netos acabam com tudo! A não ser á missa, não vou a parte nenhuma...

O que eu quero é ter muito espaço para as creanças e uma capella bonita. Em minha casa celebra-se sempre, com alguma pompa, o mez de Maria... E' o nosso systema.

— Eu não conheço, modestia á parte, casa mais completa do que a minha! impou D. Lucinda.

— Nem eu casa mais alegre do que a minha.

Se saio, volto logo com saudades... murmurou D. Violeta.

D. Thereza disse, já um tanto envergonhada por tratar as irmãs por *você*, em um tom cerimonioso e encolhido:

— Pois eu mandei pedir a... vocês... que viessem tomar conta das mobilias e da casa, julgando que lhes fosse agradavel...

— Vamos vêr! interrompeu D. Lucinda, erguendo-se com difficuldade bem disfarçada. Emilia amparou D. Thereza e seguiram todas em peregrinação. D. Lucinda apalpava tudo e ia murmurando :

— Esta mobilia tem o estofo pôdre... Olhem! e esgarçava com a unha o damasco das poltronas.

— Está mesmo... affirmava D. Violeta. Assim tudo : este canapé é medonho; eu não o quereria nem na minha cozinha! Meu Deus! esta sala de jantar parece-me um refeitorio de convento... E dizer que antigamente a gente achava isto bonito...

D. Violeta sorria ; D. Thereza não chorava por vergonha, com respeito ás irmãs, que vinham mais fortes, com outros habitos e outros gostos, cada qual educada por um marido, com o espirito influenciado pelo espirito d'elles ; uma adorando o luxo, a outra a familia e a egreja. Era bem certo, o casamento e a distancia roubaram-lhe as irmãs para sempre; a Lucinda e a Violeta de ou-

tr'ora estavam enterradas em algum cemiterio de virgens; aquellas duas velhas de genios oppostos... não eram ellas!

A' noite, D. Thereza, oppressa pela asthma, não se quiz recolher cedo ao seu quarto. Emilia foi dizer-lhe com accento ironico:

— D. Lucinda mandou tirar do quarto d'ella a gaiolinha. Diz que não póde supportar barulhos... que o somno da manhã é o melhor!

Ao mesmo tempo apparecia D. Violeta com as flores na mão:

— Isto não póde estar lá no quarto... As flores devem ficar nos jardins... Lá em casa é o meu systema.

Lá em casa! pensou D. Theresa; *lá em casa*! afinal cada uma ama o que é seu, pensa no que é seu! Eu, só eu, amo esta casa, não porque seja minha, mas porque era *nossa*... Serei melhor do que ellas? De onde me vêm esta ternura e esta saudade que ellas não sentem?

D. Thereza chorou na penumbra da sala.

No dia seguinte mandou recolher ao quarto dos badulaques, no fundo do quintal, os trastes mais antigos e de maior estimação. As irmãs zombavam de tudo... pois bem! deixaria escripto que se fizesse com elles uma fogueira no dia do seu enterro. Mas não escreveu, e dois dias depois, á hora do almoço, morreu sentada na sua cadeira de couro, com as mãos sumidas no chale e a cabecinha pendida para o peito.

D. Violeta recolheu as imagens do oratorio, como lembrança piedosa; D. Lucinda, nada. Venderam a casa, repartiram os bens... e foi cada uma para o seu destino.

O VÉO

(DAS MEMORIAS DE UM ESTUDANTE)

. . . .

... nas ferias d'esse mesmo anno, decidi visitar a familia, meu pae e duas irmãs, na pequena villa do meu nascimento, em S. Paulo.

Revoltado pela injustiça dos lentes, que me reprovaram no meu quarto anno de medicina, resolvi ir para o matto escrever em socego contra elles. A vingança sería tremenda.

Parti num dia de muito calor; ia indisposto e somnolento. Dando um puxão ao meu bonnet para os olhos, dispunha-me a adormecer quando vi sentarem-se na minha frente duas senhoras.

Uma era alta, a outra baixa; uma esbelta, a outra atarracada.

A baixa levava sobre o vestido de merinó preto um guarda-pó de linho com reversos de côr, chapéu de palha havana e luvas de meia pardas. Era mulher de uns quarenta e poucos annos, morena, luzidia e de lunetas de aro: typo vulgar, burguez.

A esbelta trajava com elegancia um vestido simples de riscadinho cinzento, sem fôlhos nem fitas, guarnecido de pospontos, com um casaco justo que lhe denunciava a formosa linha do corpo, e um collarinho á ingleza, muito unido ao pescoço. Chapéu do mesmo tom, que pareceria mais um chapéu de homem se não lhe tivessem pespegado na frente uma grande ave de azas abertas.

Desço a estas minudencias de *toilette* porque ellas constituiram logo para mim um ponto de estudo. A maneira de vestir indica fatalmente a maneira de pensar de uma mulher. E entre aquellas duas... que abysmo! que extraordinaria differença! Era caso realmente para meditação. Eu observava ora uma, ora outra.

As luvas de meia de algodão pardas da baixa faziam-me adivinhar mãos curtas, grossas, ageis, affeitas á vassoura, á agulha, calejadas da tesoura, marcadas por queimaduras de calda ou agua a ferver; as luvas de pellica da alta, justas e bem abotoadas, faziam-me sonhar com umas finas mãos muito macias e brancas, acostumadas a correr pelo teclado de um piano de Erard, a folhear os livros de Bourget, ou dos Goncourt, e a acariciar um *angorá* de preço, no aconchego tépido de um divan de seda. Os sapatos de entrada baixa da gorda, mostrando-lhe as meias crúas engelhadas nos tornozellos grossos, faziam declarações terrivelmente indiscretas: que aquelles pés tinham callos e unhas encravadas, que se punham assim á vontade pela

obrigação de longas caminhadas enfadonhas e cansativas. As botinas de pellica da outra, lustrosas e estreitas, diziam o contrario. Estavam alli dentro pés mimosos, assetinados, habituados á valsa e á fabrica Ferry.

Na larga cara da morena, humida de suor e salpicada do carvão da machina, li como num livro aberto: actividade, despretenção, pouca intelligencia e uma pontazinha de genio. Na cara da companheira é que não pude lêr nada! levava-a encoberta por um largo véo claro, que passava e repassava em torno da cabeça, escondendo-lhe totalmente as feições.

Era clara, loira, trigueira, rosada ou pallida? Não o podia eu então saber.

Devia ser loira, que é o typo requintadamente aristocratico. Aquella singularidade mesmo de um véo tão expesso, coisa perfeitamente explicavel numa viagem em trem de ferro em tempo de secca e de pó, contribuiu para tornar mais curiosa e interessante a figura patricia d'aquella senhora. Eu estudava-a e, á proporção que a estudava, ia-me apaixonando! Ah! não se riam! Que diabo ha de fazer um rapaz de dezenove annos durante um dia inteiro de viagem, quando o acaso lhe atira para deante dos olhos uma estampa tão seductora? Apaixonei-me, sim; mas não foi tambem tão subitamente como á primeira vista póde parecer! Fui-me apaixonando minuto a minuto, lentamente, primeiro pelos pézinhos, depois pelas mãos, depois

pela distincção do porte, e finalmente pelo rosto que eu não via, o que não obstava a que o soubesse de uma brancura de leite e rosas, illuminado por um par de olhos rasgados, humidos, promettedores de ineffaveis doçuras. E, assim como eu percebera o caracter da outra pela cara, percebi, pelo conjuncto gracioso d'esta, o seu genio tambem. Era recatada, timida, honesta, altiva, indolente — tanto quanto o exigisse a sua alta posição na sociedade, — rica e solteira. Encobria-se assim (e já eu fazia as minhas conjecturas!) porque, viajando sem o pae, acanhava-se de se dar a conhecer a toda a gente, evitando commentarios; uma prudencia louvavel. Seria casada? Tambem podia ser; o papel de pae identificava-se com o de marido, sem que por isso o d'ella soffresse alterações: irmã ou filha da outra é que não era; isso jurava eu.

O meu olhar fixava-se por tal fórma na sua gentilissima figura, que ella principiava a inquietar-se.

« Sou um grosseiro », dizia eu de mim para mim; mas não conseguia desviar a vista.

Alli mesmo formei logo tenção de escrever um livro a que poria o titulo: — AS MULHERES; livro exquisito, original, farfalhante como as sedas de Lyon. Era essa desconhecida quem me suscitava tão boa idéa. Abençoada fosse ella! Propunha-me (julgava-me habilitado para isso) a descrever os caracteres das mulheres que eu d'ahi por deante encontrasse, só pelas suas manifestações exteriores. Na missa, no baile, em casa, no theatro, na

maneira de ajoelhar, de abrir o livro, de dançar, de mover o leque, de receber uma visita ou de assistir a um drama, julgava eu, ainda inexperiente das suas dissimulações, que as poderia definir clara e positivamente, estampando-as depois com todos os cambiantes nas paginas do meu volume. Seria dedicado o meu trabalho á bella e mysteriosa companheira de viagem, de quem então eu já deveria saber o nome.

O nome! Como se chamaria ella? E andei á procura de um nome de mulher loira: Laura... Mathilde... Alice... Lucia... Aurora!

Entretanto, chegámos a S. Paulo. Anoitecia; os lampeões de gaz espalhavam pontinhos de ouro pela cidade. Acabava-se o meu romance tristemente... não me podia resignar a isso. E, apanhando á pressa a minha mala, acompanhei as duas senhoras atravéz da *gare*.

Um sujeito approximou-se d'ellas, e curvando-se deante da mais alta, recebeu algumas ordens, rapidamente, depois acompanhou-as á rua, abriu a portinhola de um carro particular e voltou. Ellas partiram, e eu, numa resolução digna dos meus dezenove annos, acompanhei-as noutro carro, até vêl-as entrar numa casa apalaçada, ao lado de um jardim.

A minha villa que me perdôe, e que me perdôe a minha familia e que se regosigem os meus lentes ameaçados! esqueci-os e instalei-me por largos dias no Grande Hotel! As manhãs e as tardes gas-

tava-as ou em passeio deante d'aquella grande casa sempre fechada, mysteriosa como o véo, aristocratica como a dama. Por fim, num desespero de namorado infeliz, encostava-me á grade e ficava horas esquecidas olhando para dentro, sem medo de me tornar suspeito para a criadagem ou para a policia, a vêr cahir lentamente, como lagrimas de sangue, as pétalas carnudas das camelias vermelhas. Tanto maior era a obstinação d'aquella senhora em se não mostrar, quanto mais vehemente era o meu desejo de a vêr. Passados não sei quantos dias, lobriguei numa manhã a companheira de viagem, a gorda, a sacudir um tapete numa janella; cumprimentei-a, sorri-me, fiquei atrapalhado, com vontade de perguntar alguma coisa, mas evitando praticar semelhante asneira. Ella comprehendeu-me de certo, porque teve a amabilidade de convidar-me para descançar.

— A senhora baroneza ainda está recolhida, disse com malicia; mas isso não o priva de entrar e tomar uma canequinha de café.

Recusei e segui.

Para encurtar razões: escrevi um dia á baroneza, e mandei-lhe a carta. Nessa tarde recebi um cartão d'ella consentindo que eu lhe fosse beijar a mão.

Entrei na sua casa transportado de jubilo e já com o prologo do meu livro feito para lhe mostrar... Nessa parte da minha obra, escripta em noites de febre um tanto romanesca, puzera eu, entre muitos

adjectivos e phrases modernas perfeitamente desconnexas, num estylo *á la diable*, toda a minha alma e aspiração de gloria!

Tinha antitheses medonhas, quadros terriveis em que a duvida se divertia a queimar um pobre coração, revolvendo-o nas chammas de um amor intensissimo! E por sobre isso tudo, uns salpicos de *opoponax*, que era o aroma em voga, e uns *sonhos ideaes*, cheios de *coisas mansas* e doces *melancholias*, com que eu contava apossar-me do coração da bella baroneza.

E era só imaginar o brilho dos seus olhos languidos quando me dissesse enthusiasmada e feliz:

— Como é bello!

Fizeram-me esperar numa sala, em que occupava a principal parede um barbaças condecorado. Estava alli havia uns bons dez minutos quando um criado veio dizer-me que a senhora baroneza rogava-me o obsequio de ir ter com ella a uma outra sala.

Fui.

Estava de pé e veio receber-me sorrindo com tristeza, e talvez tambem com um pouco de ironia...

Ai de mim! por que tirára ella o longo véo piedoso?! Era velha, a baroneza, velha e feia; mas bem velha e bem feia!

Fiquei attonito, tendo a estupidez de deixar transparecer na physionomia a minha amarga decepção; e ella, para vingar-se d'aquelle imperdoa-

vel movimento, deixou-me logo cahir no ouvido estas palavras agudas como punhaes:

— Meu menino, não se cance jámais em seguir as mulheres... que usarem véos muito espessos!

. . . .

PELA PATRIA

Os tiros lá fóra repetiam-se, tremendos e abaladores. D. Catharina, muito livida, segurava com os dedos magros, de encontro ao peito fundo e concavo, o seu triste chale de viuva, escutando sozinha a agonia do coração... Morava em Nictheroy, num bairro afastado, e na sua pequena sala terrea, de uma nudez de asceterio, o seu corpo magro e esguio, todo coberto de preto, andava desnorteadamente, como um mastro sem velas batido na borrasca.

Corria assim de canto a canto, de parede a parede, de janella a janella, sem parar, sem perceber senão que os seus dois rapazes lá estavam na guerra, o mais velho no exercito, o mais novo na esquadra...

A luz pallida do crepusculo desfazia-se aos poucos. Coisas e seres retrahiam-se num silencio expectante.

O troar da artilharia calava todas as outras vozes; nos intervallos cahia sobre a terra uma mudez pesada e absoluta; mas o estampido vinha

depressa fazer vibrar a natureza inteira. E o ar ficava por momentos tremulo, como que dolorido pela passagem d'aquelle som formidavel e assassino.

D. Catharina tinha exgottado todo o fervor religioso da sua alma. A prece já lhe sahia dos labios frios como um debil perfume de flôr murcha. Perdera as forças na anciedade e no pranto; o coração não lhe distilava a agua purificada da lagrima, que escorrera toda, deixando só no fundo os residuos de sangue negro e envenenado, geradores da raiva. D. Catharina odiava a terra em que nascera e que lhe roubava agora os filhos, e execrava ainda mais os homens e a lei e tudo! Era ignorante, embora intelligente e imaginosa; e na curta parabola em que o seu espirito se abalançava, não podia attingir esses preceitos divinos, que se escrevem com sangue e que os homens lêm corrente na sua alta sabedoria...

A honra? O brio da nação? Palavras! Ella não sabia senão que amava os filhos, que os tinha criado com terno apego e grande sacrificio, pedindo honestamente e humildemente ao Senhor Deus dos exercitos, que fizera as estrellas do céo, as aguas dos rios, os cedros altivos e as areias do mar, que, na sua força prodigiosa, de tantas maravilhas lhe concedesse a simplissima graça de a fazer morrer bem velhinha, deixando neste mundo os seus dois filhos... os seus dois unicos filhos!

Tinha cahido a noite. D. Catharina procurou reagir. Accendeu a lampada, compoz na alcova proxima as roupas e as camas dos seus rapazes. Para que? Elles não viriam... mas era um habito, e ella obedecia com submissão a todos os seus velhos costumes.

Ergueu depois a vela á altura dos retratos d'elles, que se destacavam na parede caiada, em dois quadrinhos moldurados de velludo escuro.

O mais velho era um soldado garboso, claro e bonito como o pae, de olhos rasgados e peito franco e largo.

O outro, ainda muito novo, puxára ao typo da mãe: era magro, trigueiro, de rosto comprido e labios sympathicos. D. Catharina beijou ambos com egual ternura, confundindo-os no mesmo enleio e no mesmo cuidado. Voltou depois para a saleta, abrindo os ouvidos aos rumores de fóra...

Que extranho rumor seria agora aquelle que percebia ao longe, no ar immovel da noite? Fincou o olhar na treva. Ninguem! A estrada devia estar deserta. Tornou a entrar e foi sentar-se a um canto, com os cotovellos pontudos firmados nos joelhos e o rosto sumido entre as mãos. Cahira por fim numa atonia que lhe amolentava o espirito e petrificava o corpo; nem um leve estremecimento lhe agitava os musculos. Permaneceu por longas horas em egual postura, olhando para o mesmo ponto.

A pouco e pouco idéas desencontradas foram nascendo e fugindo simultaneamente no seu cerebro de devota extincta. Deus e o diabo surgiam junctos na mesma luz indecisa que se esbatia em sombras, que mudava e que desapparecia. Santa Catharina, sua patrona, a virgem douta, vinha tambem, na sua nudez pallida de martyrisada, atravessar-lhe a mente num clarão frouxo e frio. E depois outros santos, e grandes heresias, procissões phantasticas, mal definidas, indeterminadas, arrastavam-se lentamente, mudando de feitio e mudando de côr, esphacelando-se, extinguindo-se...

D. Catharina permanecia surda a todas as bulhas exteriores, numa abstracção de louca. O rumor recrudescera, recrudescera e avisinhava-se. Os estalidos da fuzilaria crepitavam já perto. De vez em quando ribombava o canhão, atroador, medonho.

O solo e as casas tremiam então, abalados pelo estampido que o echo repetia em ondulações soluçadas. O clamor da guerra abafava tudo, terrivelmente, dolorosamente!

Entretanto, alguem vinha pela rua solitaria, batendo a calçada com passos apressados. D. Catharina, prostradissima, continuava em egual postura, olhando para o mesmo ponto... Bateram; ella então, acordando d'aquelle marasmo de extenuada, ergueu-se de chofre e correu para a porta.

O coração saltava-lhe em impetos violentos, suffocadores.

— Meu filho !

Era o João, o mais velho, o soldado. A mãe extendeu-lhe os braços, sorrindo, enlevada, numa grande ventura. Elle não respondeu ao afago; e pallido, abstracto, sem ter nem mesmo levado a mão respeitosamente ao bonet, foi direito á mesa e apoiou-se nella, deixando-se cahir numa cadeira.

— Como você vem sujo de polvora e como está cançado ! Meu adorado filho, que medo que eu tinha ! Agora fico pensando no outro... o meu Pedrinho... você sabe d'elle ?

João voltou-se para à mãe com ar espantado.

— Diga, você viu seu irmão ?

O soldado não respondeu ; fixava a mãe com olhar parvo, muito aberto, como se não comprehendesse o que ella lhe dizia. Vinha fugido, com a farda rasgada, aberta no peito, as mãos negras de polvora, o rosto transtornado.

D. Catharina apavorou-se. Estaria doido, o João? Ameigando a voz ella pediu-lhe que repousasse e offereceu-lhe de comer.

Que não ; respondeu elle com um gesto.

— Então...

O espirito da mãe clareou-se de repente : o filho vinha só para dizer-lhe : vivo ! E, já com medo de tornar a perdel-o, instou para que fosse descançar.

— Não posso... venho fugido.

D. Catharina relanceou a vista por toda a sala, procurando esconder o filho, receiosa de que o vissem de fóra.

— Não quero esconder-me, tornou elle, percebendo-lhe a intenção; eu volto para lá... Elles conseguiram vir a terra... temos luctado muito!

— Os revoltosos desembarcaram?!

— Sim.

— Então você viu Pedrinho?

João abaixou affirmativamente a cabeça.

— Nossa Senhora! por que é que o não trouxe?

O soldado calou-se, suspirando baixo. A mãe repetia as perguntas, atropeladamente:

— Diga! diga! elle fallou com você? está bom? não o feriram? Meu filho! que saudade! Elle é tão fraco... é preciso que elle venha; quero os dois aqui, vá buscal-o... Não, não! eu nem sei o que digo... Espere... vou eu!

De repente D. Catharina estacou deante do rosto mudo e pallido do filho. Parou-lhe o coração no peito.

— Porque é que você não diz nada?

O mesmo silencio contrafeito.

— Responde, João! Pedrinho está vivo?!

A palavra custava a romper por entre os labios do soldado, e foi ainda com um aceno de cabeça que elle disse que não.

D. Catharina cahiu de joelhos com as mãos junctas.

— Misericordia ! misericordia ! mataram meu filho !

Depois, erguendo-se, exigiu do outro que lhe dissesse tudo, e instava :

— Quem foi que o matou ? você não viu ? porque não defendeu seu irmão ? Diga, quem foi que o matou, diga, diga !

João olhou para a espada, que lhe pendia do lado batendo-lhe na perna.

A mãe não entendeu e repetiu :

— Meu adorado Pedrinho ! mas você não falla, João ! Diga quem foi que o matou, diga tudo !

— Fui eu...

D. Catharina recuou espavorida ; depois, avançando para o filho, bateu-lhe no peito, bem sobre o coração e bateu-lhe na cara, muitas vezes e com muita força. Toda ella vibrava na convulsão do desespero, e a voz que a dor tinha desafinado e enrouquecido, uivava e rugia a um tempo, como um cão que se lamenta ou uma féra que ataca.

— Maldicto ! matar seu irmão ! você, que mammou nos mesmos peitos, sahiu do mesmo ventre, nasceu do mesmo amor ! amaldiçoado... Caim !

D. Catharina esmurrava o proprio corpo, á proporção que fallava ; e o filho ouvia-a calado, tremulo. A mãe teimava por arrancar-lhe uma palavra ao menos e repetiu num desespero :

— Diga tudo, maldicto. Porque foi que você o matou, porque ?

— Pela patria !

— Pela patria! repetiu ella, rindo, raivosamente. A patria sou eu! Eu que soffri, e que só vivia do vosso amor! Isto não é guerra por amor da patria: eu sei o que dizem por ahi. Eu sei! Infame, maldicto... some-te da minha vista, Caim! Caim!

D. Catharina cahiu sem um soluço. João levantou-a, fêl-a voltar a si e, de joelhos, chorosamente, contou-lhe tudo. Matara o irmão na treva, na desordem da lucta, corpo a corpo. Porque viera o Pedro para elle com tanta furia e arreganho? Matara quem o queria matar, defendera-se... porque, jurava, só conhecera a voz do irmão ao ouvir-lhe o ai derradeiro. Foi então que procurando fixal-o, viu-o deitado de costas, com os braços abertos e o peito estreito arquejando no desprender da vida.

D. Catharina repetiu:

— Amaldiçoado!

João concluiu: viera despedir-se da mãe, pedir-lhe que lhe perdoasse... Mais nada. Voltava para o combate.

A mãe não procurou retel-o, e elle sahiu chorando.

O soldado não voltou á casa materna...

D. Catharina começou a perdoar-lhe quando teve medo de perdel-o.

Um dia, já muito sobresaltada, sahiu para ir buscal-o, num alvoroço, sem saber como perguntar por elle; mas logo no meio da estrada esbar-

rou com uns soldados que lhe disseram cruamente a verdade : o João tinha sido baleado e fôra levado com outros, num montão de cadaveres.

O dia estava sombrio, uma manhã cinzenta e chuviscosa. Os soldados passaram. D. Catharina ficou immovel, com os olhos na onda verde que vinha desfazer-se na escumilha fôfa da espuma, á beira do caminho silencioso.

Ella tinha-o amaldiçoado... lembrava-se só d'aquillo. O João estava decidido a morrer... fôra-lhe solicitar o perdão e só tinha ouvido em troca as palavras :

— Maldicto ! Caim !

O vento agitava-lhe o chale preto, que se abria em azas de corvo, e D. Catharina, alongando a vista, julgou ver ao longe os espectros dos filhos, com os braços hirtos, muito erguidos para o céo inclemente e as boccas articulando sem voz, num esforço medonho :

— Pela patria ! Pela patria !

Batendo então com as mãos fechadas no peito fundo, D. Catharina, no seu egoismo materno, respondeu-lhes, gritando em arrancos de louca :

— Calae-vos, ingratos ! A patria sou eu ! sou eu ! sou eu !

O DR. BERMUDES

A RAYMUNDO CORRÊA

Hão de crer? Encontrei esta manhã o Dr. Bermudes, aquelle velho bohemio incorrigivel, com o seu legendario casacão ruço, as botas cambadas, o collarinho sujo, e o seu ar de fome, olhando pasmado para uma vitrine de bonecos!

Quem não sabe da chronica do Dr. Bermudes? Conhece-a o Rio de Janeiro em peso, desde os lentes da academia, de quem elle fora condiscipulo, até aos caixeiros dos botequins que o levam para o relento das calçadas, a horas mortas da noite, quando as estrellas brilham no céo sobre os telhados mudos da casaria adormecida.

O Bermudes está velho, tem perto de cincoenta annos, e a ventania da desgraça poz-lhe na pelle tons de cobre sujo, e manchas de neve naquellas barbas, que mais parecem hervas hirsutas de uma brenha. Credo!

Quem dirá que aquillo já foi moço, galante, garboso, rico, correndo ás aventuras arriscadas,

sempre bem vestido e bem fallante, enamorando as mulheres com a doçura dos seus olhos, e o espirito dos homens com a faisca das suas palavras ardentes e bombasticas?

A sua passagem deixou rastro na academia; citam-se ainda phrases suas e feitos de arreganho em que entrou sempre uma alevantada idéa de justiça. Trazia capa e espada na alma, já que os tempos burguezes não lh'as permittiam no corpo. O Bermudes era um D. Quixote, mas novo, bonito, com uma voz que arrastava a gente, e cada gesto, cada idéa, de quem tudo domina e nada teme.

Eu conheci-o ainda nos bons tempos da D. Jacintha, a tia velha, que lhe dava dinheiro e o mantinha naquellas doidices da mocidade, com o brilho que a sua imaginação requeria.

E elle aproveitava. Só fumava do bom, comia como um principe, e das suas mãos finas as esmolas cahiam, como chuvas de verão, no regaço dos pobres. Sujeita, como tudo, ás leis da natureza, a D. Jacintha foi muito quietinha para o cemiterio, numa formosa tarde de inverno, d'essas de nuvens de oiro e de roseiras em flor.

Pela escadaria de pedra do jardim, quantas abas negras de sobrecasacas fluctuaram, a caminho das reverencias ao Dr. Bermudes, o bello Bermudes, unico herdeiro d'aquella velha millionaria? E elle lá estava, na capella ardente, pallido, com a face compungida e as lagrimas luzindo-lhe nas pupil-

las. Era só então : « Sr. Dr. Bermudes ! » — « Sr. Dr. Bermudes ! »

Muito respeito, muita piedade e grandes condolencias... Lá de um cantinho, o tabellião Taveira, com a papada de porco untando de suor o collarinho e o peitilho da camisa, sorria por dentro, no mysterio do seu officio, d'aquelles dizeres de tantissimas boccas. Elle lera ao Bermudes, horas antes, o testamento da tia. A idiota não deixara nem um vintem ao sobrinho ; ia toda a fortuna para a sua irmandade de S. Francisco. E o Bermudes nem estremecera. Era como se fosse tudo muito natural.

Acabada a leitura, elle ergueu-se e dirigiu-se para o catafalco. O tabellião e as testemunhas pularam, julgando que no rostinho mirrado do cadaver cahisse vingativa e irrespeitosamente a mão do Bermudes. Não; elle fôra sacudir as moscas, que faziam por entrar na bocca de onde só orações tinham sahido havia longos annos.

E ninguem mais fallou em tal. A velha, que o acostumara aos regalos de uma vida de luxo e dissipação, deixou-o sózinho na miseria. E só o seu confessor sabia as razões d'isso...

Bermudes ficou sem ter onde dormir, nem onde comer, gyrando por essas ruas, alegre com uns, condoído de outros, sem rancores, acceitando o jantar de um amigo, o leito de outro, coisas de emprestimo, que foram rareando pouco a pouco, até que se acabaram de todo...

Elle deixou assim de ser o homem de sala para ser o typo da rua. Affez-se ás más companhias e ao máo vinho. E quando bebia sonhava que a tia Jacintha voltara da viagem e que tinha outra vez o seu grande leito de docel com sanefas de purpura, e o seu chocolate quente com pão-de-lot, trazido pelo criado, o mulato Candinho, antes do banho, nas suas manhãs preguiçosas. Quando o Bermudes accordava da bebedeira, via que o colchão não era o seu antigo, de paina de seda, desfiada pelas crioulas da casa, mas sim o lagedo da rua immunda. A decepção abria-lhe vontade de beber outra vez, e elle bebia para sonhar com os regalos fornecidos pela defuncta velhota.

Ainda ha senhoras por ahi que bem se lembram de ter valsado com elle, o que era um prazer delicado. De uma sei eu que, quando o vê, volta o rosto e sente estragado todo o prazer do seu passeio. Embora a filha lhe pergunte : — Mamãe, por que ficou triste? — Ella não lhe responde e vae andando... Vae andando com a idéa presa á lembrança de outros tempos, quando o Bermudes, moço, rico, estimado, ia vel-a todas as tardes, chamando-a — minha noiva, mesmo nas bochechas do papae e da mamãe... E d'aquella voz do Bermudes nunca ella se esquecera, nem depois, quando outro homem lhe deu o mesmo titulo, na mesma casa, ao lado das mesmas pessoas ! Ella tambem já tem os cabellos brancos, mas, porque é rica, como cheiram bem os seus vestidos de seda e os seus mante-

letes á moda! O marido nunca lhe soube dizer que a amava, como o Bermudes, que lhe plantara na alma um canteirinho de flores odorantes; mas que luxo lhe dava, santo Deus!

O Bermudes é que a não conhece; esqueceu-a, perdoando-lhe assim generosamente... e por ahi anda com o seu casacão roto, e os seus passos tropegos, em que entra já o tremor do alcoolismo...

Um dos seus divertimentos, ora vejam! é ir postar-se em frente ás vitrines de bonecos, com uma attenção que nada abala. Sorri para as pastorinhas de avental e chapéo de palha, para os *clowns*, para os velhos do Natal, para os bebés das caixas armadas a rendas e setins, para os velhos sapateiros batedores de sola e para as carrocinhas tiradas por um burrinho gordo.

A gente da loja já o quiz enxotar, dizendo que elle afugentava a freguezia. Entretanto, Bermudes sorri com as creanças que passam, porque, como as creanças, elle sempre amou a ficção. E ha de amal-a, até que um dia... Vão vêr que a tarde em que o levarem para a sua ultima cama, não ha de ser tão bonita como aquella em que levaram a velha tia Jacintha!

A VALSA DA FOME

Quando o pianista Hippolyto entrou na sala, houve um sussurro de contentamento. Era preciso romper aquella monotonia, as moças estavam mortas por dançar.

Dentro de uma velha casaca ensebada, com o pescoço hirto e as grandes mãos balançantes, elle dirigia-se para o piano a largos passos, com as narinas dilatadas e o queixo muito agudo, cortando o caminho como uma prôa de navio virada para o porto desejado.

Houve quem risse; elle era tão magro, ia tão amarello e com tão viva chamma nos olhinhos pretos, que uma senhora, uma d'essas senhoras espirituosas e amigas de fazer comparações, perguntou a um amigo :

— Quem teria tido o exquisito gosto de vestir de homem aquella tocha funeraria?

Logo o interrogado, rapaz gordo, mettido a litterato, com o peito florido por uma gardenia immaculada, respondeu :

— A fome. Foi a fome que lhe envergou aquella

casaca pre-historica e lhe amarrou ao pescoço, com verdadeira gana de o enforcar, aquella gravata branca. Só ella, a maligna, o faria entrar neste salão burguez para divertir as moças. Porque, fique sabendo a minha senhora e amiga, aquillo que está alli é um artista. A fome tem muita força para trazer um animal d'aquelles, todo nervos, para um logar d'estes. Só pelo freio!

— Oh!

— Não se escandalize e repare-lhe para a nodosidade dos dedos. Valentes, formidaveis, não? Pois vae vêr: roçam pelo teclado como uma ponta de aza pela superficie de um lago. Hão de me agradecer o tel-o trazido cá...

— Ah, foi o senhor...

— Fui eu; por um acaso... Imagine que fui hontem encarregado de contractar o pianista para a festa, e que só hoje, á ultima hora, me lembrei da incumbencia!

— Sempre o mesmo! Aquelle senhor então, veio remediar uma falta...

— E preencher uma lacuna. Com duas palavras vou fazel-a interessar-se por elle. Tinham-me dicto que o Hyppolyto, chama-se Hippolyto, vendera o piano ha cerca de uns seis mezes, para fazer o enterro á irmã, unica pessôa da familia que lhe restava ainda, e que morreu de penuria com outras complicações... Conheci-a, era um lirio; tanto este é de bronze como a outra era de crystal. Amavam-se como nunca vi; elle tocava-lhe as suas

composições e ella entendia-o, ia até ao fundo do seu pensamento, numa admiravel intuição de arte, toda feliz, toda orgulhosa d'aquelle irmão. Atravez do seu corpo diaphano, como que se lhe via a alma illuminada e radiante. Era muito branquinha, muito branquinha... Pobre pequena! Desde que ella morreu sumiu-se o Hippolyto. Naturalmente, por mais que elle nos divertisse e nos fizesse falta não o quizemos perturbar na sua magua. Comprehendo que para um homem não ha amor tão doce como o de uma irmã, nem que maior saudade possa deixar... Perdi assim de vista o meu maestro, até que, deshabituado, não me tornei a lembrar d'elle, quando hoje, de repente, na occasião mesmo em que eu me esbaforia atraz de um pianista para a *soirée* da minha tia, encontrei-o cabisbaixo, contemplando as ruinas dos botins. Pareceu-me um santo; agarrei-o com a possivel veneração e fiz-lhe a minha supplica com tal ardor que elle accedeu tremulo, numa anciedade febril, titubeando :

— Ha seis mezes que não toco, desde que ella morreu... sabe? não tenho piano, não frequento casas de musica. Cavo a vida por outros modos... mas estou com saudades, muitas saudades!

Tinha a bocca secca, senti-lhe o halito ardente; convidei-o para tomar um schop.

— Não ; tenho medo, respondeu-me. Estou com fome.

— Mais uma razão para ires tocar á casa da

minha tia, respondi-lhe. Lá matarás a fome a perú trufado e as saudades do piano num excellente *Bechstein*.

Se não fosse tão tarde... Tens casaca?

— Não tenho nada.

— Ha ahi umas casas que alugam d'isso. Apressa te; ás dez horas deve romper a primeira valsa e já são oito. Toma o dinheiro para a casaca; comerás lá em casa. Foi tudo o que eu disse, á pressa, pensando em ir preparar-me tambem. E elle arranjou-se, não sei em que guarda-roupa, mas com uma brevidade que me espanta, visto que eu começava a temer... Sim, com dinheiro no bolso, em vez da casaca elle tinha razões de esfomeado para dar preferencia a um jantar de *restaurant*. Não lhe parece?

— Parece. Vê-se que gosta mais de contentar a alma do que de satisfazer o estomago.

— Artista. Depois da primeira valsa vou fazel-o ceiar... Por Deus! adoro estas organisações!

— Tem um certo sabor, a sua historia; mas agora diga-me com franqueza, não receia que esse senhor heroico nos toque uma marcha funebre em vez de uma contradança? Olhe para elle!

— E a senhora ri-se!

Hippolyto sentava-se. As abas da casaca pendiam-lhe murchas e amarrotadas, como duas azas de urubú doente. As suas mãos trigueiras, que o exercicio do teclado desenvolvêra, cahiram sobre o marfim do piano num gesto avido, de posse. O

busto ossudo e longo arquejou-lhe num soluço abafado e duas lagrimazinhas ardentes subiram-lhe aos olhos aridos. Ninguem as viu; todo dentro de si, elle escutava, maravilhado, os sons que ia ferindo e que se seguiam em revoada, como um bando de aves libertadas de repente de uma clausura longa...

Rolaram notas macias, num preludio que foi como que uma caricia por todas as teclas, e d'esse preludio nasceu uma valsa, ora rythmada em graves, ora desdobrada em harpejos que iam e vinham num movimento doce e embalador.

Atraz d'elle já rodopiavam os pares. Carnes assetinadas, dos collos e dos braços nús, illuminadas pela poeira lucida da brilhantaria, roçavam palpitantes o aspero panno das casacas. Ia crescendo o numero de pares. Manchas azues, roseas, brancas e violaceas, gyravam diaphanas, ora aqui ora alli, como nuvens do crepusculo baloiçadas pelo vento.

Inebriado, num goso extatico, Hippolyto admirava-se que o piano obedecesse ainda tão bem aos seus dedos nervosos e á sua inspiração. A saudade da arte, a saudade dolorosa que havia tanto o pungia, desafogava-se emfim! Seria um sonho aquillo? Nunca a sua imaginação fôra tão fresca nem tão abundante. O repouso dera-lhe novas forças; o soffrimento subtilisara-a.

Assim, Hippolyto abstrahia-se; ia perdendo pouco a pouco a noção do logar.

A valsa seguia o seu curso, creando a cada com-

passo novos motivos, que, nascendo uns dos outros, se avolumavam de pequeninas fontes em cascatas, onde as melodias fluctuavam como flores na torrente para se submergirem em harmonias, compactas e nunca repetidas.

E como aquella saudade não se contentava, a musica era infindavel.

Algumas pessôas paravam extenuadas, mas vinham logo outras; dançava-se sempre, até que vozes impacientes gritaram :

— Basta! basta!

Não bastava. O artista, insaciado, não ouvia ninguem. Todo curvado, anhelante, com os joelhos pontudos erguidos alternadamente pelo movimento dos pedaes, os cotovellos magros unidos ao corpo tremulo, as mãos enormes, ora leves como plumas, ora pesadas como ferro, na brancura do marfim, elle aspirava entontecido aquella musica nascida do seu cerebro e da sua alma, tal como se ella fôsse um aroma intenso que o perturbasse e ainda assim quizesse absorver.

Todos na sala olhavam para elle com pasmo, na vaga percepção de um mysterio divino. Já nenhuma voz dizia : — basta! os labios entreabriam-se de espanto, mas em silencio.

Que musica nova seria aquella, onde os sons borbulhavam num fervor continuo, marulhando como a onda ou rompendo em remigios de aves gorgeadoras? Que musica seria aquella, para levar de roldão, no leve compasso da valsa, risos e ago-

nias, badaladas de sinos, phrases de loucos e suspiros de amor?

Na densa espiritualidade d'aquelle poema, sentia-se offegar uma ancia irrequieta, humana, de perfeição. O supplicio de a attingir, arrastava-se como um desejo eterno, sem esperança...

Pallido, convulso, sem sentir a fome que o dilacerava, o pianista agitava-se, transfigurado, com os olhos lacrimosos e a fronte enluarada.

Dos seus dedos, fortes como raizes nodifloras, desabrochavam cachos de modulações, e elle vergava-se todo, como se por vezes quizesse beijar o piano.

Havia mais de uma hora que durava aquella valsa, e Hippolyto tocava sempre, exuberante, num alheamento mystico, de sonho. Tocava já sem as blandicias dos primeiros compassos, já sem os esboços fugazes de motivos em successivo abandono, mas num esforço de victoria suprema, num desdobramento febril de sons que faziam do piano uma orchestra e da valsa uma marcha de triumpho.

Levantaram-se todos, lividos de espanto. A solemnidade d'aquella loucura, e a concepção de uma obra de arte e sua simultanea execução produziam em toda a gente o arrepio do goso e o silencio do pasmo. Arquejante, surprehendido pela magnificencia da sua creação, Hippolyto, desvairado, alterou o compasso, desenvolvendo um trecho de sonoridades amplas,

numa allegoria á Gloria, digna de uma cantata.

Sem vêr ninguem, elle recebia o influxo da admiração de todos. As luzes irradiavam como o sol, a atmosphera carregada de aromas entontecia-o, e a fome extorcegava-lhe o estomago, fazendo-lhe escorrer pelas costas e os membros um suor de vertigem.

Não podia mais, vinha o cançaço, os pulsos amolleciam-se-lhe, uma nuvem escura ia-lhe a pouco e pouco toldando a vista... Feliz, naquella reconquista, elle teimava, teimava, cada vez mais fraco, já inconsciente, com os dedos erradios no teclado, de que levantava agora uma revoada de sons allucinados e confusos. Reapparecia o rythmo da valsa arrastando harmonias desaccordes, nascidas ao acaso das mãos bambas...

O auditorio que o acclamara, começava a rir, ao principio baixinho, depois mais alto, mais alto, até á gargalhada franca e brutal, quando, repentinamente, se calou assustado.

O rapaz da gardenia, com os olhas cheios de agua, correu a acudir a Hippolyto, que desmaiara sobre o piano.

O FUTURO PRESIDENTE

Uma... duas... tres... quatro... e as horas foram soando numa lentidão de relogio velho, até a decima pancada.

Era noite; pela janellinha aberta, do sotão, via-se um pedaço do céo estrellado, e nada mais.

No interior, havia um lampeão de kerozene sobre uma mesa de pinho; um armario sem vidros, com cortinas de chita; cabides, machina de costura e uma ruma de caixas de papelão empilhadas num canto.

Juncto á mesa uma mulher mal tractada, magra, de olheiras fundas e dedos callejados, curvava-se para deante, pregando botões numa camisa para o Arsenal.

Ao pé d'ella, num berço de vime, dormia regaladamente um pequerrucho, gordo e trigueiro, com a cabeça enterrada na almofada e as mãozinhas papudas e abertas, espalmadas sobre a colcha vermelha.

Além do *tic-tac* do relogio, só se ouviam os

estalidos da agulha e a respiração regular da creança.

A mãe de vez em quando tirava da costura o seu olhar cançado e deixava-o cahir sobre o filho. Os seus olhos verdes perdiam então pouco a pouco a nevoa de tristeza que os tornava sombrios, até irradiarem com a limpidez das esmeraldas sem jaça.

O marido tardava; talvez passasse a noite toda fóra, vigiando a linha dos bonds, com a sua lanterna de côres, e ella aproveitaria o tempo para coser e adiantar serviço; a vida é tão cara e elles ganhavam tão pouco...

Pensando na difficuldade de se sustentarem, lembrava-se do bom tempo em que o marido era forte e activo; agora o desgraçado tinha só uma perna e o juizo já não era como d'antes... emfim, ajudava-o ella; e d'ahi a alguns annos haveria mais alguem a auxilial-os.

Esse *mais alguem* continuava a dormir tranquillamente, com as duas mãozinhas abertas sobre a colcha.

Entretanto, a imaginação da mãe ia-lhe abrindo um caminho florido e largo atravéz do mysterioso e impenetravel futuro.

Com a costura cahida nos joelhos, a cabeça voltada para o berço, ella dizia mentalmente:

— Elle ha de ser bom, ha de ser amado por toda a gente... haverá alegria nos olhos que o virem, e todas as mãos se extenderão para apertar

a sua mão honesta! Meu filho! Como elle dorme! Como elle é bonito!

Hei de ensinal-o a ser caritativo... mas como? se nós somos tão pobres... Não faz mal, ha de se arranjar um meio de o fazer dar esmolas! Será abençoado assim pelos infelizes! Coitadinho! chorou tanto hoje!... faltou-me o leite, talvez... com esta vida de trabalho, não admira! E tão manso que elle é! pobre creança!... Pobre... pobre! É preciso que elle seja rico, para ter completa a felicidade! Isso é que ha de ser mais difficil... e d'ahi, quem sabe? talvez não...

O pensamento ficou-lhe suspenso nessa idéa; com um suspiro de desalento voltou á costura, e os seus olhos foram-se enturvando. Tambem o marido tinha tido grandes esperanças de fazer fortuna; tambem elle architectara castellos de oiro e crystal, e deitara-se ao trabalho com amor e coragem; tambem elle era probo, e digno, e leal, e ahi estava agora quasi inutilisado, desde que a maldicta machina de um trem lhe esmigalhara uma perna, mudando-lhe o seu genio desembaraçado e viril, por aquella actual inercia, doentia e triste!

A que está sujeita a gente de trabalho rude! Ella que, desde pequena, se mostrava timida, encolhida pelos cantos, séria e franzina, era quem mais lidava e com maior animo, agora! O seu esforço seria compensado? poderia levar ao fim a

criação do filho? Chegaria a vêl-o homem, bem educado, poderoso, feliz?

Lembrava-se de que, da ultima vez que tinha levado roupa ao Arsenal, ouvira num bond, entre dois sujeitos velhos e bem vestidos, uma conversa que lhe causara impressão.

Fallavam de pessoas de condição humilde, quasi despreziveis muitas vezes, mas cuja intelligencia, actividade e esforço conquistaram coisas estupendas no mundo das artes, no mundo da sciencia e no mundo da politica! Alludiam encomiasticamente a um rachador de lenha, que foi chefe de estado; a um filho de um tanoeiro que chegou a marechal de França e a principe; a um tecelão, nascido num subterraneo, que foi um grande botanico... e a outros assim.

Essa gente toda era apontada na Historia pelo seu valor extraordinario, tendo alcançado, a par de grandes fortunas, o respeito universal!

Emquanto esperava que lhe recebessem o numero, no Arsenal, ia repetindo de si para si a conversa dos velhos, a tal ponto que a chamaram de distrahida...

Distrahida! O que ella estava era cogitando no futuro do filho!

Interrompeu de novo a costura, deu mais luz ao candieiro, dobrou umas camisolas já promptas, e recostou-se um pouco, descançando as costas que lhe doiam. O pequenito moveu-se; ella arranjou-lhe a coberta delicadamente, para o não

accordar, e poz-se a olhar para elle num extase.

— Ha de ser formoso, ha de ser amado! virá um dia em que o solicitem outros amores, em que a paixão de uma mulher o attraia a ponto de esquecer-me! O sacrificio que eu faço, as dôres que soffri, as forças que eu exgotto amamentando-o, tendo-o ao collo, perdendo com elle as noites, serão coisas ignoradas, ou de que elle não faça senão uma idéa incompleta! Meu filho! como eu já tenho ciumes d'essa outra que lhe ha de absorver toda a intensidade do seu affecto! Mas não; ella será toda meiguice e amor, ella ajudar-me-á a fazel-o feliz!... Elle é intelligente... elle terá mesmo um talento notavel! Será grande; será respeitado... chegará aos cargos mais altos... meu filho! como elle é innocente! como elle é puro!

Qual será o meu orgulho ouvindo chamarem-n'o: « Senhor doutor! » e vendo-o deputado, a fallar nas camaras, com muita nobreza e distincção, correcto, sympathico e justo! Depois... se isto chegar a ser Republica, como andam a dizer por ahi, por que não será meu filho o presidente?

Neste ponto os olhos da pobre mulher lampejaram de alegria; as suas grandes pupillas verdes tornavam-se verdadeiramente luminosas, atravessadas por uma alegria offuscante, como se a sua alma fosse um intenso fóco de luz!

Presidente!... presidente!... Sim, elle será presidente! Quando passar pelas ruas toda a gente

o cumprimentará; e os ministros, fardados e veneraveis, curvar-se-ão deante d'elle com o respeito devido a um superior, nos grandes salões de um palacio onde elle habite. Terá carros luxuosos, cavallos e criados... Á sua voz abrir-se-ão as prisões, os hospitaes, os asylos, todos os edificios onde a desgraça more! Clemente, consolará os tristes, levando-lhes no seu conselho ou no seu perdão a esperança e a ventura! As mães atirarão flôres a seus pés; os moços saudal-o-ão alegremente e as creanças cantarão hymnos agradecendo a sua protecção, o seu amparo, a sua sympathia. A todos os recantos escuros descerá o seu olhar luminoso! para cada chaga terá um balsamo, para cada magua um consolo, para cada vicio uma rehabilitação! A cadeira de velludo que lhe destinarem em todos os logares em que tenha de comparecer, quer seja um logar de festa, quer seja um logar de dôr, será sempre cercada de flores, atiradas ahi pela multidão compacta do povo, que o proclamará, unanimemente, o melhor dos homens!

Sim! meu filho será o melhor dos homens! Triumphante, poderoso, altivo, bello, adorado, ha de levar-me pelo braço, a mim, velha, cançada, tremula, e dirá á vista de toda a gente, sem se envergonhar da minha figura nem da minha ignorancia:

« Esta é minha mãe! »

A costura do Arsenal cahira no chão; a visiona-

ria mulher tinha lagrimas nas faces, lagrimas de jubilo que aquelles pensamentos lhe davam. Nervosa, hysterica, doente, deixara-se embalar de tal maneira pelas doiradas chimeras d'aquelle sonho irrealizavel, que o julgava já exequivel, certo.

Voava pelo azul de sua phantasia, quando ouviu na escada os passos irregulares do marido, batendo nos degráos com a sua perna de páu. Correu a abrir a porta.

O homem entrou carrancudo, confessando logo, á queima roupa, estar sem emprego... Implicancias e queixas de um fiscal... guardava as explicações para o outro dia; estava cançado. Deitou-se e adormeceu.

A esposa, arrefecida, gelada por semelhante noticia, voltou para a costura; duplicaria o seu esforço, faria serão até mais tarde, talvez toda a noite...

No entanto o relogio cançado ia batendo, uma... duas... tres... quatro... até a decima segunda pancada da meia noite; e no bercinho de vime dormia regalado o *futuro presidente*, com a cabeça enterrada na almofada e as mãozinhas papudas espalmadas sobre a colcha de côr.

(1889)

O ULTIMO DISCURSO

A COELHO NETTO

Dr. Paula Guedes, muito velhinho, sumido entre os almofadões do seu grande leito de peroba, com os pés aquecidos por uma botija de agua quente, a camisola de flanella bem abotoada no pescoço, delgado e rugoso como um galhinho secco; as mãos mirradas sobre a colcha de lã, a fronte já tocada de uns tons da amarellidão cadaverica, os labios murchos sob o musgo branco do bigode queimado, as palpebras descahidas, mal ouviu a neta dizer-lhe que havia alli um officio dirigido a elle, sentiu logo um calorzinho entrar-lhe na alma fria.

Ainda não o tinham esquecido!...

E, com um fio de voz fragilissimo, reclamou logo:

— Os meus oculos!

Postos os oculos, disse radiante:

— É do Instituto! E apalpava o papel grosso

onde o distico d'aquella corporação apparecia em lettrinhas negras.

A neta, em pé ao lado da cama, observava-lhe com espanto a mudança da physionomia. As palpebras até então fechadas numa somnolencia que parecia o ensaio para o grande somno, levantavam-se agora, deixando que das pupillas, ha pouco amortecidas, sahissem novos lampejos, como mosquinhas loiras bailando no ar.

— Hum... hum! é do Instituto... ainda não me esqueceram... sempre faço alguma falta...

Todo o corpo do doente se movia sob a grande colcha felpuda, onde não faria menos volume o esqueleto de um menino de dez annos.

A neta offereceu-se para a leitura.

— Não; depois! espera... corre a cortina... a luz está má.

— Assim?

— Assim.

A leitura começada foi logo interrompida.

— Hum!... hum!... abre a janella.

— Vovô, vamos ter chuva; ha tanta humidade que nem parece uma manhã de verão.

— Não faz mal, abre a janella.

— Mas... vovô!

O Dr. Paula Guedes, que tomara na vespera os sacramentos, como bom catholico-apostolico-romano, todo purificado pela absolvição, rompendo a inercia dos seus oitenta e tres annos e d'aquella

doença que o fazia tiritar de frio em pleno Fevereiro, gritou em um falsete irado:

— Abre a janella!

A janella abriu-se. A araucaria e os pés de camelia plantados perto de casa gottejavam orvalho; para além nada se via: tudo era branco.

— Aqui na Tijuca estes nevoeiros de verão prognosticam dias formósos, disse o doutor com um sorriso, desdobrando o officio.

Era um convite. Pediam-lhe que fosse elle o orador na grande solemnidade que o Instituto realizaria d'ahi a um mez em homenagem ao tricentenario de Anchieta.

Então é que o enxame das mosquinhas de oiro torvelinhou doidejante. Meu Deus! o Instituto, o centro das grandes capacidades do paiz, dos nomes mais respeitados e queridos do imperio e da republica, aquelle ninho de intelligencias perfeitamente dirigidas, de ministros, conselheiros, marechaes, historiadores, e grandes homens de lettras, precisava d'elle, do apoio da sua voz, do fulgor da sua illustração? Que honra, que doce consolo aquelle que lhe ia bater á porta nas ultimas horas da sua vida, exactamente quando elle curtia a amargura de pensar que tinham ha muito posto sobre o seu nome uma pedra ainda mais pesada do que a outra que botariam em breve sobre o seu corpo!

Alvoroçado releu o officio, passou-o á neta, ouviu-o lêr de novo; mandou chamar a familia

inteira, communicou-lhe o successo, com ar rejuvenescido, contente.

Elle faria por acceder ao convite!

Oppuzeram-se todos. Seria a sua ruina; que dormisse descançado, sem atormentar a imaginação.

Que se lembrasse dos conselhos do medico... e que mais isto e que mais aquillo...

Fallassem pr'alli! Elle já nada ouvia. Escorregou nos seus travesseiros, fincou o olhar na cupula do cortinado, e, nem mais palavra.

Fecharam a janella, aconchegaram-lhe ao corpo mirrado as dobras da colcha, cerraram o cortinado e — *chut!* — sahiram em bicos de pés.

No seu grande leito, o Dr. Paula Guedes, muito branquinho e engelhado, de mãos postas, tal e qual como na vespera, quando a Visita de Deus entrara no seu quarto, via desfilar o cortejo extraordinario dos grandes vultos da historia.

Galeras a todo o panno singravam as ondas aniladas com rumo ás terras formosas em que soavam a lingua dos Tupys e a lingua dos Guaranys.

O espirito do velho Dr. Guedes lá se remontou a 1553, sorrindo ao vulto pallido e severo do moço Anchieta, acompanhando-o pelas selvas negras e as montanhas pedregosas, vendo-o escrever os seus versiculos sacros e arrebanhar creanças para as procissões.

Começou então a pensar na construcção do seu discurso. Dividil-o-ia em grandes periodos, com

toda a sua minucia e caturrice academica; deveria ser uma peça substanciosa, por vezes anecdotica, mas sempre elevada. O seu maior empenho era o de fazer este discurso mais brilhante que todos os outros que tinha deixado atraz de si, espalhados pelas salas, pelas revistas e pelos archivos. A palavra entontecia-o, arrastava-lhe o pensamento na sua torrente macia, onde as idéas lampejavam como faúlhas immorredoiras.

O orador começava a achar intoleravel a demora no leito. Veio-lhe a saudade das suas estantes, do conforto da sua bibliotheca, da commodidade da larga secretaria, tão affeita ao peso do seu braço amigo.

Já não sentia frio, já não lhe doiam os membros lassos, quasi inertes; aquelle convite do Instituto fôra a providencia; trouxera-lhe um pouco de mocidade; era uma resurreição!

Oh! o Instituto não se esquecêra... estava tranquillo: deixava um nome, faria falta!

Trouxeram-lhe leite; bebeu-o de um trago e reclamou papel e lapis.

Houve rumor em casa. Consultaram-se uns aos outros. Dariam o lapis? Dariam o papel? Uns diziam que sim, outros que não; e entretanto elle, murcho e débil no meio dos seus almofadões, coordenava as suas memorias historicas, organisando uma obra digna do assumpto, com um pouco de phantazia que lhe adoçasse a sobriedade dos dizeres classicos, em portuguez bem lit-

terario e castiço, como se presava de escrever.

Trouxeram-lhe afinal o papel e o lapis, e a pouco e pouco foi-se o leito juncando de livros, archivos, glossarios, volumes de historia.

O Dr. Paula Guedes já não carecia da botija de agua a ferver para os pés ; um calor confortativo, de vida, alastrava-se por todo elle, em uma febre doce, que punha cada vez mais acceso o enxame de mosquinhas de oiro dos seus olhos encovados.

— Cada louco tem a sua mania ; resmungava a familia descontente, com medo d'aquelle trabalho penoso para um corpo sem sangue, prestes a cahir.

Entretanto o discurso ia indo, caudaloso, nos moldes velhos a que o orador se acostumara e que considerava, como bom rhetorico, os unicos capazes de bem levantar as almas.

O milagre fez-se. O velhinho parecia ter adiado a morte, e levantou-se oito dias antes da grande solemnidade, com o seu discurso architectado e as mãos cheias de notas que elle coordenou na grande secretaria da sua bibliotheca.

Tudo concluído, recommendou ás filhas que lhe preparassem o terno da casaca, as luvas e a gravata branca, mais as suas commendas que elle, grande respeitador das velhas instituições, usava sempre nas funcções solemnes.

Naquella febre, todo voltado para o ideal e para a historia, o velho Dr. Guedes rejuvenescia, como

se mão mysteriosa o ajudasse, invisivelmente, a caminhar na vida.

Dias antes da cerimonia quiz ensaiar-se e experimentar o seu fato, ha tanto tempo guardado no fundo escuro do armario.

Preparou-se ; o corpo nadava-lhe dentro do panno preto ; e dentro do collarinho engommado o seu pescocinho fino mal parecia dever sustentar-lhe a cabeça branca, recheada de idéas e de imagens gordas.

Para que o ensaio fosse completo abriu-se o salão da frente, accenderam todas as arandelas, e os filhos e netos sentaram-se disseminados, como se com a dispersão parecesse augmentado o auditorio.

Dr. Guedes entrou com passo firme, á força de energia, sorriu, fez a mesura do estylo : — « Minhas senhoras ! Meus senhores ! » — e, folheando os seus manuscriptos, começou a fallar em voz fraca, espalmando no ar a mão direita, emquanto a esquerda carregava as vinte e seis tiras do papel almaço.

O seu primeiro discurso não o commovera tanto. É que elle agora julgava-se esquecido, perdido da memoria dos seus contemporaneos e d'aquellas gerações que tinham succedido á sua, com menos brio e peiores armas. Agora estava consolado : o Instituto lembrava-se, e o Instituto valia tudo !

Com as condecorações reluzindo-lhe no peito

magro e fundo, o Dr. Guedes procurava dar gravidade ao gesto e sonoridade á voz; mas os oculos descahiam-lhe, a vista faltava-lhe e a palavra perdia-se em um som rouco e debil. Elle mal percebia tudo isso, approximava-se da luz, sustinha com os dedos tremulos o aro de oiro dos oculos... E as filhas choravam, constrangidas, muito caladas, engulindo as lagrimas.

Quasi no fim, em um dos seus melhores periodos, em que idéas e palavras desabavam com fragor de catadupa, ao esboçar um gesto, o doutor Paula Guedes estacou, abriu os dedos e deixou voar para o chão as tiras do seu discurso. Acudiram todos; receberam-no nos braços, deitaram-no no seu grande leito de peroba, e, quando olharam de perto para o seu rostinho livido, viram que das suas pupilas fundas a ultima mosquinha de oiro tinha partido, como a ultima abelha do calix de uma flôr murcha.

Então, a mais calma das filhas reuniu as tiras esparsas do ultimo discurso do pae, dobrou-as e metteu-as carinhosamente no bolso da casaca, tal e qual como se elle, em vez de ter de ir para o cemiterio, tivesse de ir para o Instituto!

NO MURO

A JULIÃO MACHADO

Ao fundo do quintalzinho, o alto muro branco estava na sombra. De um unico canteiro, á esquerda, evolava-se o aroma de manacás em flor. Do outro lado, a haste debil de uma arvore nova, uma aralia talvez, balançava, em meneios vagarosissimos, a sua folhagem mimosa e leve.

Tudo em silencio na casa. As creanças dormiam já, abatidas pelo calor; a criada mal dera as boas-noites, e lá sahira pela porta fóra; só Maria Thereza, respousada da confusão do seu dia trabalhoso, cerrava os olhos preguiçosos, para cá e para lá, na cadeira de balanço, perto da janella da sua sala de jantar.

Nem o gaz quebrava o silencio que a envolvia. A claridade é uma voz; só a treva é muda. Aprazia-lhe aquelle socego a que entregava descuidada o corpo e o espirito. E assim esteve muito, muito tempo, com o seu rosto de histerica, longo e pallido, volvido para o escuro do quintalzinho estreito.

Mas a lua, que ha pouco lhe clareava a frente da casa, as cortinas rendadas e os tapetes do escriptorio e da sala, lembrou-se de lhe galgar o telhado e de ir insinuando pouco a pouco a sua luz meliflua pelo alto muro branco do quintal.

Maria Thereza, descerrando os grandes olhos pardos, viu a claridade vir lambendo a parede, numa caricia molle e frouxa. Ella bem sabia que aquelle grande laivo escuro, desenhando no alto uma ligeira curva e descendo depois em uma linha recta perpendicular, era um pouco de limo e mais nada. O muro, velho, requeria concerto; tinha, entretanto, intervallos de uma alvura virginal, que brilhavam á claridade, como linho extendido.

Maria Thereza sorriu; que visão aquella! dir-se-ia que a longa fita escura se movia agora em uma oscillação lenta, arrastando o seu longo corpo de reptil.

Na verdade, uma cobra andaria assim?... E mais adeante, falhas de caliça, umas esguias, outras redondas, quadradas ou elipticas, entravam a mover-se, a adquirir fórmas extranhas, mal distinctas, incertas, que no tremor da luz mal firme se dissolviam para tomar novamente corpo e fórma... Ao principio aquillo tudo era mal esboçado, confuso e inculto; mas, de repente, como a luz cahisse melhor, Maria Thereza viu, como se olhasse para um espelho singular, reflectida no muro a sua villazinha mineira, de onde o marido a trouxera para a vida turbulenta da cidade.

as suas phrases de oiro bruto. Seria mesmo a alma esquecida da mulata quem vinha num raio da lua desenhar taes coisas em um muro branco?

A Maria Thereza parecia então ouvir, em um sussurro delicado e longinquo, a voz da escrava, dizendo :

— Lembra-se, Yayá?!

Pobre Theodora! de nada se esquecera Maria Thereza, a não ser d'ella, a sua escrava velha e imaginosa, que lhe florira a infancia com os seus contos sem par, historias em que os heróes eram deuses de grandiosos feitos...

Lembrava-se da sua villa, das casas dos amigos, mesmo dos mais indifferentes, das arvores, taes como a nogueira do padre, e do rio, das noites de dansa, das festas da egreja, dos paes, das irmãs, das suas rixas, dos seus abraços, das fazendas dos arredores, de tudo... menos d'ella, da mulata Theodora, que, já velha, passava noites em claro a embalar-lhe a rede, que lhe refrescava o corpo com o banho, que lhe penteava os cabellos, que lhe engommava os vestidos, que a perfumava, que lhe dava os primeiros doces de qualquer tachada, que lhe contava as mais compridas historias de fadas que nunca lingua humana soube dizer!

O Natal... o Anno Bom... os Reis... tudo isso despertava saudades no espirito de Maria Thereza; — de todos e de tudo se lembrava com lagrimas, e em nenhuma vira nunca reflectida a figura simples da velha Theodora, risonha, doce e placida...

A alma da escrava vinha pela primeira vez fazer-se lembrada á sua Yayá, sem um queixume. Ella, que morrera no exilio, longe da sua terra quente de palmeiras e de sol; ella, que por lá deixara os filhos, não tivera assomos nem impaciencias para a creança alheia que lhe puzeram nos braços ainda tristes e saudosos do seu fardo amado... e era aquella dedicação pura e heroica, que só agora ella comprehendia, de relance, como se lhe fosse lembrada pela mão invisivel de Deus.

E no muro branco, nos laivos do limo, nas manchas da humidade, nos esboroamentos da caliça, a lua pallida, sem nuvens, esfumava os quadros fugitivos da sua vida passada.

As scenas régias das historias da mulata eram substituidas por outras: as romarias, os pomares, a estrada e o cemiterio... Lá estava o tumulo da mãe de Maria Thereza, de altos marmores e corôas de flores... lá estava o da irmã... os dos avós... os de outros parentes mais afastados...

E o da velha Theodora?

Esse, a imaginação de Maria Thereza não pòde descobril-o... Estaria além entre as covas rasas, sem uma cruz... sem um numero?

Estivesse ou não, a alma da escrava não lhe ensinou o caminho e depressa mudou para um scenario risonho o triste scenario da morte.

Maria Thereza ia desfallecer, quando se levantou de subito e fechou a janella com brusquidão. Para que lembrar? A propria lagrima amarga, é doce

vista atravéz da saudade. Que no velho muro branco a lua extendesse e recolhesse as sombras; ella fugia, salvando a sua alma abatida, á voz do marido que a chamava da porta.

Bem dizia a Theodora, no *Cavalleiro da Pluma*: ha uma unica força capaz de resuscitar os mortos e de alegrar os vivos : — o Amor.

AS ROSAS

O meu jardineiro era um homem de feio aspecto, todo coberto de pellos eriçados, vermelhaço de pelle e de olhar desconfiado e sombrio.

Toda a gente me dizia :

— Olha que aquelle sujeito compromette a tua casa! põe-n'o fóra!...

Mas, como elle era calado, mettido comsigo, e porque, principalmente, tractava muito bem das minhas flores, eu levantava os hombros :

— Não era tanto assim! O pobre homem! Aquelles modos de animal bravio, não os tinha de certo por culpa sua!

E assim iamos vivendo.

Uma tarde, em Setembro, desci ao jardim. Que crepusculo aquelle! No céo, esgarçado de nuvens, a lua, em foice, brilhava já, e com tamanha doçura, que dava vontade á gente de não fazer outra coisa senão olhar para ella! Havia tambem no ar, transparente e calmo, tal delicadeza de colorido, que a minha alma ficaria nella extatica, se os olhos, percorrendo tudo, não vissem logo a infi-

nidade de rosas, que as minhas roseiras promettiam.

— Quantos botões, Mãe do Céo!

— Tudo isto abre esta noite — resmungou com voz soturna o jardineiro... — Amanhã haverá centenas de rosas no jardim!

A minha phantasia desencadeou-se. Centenas de rosas frescas, todas abertas, deveriam dar uma graça nova áquelle recanto, pouco acostumado a semelhante fartura de flores.

Eu mesma quereria colhel-as ainda frescas de orvalho : mandaria um ramalhete a minha mãe, cobriria de rosas a sepultura de minha filha, encheria de rosas a minha casa...

E, usando de uma fórma imperativa e severa, pouco commum em mim, disse ao medonho e hirsuto jardineiro que não tocasse nenhuma flôr! Seria eu quem as colhesse todas!

Elle curvou-se, em obediencia.

Nessa noite, fui cedo para a cama, preparandome para madrugar no dia seguinte. E tal era o meu proposito, que peguei logo num somno doce e tranquillo.

Eram seis horas e já eu estava no jardim. Como quem desperta de um sonho, apatetada, olhei á roda e só vi folhas... folhas e mais folhas verdes! nem uma flôr!

Gritei pelo jardineiro, e elle veio, como por

encanto, num momento, mas com tal geito e tão demudadas feições, que tive medo.

Os olhos, de vermelhos, eram só sangue; a barba aspera, longa e ruiva, estava revolvida como por um vento de loucura, e nos grossos braços tisnados tinha signaes fundos de unhadas...

— As minhas rosas?! — perguntei-lhe, disfarçando o pavor que a sua figura extranha me infundia.

— Estão aqui! — disse elle, com voz grossa, como um baixo de orgam de cathedral; e caminhou para o quarto.

Fui atraz d'elle, espantadissima, mal segurando a saia do vestido, que se não molhasse na relva, — cheia de raiva e curiosa ao mesmo tempo.

O quarto do jardineiro era ao fundo, entre a horta e o jardim, ao pé de dois limoeiros da Persia, de gostoso cheiro. Ensombrando a porta, havia uma latada de maracujás, e, á esquina, encostados á parede, estavam os utensilios de jardinagem.

— Que quererá elle? — perguntava a mim mesma. De repente, estaquei:

— Não entro — respondi, a um gesto que me fazia.

— Então, olhe d'ahi —! replicou o homem bruscamente, escancarando a porta.

Encostei-me ao humbral para não cahir. No meio do quarto, sob uma avalanche de rosas perfumadissimas, entrevi o corpo de uma mulher.

— Era minha filha, — disse o jardineiro, entre soluços que mais se assemelhavam a uivos que a dôr humana; — um dia abandonou-me, correu por esse mundo... Esta noite, veio bater ao portão, muito chorosa... que o amante lhe batera... Ouviu bem, senhora?! Quiz fazel-a jurar que desprezaria agora esse bandido, para viver só no meu carinho... só no meu carinho!... Eu havia de tractal-a com todo o mimo, como se fôra uma creancinha... Fiz-lhe mil promessas, de joelhos, com lagrimas... Sabe o que me respondeu, a tudo?! Que amava ainda o outro!

Cego de raiva, matei-a; ah! matei-a e não me arrependo... Antes morta por um pae honrado do que batida por um cão qualquer... Depois de morta... achei-a linda, linda! mas, coitadinha! vinha miseravel, quasi núa... tive pena, e para fazel-a apparecer bem a Nossa Senhora, vesti-a de rosas!...

INDICE

Paris.—Typ. H. Garnier, rue des Saints-Pères. 301.9.1903. Cl.